

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-graduação em Psicologia

Scheherazade Paes de Abreu

O TEMPO QUE NÃO HÁ: ensaio sobre o inconsciente atemporal
THE TIME THAT ISN'T: an essay on the timeless unconscious

Belo Horizonte

2024

Scheherazade Paes de Abreu

O TEMPO QUE NÃO HÁ: ensaio sobre o inconsciente atemporal

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Estudos Psicanalíticos
Linha de Pesquisa: Conceitos fundamentais em psicanálise e investigação no campo clínico e cultural

Orientador: Dr. Gilson de Paulo Moreira Iannini

Belo Horizonte

2024

150	Abreu, Scheherazade Paes de.
A162t	O tempo que não há [recurso eletrônico] : ensaio sobre o
2024	inconsciente atemporal / Scheherazade Paes de Abreu. - 2024.
	1 recurso online (134 f.) : pdf
	Orientador: Gilson de Paulo Moreira Iannini .
	Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
	Inclui bibliografia.
	1. Psicologia – Teses. 2. Psicanálise – Teses. 3. Metapsicologia - Teses. 4. Inconsciente – Teses. I. Iannini, Gilson. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE SCHEHERAZADE PAES DE ABREU

Realizou-se, no dia 26 de abril de 2024, às 10:00 horas, UFMG, da Universidade Federal de Minas Gerais, a defesa de dissertação, intitulada *O TEMPO QUE NÃO HÁ: ensaio sobre o inconsciente atemporal*, apresentada por SCHEHERAZADE PAES DE ABREU, número de registro 2021700938, graduada no curso de NUTRIÇÃO, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em PSICOLOGIA, à seguinte Comissão Examinadora: Prof(a). Gilson de Paulo Moreira Iannini - Orientador (UFMG), Prof(a). Guilherme Massara Rocha (UFMG), Prof(a). Pedro Heliodoro de Moraes Branco Tavares (USP).

A Comissão considerou a dissertação:

(x) Aprovada

() Reprovada

Finalizados os trabalhos, a presente ata, lida e aprovada, vai assinada pelos membros da Comissão.



Documento assinado eletronicamente por **Pedro Heliodoro de Moraes Branco Tavares, Usuário Externo**, em 30/07/2024, às 13:55, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Gilson de Paulo Moreira Iannini, Professor do Magistério Superior**, em 30/07/2024, às 14:36, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Guilherme Massara Rocha, Professor do Magistério Superior**, em 22/08/2024, às 16:37, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3418170** e o código CRC **45CF7AE4**.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a Gilson Iannini, por aceitar orientar esta pesquisa, por possibilitar tempo a que aos objetos e aos problemas fosse possível ressoar a construir a escrita. Por me ajudar a trabalhar no texto entre idas e vindas de impressos a ver as coisas de outra perspectiva, a escrever, cortar, entrar em mania de *zeitlos*, costurar, deixar tombar e apagar. Pela generosidade, ensino e principalmente pelos efeitos deste ensino na leitura do texto de Freud, aqui se pode recolher pedaços desses efeitos.

A todos os amigos do Lab21 pelas contribuições teóricas e discussões sobre partes desta pesquisa, e também Cecília Lana, Márcio Mendonça, Dalila Amorin, Isabella Diniz, Bernardo Sollar Godoi. A Fillipe Dória Mesquita nos primeiros encontros após a longa quarentena até a insurgência de braquiárias, pela generosidade e amizade e leitura especializada, debates e partilha de ideias. A Freud por me dar muito trabalho. À Banca de Qualificação: Guilherme Massara pela leitura em detalhes e pelas perspectivas e Ricardo de Souza pelos importantes apontamentos e borboletas de estômago. A Antônio Teixeira que em tempo de disciplina isolada perguntou como introduzir algo que possa ser a suspensão da história, o fator pulsional que não se deixa historicizar. Assim interpelei o aspecto atemporal do inconsciente.

Ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais e em especial à Secretaria do PPG-PSI: Cláudio e Fabrício.

A Pedro Heliodoro Tavares e Guilherme Massara pela leitura desta escrita e por aceitarem participar da Banca de Defesa.

A Cláudia Moreira pela generosidade, amizade e leitura em um momento importante, e Eliane Mussel pela amizade e o *Unerkannte*.

A Sérgio de Campos por testemunhar coisas que somente no sonho e na experiência de análise se podem dizer. A Kátia Leite e Walesca Bernardes pelo carinho, leituras e contribuições teóricas, mas principalmente por muitos momentos de risadas absurdas junto a um pé de couve qualquer. A Brígida Campbell, por instigar a fazer o mestrado, pela amizade e por continuar a introduzir a arte em minha vida.

A João e Sofia, pelo amor e por inserirem outro tempo diferente daquele em que estou.

A Mário por nosso amor desde o século passado, sempre.

O inconsciente é absolutamente atemporal. O caráter mais importante e também mais assombroso da fixação psíquica é que, por um lado, todas as impressões são conservadas da mesma maneira como foram recebidas, mas, além disso, em todas as formas que adotaram nos desenvolvimentos posteriores, uma relação que não se pode ilustrar por nenhuma comparação tomada de outra esfera. Segundo a teoria, cada estado anterior do conteúdo da memória poderia ser recuperado para a lembrança, mesmo que seus elementos tenham trocado há muito tempo todos os vínculos originários por outros novos. (FREUD, 1901/2023, p. 370).

“Essa lenta aranha que se arrasta à luz da lua, e essa luz da lua propriamente dita, e você e eu sussurrando no portão, sussurrando a respeito de coisas eternas, será que já não coincidimos no passado? E será que não coincidimos uma vez mais no longo caminho, nesse longo e trêmulo caminho, será que não o percorremos eternamente? Assim falava eu, em voz cada vez mais baixa, porque meus pensamentos e os pensamentos que estavam detrás deles me davam medo”. (NIETZSCHE APUD BORGES, 1936/2010, P. 67)

RESUMO

A atemporalidade do inconsciente como o aspecto mais assombroso da fixação psíquica pode ser um dos maiores desafios que Freud apresentou para o pensamento contemporâneo. O objeto desta pesquisa é o tempo e a atemporalidade – de modo específico “*zeitlos*” como imprescindível a processos inconscientes. A hipótese é que Freud utilizou-se de metáforas (arqueológicas, biológicas, antropológicas, entre outras) para construir uma teoria dos tempos, e essas metáforas estão dispostas em fragmentos. Nosso problema é identificar, mas às vezes interpretar nos lugares textuais onde aparecem, e examinar como Freud construiu uma teoria dos tempos, entre seus textos mais iniciais até as construções de seus textos finais. Apresentamos a metáfora como dispositivo fundamental na fase inicial de uma teoria, mas as metáforas freudianas operam no próprio limite do gesto em que falham. Como pensar esse paradoxo de algo que é atemporal [*zeitlos*], mas que “de tempos em tempos” é reorganizado, reescrito? No decorrer da pesquisa o exemplo que se mostrou mais claro se verificou na dobradiça entre os textos da *Carta 52* [1896], *Psicopatologia da vida cotidiana* [1904], *O Mal-Estar na Cultura* [1930], *Conferência 31: A dissecação da personalidade psíquica* [1933], *A análise finita e infinita* [1937] e *O homem Moisés e a religião monoteísta* [1939]. Notem neste recorte um elemento que é o passado imutável e outro que é aquilo que deste passado sofreu transformações. Mas, impressões podem ser conservadas da mesma forma como foram recebidas mesmo que se reorganizem em tempos posteriores. Os sujeitos podem ser constituídos por um passado do qual se viveu e também pelo passado não-vivido e isso tem efeitos determinantes nas escolhas de trabalho, nas repetições, transferências, no amor e no que faz sofrer. A importância com que Freud demarcou esse assunto se verificou na afirmativa de que não tem sentido afirmar que se pratica a psicanálise quando não se investiga o tempo passado. Efeitos de atemporalidade podem ser reconhecidos como passado somente na experiência de uma análise. Esse ponto é fundamental para a leitura de como a atemporalidade está diretamente implicada nos efeitos de uma experiência de análise. Como é possível afetar a pulsão a partir de uma operação sobre o inconsciente atemporal? Pois crocodilos, dragões, *equissetos* de Freud e as aranhas de Nietzsche ainda vivem entre nós.

Palavras-chave: Atemporalidade, *zeitlos*, inconsciente, restos

ABSTRACT

The timelessness of the unconscious as the most haunting aspect of psychic fixation may be one of the greatest challenges that Freud presented to contemporary thought. The object of this research is time and timelessness – specifically “zeitlos” as essential to unconscious processes. The hypothesis is that Freud used metaphors (archaeological, biological, anthropological, among others) to construct a theory of time, and these metaphors are arranged in fragments. Our problem is to identify, but sometimes interpret in the textual places where they appear, and to examine how Freud constructed a theory of time, from his earliest texts and the constructions of his final texts. We present metaphor as a fundamental device in the initial phase of a theory, but Freudian metaphors operate at the very limit of the gesture in which they fail. How to think about this paradox of something that is timeless [zeitlos], but that “from time to time” is reorganized, rewritten? In this research, the example that proved to be clearest was found in the hinge between the texts of *Letter 52* [1896], *The Psychopathology of everyday life* [1904], *Civilization and Its Discontents* [1930], *Lecture 31: The dissection of psychical personality* [1933], *Finite and Infinite Analysis* [1937] and *Moses and Monotheism* [1939]. Note in this section an element that is the immutable past and another that is what has undergone transformations from this past. However, impressions can be preserved in the same way they were received, even if they are reorganized in later times. Subjects can be constituted by a lived past and also by a non-lived past and this has determining effects on work choices, repetitions, transfers, love and what makes people suffer. The importance with which Freud demarcated this subject was seen in the statement that it makes no sense to say that psychoanalysis is practiced when the past tense is not investigated. Effects of timelessness can be recognized as past only in the experience of an analysis. This point is fundamental for understanding how timelessness is directly implicated in the effects of an analysis experience. How is it possible to affect the drive through an operation on the timeless unconscious? For crocodiles, dragons, Freud's equisects and Nietzsche's spiders still live among us.

Keywords: Timelessness, zeitlos, unconscious, remains

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Diagrama - Carta 112 [52].....	24
Figura 2: Representação topológica.....	34
Figura 3: "Gradiva".....	76

SUMÁRIO

Porque a atemporalidade do inconsciente.....	10
1. Metáforas: o infamiliar necessário à psicanálise.....	18
2. Para introduzir outro tempo: transitoriedade.....	21
3. Sobrevivências “ao lado” de sobreposições que se reorganizam.....	22
3.2. Um conceito de tempo para o inconsciente.....	29
3.3 A imutabilidade na atemporalidade [Zeitlosigkeit].....	30
4. O bloco mágico, metáfora de uma teoria do tempo [Zeiten].....	35
4.1 A negação: encontrar é reencontrar.....	39
4.2 A vesícula viva, um modo de trabalho e uma metáfora para Zeitlosigkeit.....	41
4.3 Metáforas biológicas: a imortalidade do “plasma germinal”.....	46
4.4 Sonhar é regredir à condição mais antiga do sonhador: o tempo passado.....	49
5. Metáforas arqueológicas e não arqueológicas.....	56
5.1 O que não está sob os olhos: “saxa loquuntur!” as pedras falam por si.....	58
5.2 Roma em sobreposição de camadas e “ao lado”.....	60
5.3 Um corpo para precipitar o conceito de atemporalidade inconsciente.....	64
5.4 Os crocodilos ainda vivem entre nós, uma apresentação do inconsciente Zeitlosigkeit.....	66
5.5 Construções na análise: o analista, o arqueólogo numa trama atemporal.....	67
5.6 Gradiva no tempo de agora.....	71
5.6.1 Norbert, uma caixa de ressonâncias.....	74
5.6.2 O aparecimento de Gradiva: quando fantasmas intervêm na realidade.....	77
5.6.3 Gradiva é uma história clínica e uma análise metapsicológica.....	81
5.6.4 O pedaço que toda cicatriz sobrevivente porta.....	84
5.6.5 Evocam em nós o que não sabemos dizer sobre o que representam.....	88
6. Análise finita e infinita restos de atemporalidade [Zeitlosigkeit].....	89
7. A distância no tempo é um fator determinante.....	96
7.1 A pré-história da humanidade é parte do sintoma atual do sujeito.....	100
7.2 A psicanálise só tem sentido se investigar o tempo primitivo.....	109
7.3 Topologia psíquica: traços mnêmicos do passado no inconsciente.....	112
7.4 Acontecimento filogenético: o passado vivido e o não vivido.....	114
7.5 A tradição, o passado de um povo é herdado e não transmitido por comunicação.....	116
7.6 Sobre-determinação e a distância no tempo como fator determinante.....	118
7.7 A cicatriz e um pedaço de verdade no retorno do passado não-vivido.....	122
Considerações finais.....	124
Referências bibliográficas.....	128

Porque a atemporalidade do inconsciente

O tempo, se é que podemos intuir essa identidade, é um logro: a indiferenciação e a inseparabilidade de um momento de seu aparente ontem de outro de seu aparente hoje bastam para desintegrá-lo. (BORGES, 1936/2010, P. 33-34)

A atemporalidade [*Zeitlosigkeit*] do inconsciente é o aspecto mais assombroso da fixação psíquica. Algo atemporal [*zeitlos*] é o que se mostra fora do campo de ação do tempo [*Zeit*], poderia ser uma operação subjetiva ou certa insubmissão ao tempo, mas a inconsideração pelo tempo não faz desaparecer o problema sobre o que é atemporalidade [*Zeitlosigkeit*] para a psicanálise. No entanto, pode ser a “marca do tempo”, pois não deveríamos tratar fantasias como castelos no ar ou sonhos diurnos como petrificados, mas sim que recebem de cada nova impressão uma “marca do tempo”. Entre as muitas passagens em que Freud (1908/2021, p. 58) discorre sobre o tempo, esta se encontra em *O poeta e o fantasiar*. Dizer que algo é atemporal é comum e cotidiano. Atemporais são as obras, o inconsciente, a máquina do tempo, e o amor, para Alain Badiou¹. Freud se apropriou de palavras comuns em alemão e emprestou-lhes um estatuto conceitual, por exemplo, ao dizer do infamiliar [*Das Unheimliche*]. (IANNINI, 2019, P. 7). Subverteu concepções familiares sobre o tempo e, assim, demonstrou o tempo do inconsciente noutro lugar diverso do senso comum, a perspectiva extemporânea aparece muito precocemente nas elaborações freudianas.

No primeiro esboço teórico do aparelho psíquico – *Carta 52*, de 6 de dezembro de 1896, observa-se o advento do aparelho a partir de uma “sobreposição de camadas” que de “tempos em tempos” sofrem uma reorganização, este trecho poderá servir de rede epistemológica a partir da qual a atemporalidade [*Zeitlosigkeit*] de materiais psíquicos no inconsciente será demonstrada por Freud e ganhará complexidades no decurso de seus textos. Ou seja, os tempos futuro e presente se apresentam retroativamente em direção ao passado. Por exemplo, o recurso à metáfora “sobreposições de camadas” proveniente do campo arqueológico pode ser indício de que no arcabouço da teoria do aparelho psíquico interpenetram elementos constitutivos de uma teoria dos tempos. Metáforas se tornavam cada vez mais apuradas e ao mesmo tempo a teoria se complexificava, Freud sabia fazer uso desse dispositivo. Como pensar esse paradoxo de algo que é atemporal [*zeitlos*], mas que “de

¹ Badiou, Alain. (2013). *Elogio ao amor*. São Paulo: Martins Fontes.

tempos em tempos” é reorganizado, reescrito? Em Freud (1915/2013, p. 15-19), nas primeiras páginas de “As pulsões e seus destinos”, uma ciência não é construída sobre conceitos precisos, mas a partir da descrição de fenômenos nos quais não se pode evitar a aplicação de ideias abstratas tomadas de algum lugar indefinido. É o fato de indeterminação mesmo que se observa neste momento de início de uma ciência, derivados do material empírico que, antes de demonstrar, trata mesmo de saber por antecipação, ou seja, deduzir sem dispor de todas as evidências, adivinhar [*erraten*]. Fazer uso de metáforas. Iannini (2013, p. 99-108) em “Epistemologia da pulsão: fantasia, ciência e mito” observou que essas páginas introdutórias são uma verdadeira carta epistemológica dos conceitos fundamentais da psicanálise e uma espécie de introdução à Metapsicologia. Carta epistemológica que não deixa de ser endereçada também ao poeta, pois a constituição do fato clínico é de natureza narrativa. Freud explicitou a atividade científica do pesquisador:

Frequentemente ouvimos a exigência de que uma ciência deve ser construída sobre conceitos fundamentais claros e precisos. Na realidade, nenhuma ciência, nem mesmo a mais exata, começa com tais definições. O verdadeiro início da atividade científica consiste, antes, na descrição de fenômenos, que serão depois agrupados, ordenados e correlacionados. Já na descrição, não se pode evitar a aplicação de determinadas ideias abstratas ao material, ideias tomadas de algum lugar, por certo não somente das novas experiências. Tais ideias – os futuros conceitos fundamentais da ciência – tornam-se ainda mais indispensáveis na elaboração posterior da matéria. No princípio, elas devem manter certo grau de indeterminação; não se pode contar aí com uma clara delimitação de seus conteúdos. (FREUD, 1915/2013 p. 15).

Como a psicanálise se serve de uma teoria do tempo? Na carta de primeiro esboço do aparelho, observa-se indícios da construção de uma teoria dos tempos que se desdobrou e ganhou complexidades como eixo epistemológico na teoria psicanalítica. O que é, como se escreve, e como se lê o Isso inconsciente? Que efeitos ressoa na vida dos sujeitos a marca atemporal? Essas são perguntas que tecem um pano de fundo. Nesta dissertação, ocorreu a frequente repetição das palavras alemãs: [*Zeit*², *Zeiten*, *Zeitlosigkeit*, *zeitlos*]. Não por acaso, é preciso delimitar o objeto, ou seja, o “tempo” e a “atemporalidade” do inconsciente, pois, nas diversas vezes em que são teorizados e conceituados, Freud faz uso do substantivo *Zeit* e do adjetivo *zeitlos*. O elemento tempo é, assim, uma dimensão constitutiva da ordem da palavra, a palavra tem função criadora, e faz surgir o conceito – “O conceito é o que faz com que a coisa esteja aí, não estando, tal como o elefante que fez entrar outro dia na sala, por intermédio

² *Zeit*: tempo – *Zeiten*: tempos – *Zeitlosigkeit*: atemporalidade – *zeitlos*: atemporal

da palavra elefante”, afirmou Lacan (1955/2009, p. 315-316) em “A função criativa da palavra”, sobre o comentário de Hegel em que o conceito é o tempo da coisa. Cabe lembrar que o recurso à atemporalidade do inconsciente é um “fato polêmico”, como escreve Paul-Laurent Assoun (1978, p. 159). A atemporalidade [*Zeitlosigkeit*] é o centro de gravidade da metapsicologia³ [meta-psicologia, o que está além da psicologia], pois parece construir-se em confluências com a teoria do inconsciente, e se encontra nos mais relevantes textos, por exemplo, em “Além do princípio de prazer”, este que é a demonstração de uma nova metapsicologia. Com efeito, aqui está o trecho da Carta 52:

Você sabe que trabalho com a suposição de que nosso mecanismo psíquico tenha surgido de uma sobreposição de camadas, na qual, de tempos em tempos, o material presente na forma de traços mnêmicos [*Erinnerungsspuren*] sofre uma reorganização, uma reescrita, a partir de novas relações. (FREUD, 1896/2021, p. 35)

O tempo do inconsciente insere uma perplexa anormalidade. O que faz com que o contemporâneo não seja todo, nem o único tempo? Como um tempo pode estar fora de adesão ao seu tempo e, assim, explodir em outro tempo de modo que o inatual e o novo possam se interpenetrar? Uma representação de tempo constrói-se no Eu e se distingue do tempo inconsciente por características negativas. De que maneiras o inconsciente não conhece o tempo? Qual o tempo que o inconsciente não tem? Os tempos passado, presente e futuro não participam de processos inconscientes, ou a passagem do tempo não afeta processos inconscientes? Que dificuldades se apresentam à formalização, ao passo que a atemporalidade [*zeitlos*] é um aspecto do inconsciente? Como metáforas se prestam a demonstrar a atemporalidade do inconsciente? Os sujeitos e o tempo [*Zeit*] no inconsciente são inadequados e desiguais em relação a si mesmos, distinguem-se do eu e da consciência, como função de descentramento, divisão e negatividade; o sujeito é, para Lacan, um efeito de fala e de discurso que ocorre nos tempos, Dunker (2023, p. 237) em *Pequeno glossário lacaniano*⁴. Existe a convenção em se contar o tempo a partir de um acontecimento. O tempo pode ser um logro, como na epígrafe de Borges. Não temos a possibilidade de visitar exatamente os mesmos instantes de tempos do passado, nem temos notícias da chegada de um viajante do tempo proveniente do futuro. Pois, o absurdo de uma engenhoca científica hipotética como a

³ A esse respeito, Tavares, P.H. *Vocabulário Metapsicológico de Freud*: a Ciência Psicológica havia feito da consciência seu objeto de estudos, ao relegá-la, a consciência, à condição de um secundário epifenômeno, Freud visa fausticamente investigar cientificamente o Aqueronte, o “além-mundo” da Psicologia científica.

⁴ No livro *O que é sexo?* de Župančič (2022).

“máquina do tempo”⁵, pode ocorrer apenas por meio de ficção. Mas, a partir do que é dada a perspectiva do antes e do depois? Há uma direção do tempo? O problema do tempo, além do movimento, é que o material poderia adquirir novas propriedades, que são situações de não-equilíbrio, e não-linearidade, pois os processos estão submetidos a efeitos de irreversibilidade e de rupturas entre futuro, presente e passado. Portanto, “o que mais pedir a um filósofo senão inquietar seu tempo, pelo fato de ter ele próprio uma relação inquieta tanto com sua história quanto com o seu presente?” (DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 67). Em outras palavras, o que mais pedir a um analista, senão inquietar os tempos?

Outro componente da teoria freudiana do tempo é a “retroatividade” [*nachträglich*]. O conceito freudiano de trauma encontra-se articulado por uma lógica retroativa, ou seja, um acontecimento somente é traumático em referência a um outro ocorrido anterior, de modo que é ressignificado nesse movimento retroativo. Cada tempo move o seu tempo antepassado em uma reescrita, cuja trama só se revelará *a posteriori* [*nachträglich*]. O caso Emma, publicado por Freud (1895) no “Projeto para uma psicologia científica”, é um caso paradigmático, pontua Ferrari *et al.*, (2004, p. 175) em “Semiologia da temporalidade e da espacialidade”, para pensar o efeito de retroação, pois a lembrança ficou recalçada quando se torna um trauma por *nachträglich*. Emma encontra-se tomada por uma inibição que a impedia de entrar em uma loja sozinha, com medo de ser alvo de risos dos atendentes. Durante o tratamento, lembra-se de um evento quando tinha 12 anos: entrou na loja para comprar algo, viu dois vendedores rindo juntos, saiu correndo em susto. Constrói que estavam rindo de suas roupas, e lembrou-se de que sentiu atração sexual por um deles. Freud, dirá então, que as lembranças não explicam o seu sintoma. No entanto, surge uma segunda lembrança que Emma não recordou-se ao contar a primeira cena: aos 8 anos, entrou em uma confeitaria para comprar doces, o proprietário, sorrindo, tocou-lhe os genitais sob sua roupa. Note-se que Emma retorna à confeitaria pela segunda vez, e censura-se por isso. Entende-se a cena 1, combinando-a com a cena 2, através do vínculo associativo entre elas, que neste caso localiza-se no “riso”: o riso dos vendedores evocou, de modo inconsciente, o riso do proprietário da

⁵ Romance inaugural de H.G. Wells publicado em 1895, “A máquina do tempo” é uma das primeiras obras de ficção científica e fundadora da expressão “viagem no tempo”. A grande inovação do cientista Wells foi conceber e levar a sério a ideia de um dispositivo que poderia ser construído usando a matemática, a mecânica, a termodinâmica e a eletricidade, trata-se mesmo de uma engenhoca hipotética, uma invenção. Essa engenhoca contrapõe-se às construções de viagem no tempo que se dão por meios místicos e sobrenaturais. É também um romance sobre as sociedades de classe, a morte e a extinção como algo inevitável.

confeitaria, e nas duas cenas, Emma estava sozinha. A lembrança evoca algo que na ocasião ela não estava preparada para sentir, assim, uma liberação sexual que se transforma em angústia. Podemos observar que o sujeito se afasta do acontecimento e ressignifica o ocorrido, entretanto se destaca a permanência de ligação entre o material vivo proveniente do passado e o tempo de agora. Notemos agora, como o conceito de *a posteriori* [*nachträglich*] é introduzido por Freud (1918/2023, p. 666) em Histórias Clínicas - “Da história de uma neurose infantil”, também traduzido como ressignificador e processo de reelaboração:

Quero dizer que ele entendeu o processo no momento do sonho com a idade de 4 anos, e não no momento da observação. Com 1 ano e meio, absorveu as impressões, cujo entendimento *a posteriori* foi-lhe possibilitado, no momento do sonho, através de seu desenvolvimento, sua excitação sexual e sua investigação sexual. (N.T., 1918/2023, p. 666)

A atemporalidade do inconsciente pode ser um dos maiores desafios que Freud apresentou para o pensamento contemporâneo, de fato se trata mesmo de colocar como uma questão epistemológica. A atemporalidade se apresenta entre os sistemas, mas o inconsciente não é simplesmente o não-consciente, mas deve-se verificar a função determinativa do inconsciente. Gondar (1995, p. 3) no livro *Os tempos de Freud*, pergunta se haveria na metapsicologia freudiana um pensamento próprio a respeito do tempo, e se a teoria psicanalítica apresenta contribuições para o problema do tempo. Pois, o tempo interessa à psicanálise quando o sujeito está em questão, então, pergunta-se qual a função do tempo na constituição do sujeito. Para Gondar (1995, p. 71), o sujeito se constitui a partir de modalidades de organização temporal, ou seja, a partir da consciência o conceito de tempo é cronológico, linear e sucessivo, mas, no inconsciente o tempo é o que produz os sujeitos. Cito Gondar (1995): “Não é apenas na esfera do trauma que a noção de *nachträglich* terá valor operatório. Na verdade, o seu alcance se expande ao libertar-se do modelo traumático: todo o processo de recalque e, por extensão, todo o funcionamento inconsciente serão através dela explicados” (P. 55). Neste ponto localizam-se divergências em relação à metapsicologia freudiana. Em Freud o inconsciente é absolutamente *zeitlos* e foi demonstrado de forma sistematizada e complexa. Quando se referiu ao tempo do inconsciente, foi *zeitlos* que Freud demonstrou, por isso não temos certezas sobre *nachträglich*. No decorrer desta pesquisa, o leitor poderá verificar o problema que apresentamos. Mas, não se pode esquecer que o recalque é inconsciente, mas o inconsciente é outra coisa para mais que o recalque. Em sua

tese sobre contingência e repetição, Godoi ⁶ (2024) analisa a maneira como esses dois termos estão envolvidos em algumas concepções de tempo encontradas na obra de Freud, como a atemporalidade e o *a posteriori*. Inicialmente, o autor considera que o *a posteriori* se sustenta na concepção de que há processos inconscientes atemporais. Ele justifica essa ideia com o fato de que é necessário que algo subsista ao desgaste do tempo para então ser reescrito de outra maneira, isto é, para que *a posteriori* seja reorganizado de outra forma. Mas, o que subsiste? De acordo com o autor, o que subsiste de forma atemporal é uma recorrência do mesmo desprovida de sentido. Vincula assim essa recorrência do mesmo com uma marca provocada pelo trauma como uma contingência perturbadora. Por permanecer fora do tempo, a marca do trauma seria inassimilável e desprovida de sentido, mas seu efeito se mantém ressoando em um sujeito dotado de estrutura significante. Dessa forma, o trauma enquanto contingência seria algo que desestabiliza o aparato significante, e que, por isso mesmo, exige do sujeito uma reordenação compulsiva e repetitiva em torno do trauma inassimilável. Nesse sentido, a repetição seria uma tentativa diferencial *a posteriori* de lidar com uma iteração do mesmo capaz de perdurar de modo atemporal, em decorrência de uma marca desprovida de sentido deixada por um trauma. A hipótese clínica para Freud (1914/2017, p. 154) em “Lembrar, repetir e perlaborar” é que não conseguimos evocar, através de lembranças, um tipo especial de vivências sem compreensão, que ocorreram na infância e que, *a posteriori* [*nachträglich*], encontraram compreensão e interpretação. Para estes casos, devemos considerar os sonhos. Mas porque Freud conduz a considerar o sonho?

O objeto desta dissertação é o tempo e a atemporalidade – de modo específico, “*zeitlos*” – como imprescindíveis a processos inconscientes. A hipótese é que Freud utilizou-se de metáforas (arqueológicas, biológicas, antropológicas, entre outras) para construir uma teoria dos tempos, e essas metáforas estão dispostas em redes e fragmentos. Como algo que se reorganiza e passa por alterações ao longo de até mesmo décadas pode conservar-se tal como a primeira impressão? Trata-se de identificar pedaços, pequenos trechos, às vezes textos inteiros, parágrafos e palavras. Nosso problema é identificar, mas às vezes interpretar, as metáforas nos lugares textuais onde aparecem, e examinar como Freud construiu uma teoria dos tempos, desde seus textos mais iniciais até as construções de seus textos finais. É

⁶ Godoi, Bernardo. Contingência e repetição: ensaio sobre a pulsão de morte a partir de uma articulação entre psicanálise e materialismo especulativo.

importante notar que, comonão encontramos por inteiro em alguns únicos textos uma tese sobre os tempos em Freud, não é nosso propósito exatamente construí-la ou completá-la, mas infere-se a possibilidades de analisar, descrever e identificar as construções elaboradas desta teoria. O propósito deste recorte são as metáforas mobilizadas por Freud para apresentar sua teoria do tempo.

Este estudo tem como método e percurso principal de elaboração examinar fontes psicanalíticas, especificamente a obra de Freud. Além disso, pretende-se fazer o exercício de articular, de forma breve, leituras em fontes filosóficas e literárias. Pois, na questão do tempo, também o poeta pode ter a palavra, assim Freud (1939/2018, p. 174) nos apresentou este gesto em direção ao poeta; em outras palavras, também a metáfora pode ter a palavra. Será no sentido do conceito freudiano (1915/2013, p. 25) de “Pulsão” como fronteiroço entre o anímico e o somático, que estas intervenções podem justificar-se no ponto em que o objeto da psicanálise encontra-se no campo em que dois domínios se sobrepõem. No entanto, ressalta-se que a psicanálise não deve estar a serviço de uma determinada visão de mundo [*Weltanschauung*]⁷. E não se trata de uma adequação do sujeito e do objeto. O texto tentará fazer o exercício de inserir algum anacronismo, repetições de palavras, para sublinhar o respectivo peso e certa indeterminação em campos absolutos. Questões simples serão feitas para problematizar, operar e desdobrarem-se. Mas, o que é a atemporalidade para a psicanálise? Como o tempo em nada modifica uma substância inconsciente? O que é um material no qual nada se modificou? Entretanto, em Freud, não é o espaço, mas a matéria: a substância. Processos inconscientes atemporais não são ordenados temporalmente, o tempo em nada os modifica e não podemos aplicar-lhes a noção de tempo:

Aprendemos que os processos anímicos inconscientes são em si mesmos “atemporais”. Isso significa, em primeiro lugar, que eles não são ordenados temporalmente, que o tempo em nada os modifica, que não podemos aplicar-lhes a noção de tempo. Trata-se de características negativas que só podemos tornar nítidas através da comparação com processos anímicos conscientes. Nossa representação abstrata de tempo parece muito mais ter sido inteiramente retirada do modo de trabalho do sistema *Pcp-Cs*, correspondendo a uma autopercepção dele. Em vista desse modo de funcionamento do sistema, poderíamos trilhar um novo caminho para a proteção contra estímulos. Sei que essas afirmações soam muito obscuras, mas preciso me limitar a alusões desse gênero. [*A outra abstração que podemos*

⁷ FREUD, SIGMUND. Caminhos da Terapia psicanalítica. In: Fundamentos da Clínica Psicanalítica. (1919/2017, p. 199)

relacionar ao funcionamento de Cs não é o espaço, entretanto, mas a matéria: a substância.] (FREUD, 1920/2021, P. 111).

No primeiro capítulo apresentamos a metáfora como dispositivo fundamental na fase inicial de uma teoria; Freud não hesitou em se deixar guiar por metáforas como um elemento indispensável a demonstrar a teoria. Nessa direção, trata-se de despertar e manter vivas as próprias metáforas de Freud. Mas, qual a sua função e qual o seu limite? No segundo capítulo, propomos a transitoriedade como outro componente na teoria freudiana do tempo, neste ponto vamos perguntar sobre o luto e a viscosidade da libido por objetos perdidos [restos]. No terceiro capítulo se apresenta a Carta 52 como eixo epistemológico para a pesquisa, ao se inferir que sobreposições de camadas são metáforas de uma teoria do tempo e atemporalidade. Mas, como as sobrevivências dizem respeito à atemporalidade? Como se expressam reescritas que se modificam e sobrevivências que podem ter pedaços imutáveis? Efeitos inconscientes atemporais prevalecem na psicopatologia de uma vida cotidiana, para nosso maior assombro o inconsciente é “absolutamente” atemporal. Como é possível operar de modo a se atualizar e permanecer o mesmo? De que maneiras o inconsciente não está sujeito a ações do tempo? Apresentamos o sentido radical de *Zeitlosigkeit* para os processos inconscientes, o tempo que não há. Pois, no inconsciente, não há alteração do evento psíquico pelo transcorrer do tempo – mas o que isso quer dizer, e que consequências e efeitos desperta?

No capítulo quatro examinaremos algumas metáforas e como se apresenta uma teoria dos tempos em seus processos de descontinuidade, além de mostrar que o sonho provém de pedaços atemporais em seu aspecto regressivo, e o leitor pode localizar em curso aspectos de “acontecimento filogenético”. No capítulo cinco, vamos examinar as metáforas arqueológicas em articulação com a teoria dos tempos freudiana, ao passo que as pedras falam por si [*Saxa loquuntur!*] e as dificuldades de exprimir e expor “lado a lado” nas metáforas da cidade, dos sáurios e do corpo humano, o passado inalterável na atemporalidade do inconsciente. Na metáfora do “crocodilo” que ainda vive conosco, vamos localizar o infamiliar que torna o atual inatural, o determinado, indeterminado. Propomos que ver algo de hoje em Gradiva causa efeitos de descontinuidade temporal no semblante incognoscível de Gradiva, e que a ruína é exatamente o exercício do contemporâneo por trazer restos de intraduzibilidade do tempo passado. No capítulo seis, a partir da leitura de *A análise finita e a infinita* retornaremos a questão apresentada na metáfora da cidade de Roma, o material que resiste inalterável “ao

lado” do mais recente transformado. No capítulo sete, propomos verificar uma teoria do tempo e da atemporalidade em *O homem Moisés e a religião monoteísta*, não apenas o retorno de eventos da pré-história da humanidade, mas o “acontecimento filogenético”, não apenas o passado vivido, mas principalmente o tempo não-vivido, isso porque a psicanálise só tem sentido em relação com a atemporalidade. Mas, o que é o acontecimento filogenético? Por fim, apresentamos algumas consequências desses estudos.

1. Metáforas: o infamiliar necessário à psicanálise

Designar esse pequeno a pelo termo "objeto" é fazer um uso metafórico dessa palavra. Ele é certamente apropriado para designar a função geral da objetividade, mas aquilo de que temos que falar mediante o termo a é, justamente, um objeto externo a qualquer definição possível da objetividade. (LACAN, 2006/1963, p. 99)

Então, o que é uma metáfora? Em breve sentido, a metáfora é o elemento indispensável do pensamento, e tem sua gravidade nas palavras compostas, escreve Borges (1936/2010, p. 56), em “*História da eternidade*”. É o que possibilita identificar efeitos parciais naquilo de que não se pode apreender em absoluto. Perelman (1999, p. 337) no Capítulo IV - “*Analogia e metáfora em ciência, poesia e filosofia*”, nos lembra que, na fase inicial de uma teoria, ou de uma nova área de conhecimento, o pesquisador não hesita em deixar-se guiar por metáforas. As metáforas são capazes de criar construções convincentes. É importante notar o papel das metáforas como instrumento de invenção, e por abrir novas perspectivas à pesquisa, pois sua função é viabilizar ao pesquisador hipóteses que podem orientar a investigação. Aristóteles (2017, p. 169-171) foi o primeiro pensador da metáfora, e a definiu como “a designação de uma coisa mediante um nome que designa outra coisa”, ou seja, do transporte a uma coisa de um nome que designa outra coisa. Ocorre ainda outra forma de fazer uso da metáfora, que consiste em atribuir a alguma coisa um nome que lhe é estrangeiro, privando esse nome de uma de suas qualidades próprias. Neste sentido, a metáfora para Aristóteles é tomada ou como substituição de um termo existente, isto é, um ornamento, ou como a formulação de uma designação até então vazia, isto é, uma invenção. Ao mesmo tempo, o metafórico é o mais importante, pois não pode ser apreendido em função de outro nome e, com efeito, expressar-se em metáforas é apreender a semelhança, o predicado. Assim, a metáfora pode depreender de uma apreensão extralinguística, ou seja, apreender a semelhança com algo que não se deve limitar às palavras de um enunciado.

Em Paul Ricoeur (2000, p. 77-95), a metáfora é um tropo. Não se trata, aqui, de questão de ornamento. Ou seja, o tropo é o desvio que diz respeito à significação da palavra. Os tropos são certos sentidos mais ou menos diferentes do sentido primitivo, que oferecem na expressão do pensamento as palavras aplicadas a novas ideias. Com efeito, os tropos são acontecimentos, na medida em que é através de nova significação da palavra que elas podem acontecer. Os tropos acontecem em uma relação entre ideias, isto é, estão vinculados à palavra, e ao sentido primitivo da palavra emprestada, e por outro lado, à ideia nova que se acrescenta. O tropo pode consistir em uma palavra apenas; no entanto, é entre duas ideias que o tropo acontece – tal como a possibilidade da metáfora inventar, este é o tropo de invenção [invenção poética]. A metáfora é o processo retórico pelo qual o discurso libera o potencial, e que ficções operam ao traduzir outra vez a realidade. Note-se ainda que não há lugar não-metafórico, do qual se possa considerar a metáfora. Segundo Lavelle (2022, p. 119), o trabalho da metáfora de invenção consiste em identificar o que é diferente, e não apenas em juntar o que está distante, em separar o que está ligado, vendo o outro no mesmo. Entretanto, a construção da metáfora não se limita ao sentido, mas se estende ao curso poético e literário.

Então, uma metáfora é antes um texto determinado, que pode articular entre si campos distantes, e se põe a serviço da fruição. E, pode perturbar conexões já estabelecidas de homogeneidade, que tem ocorrências na leitura mecânica. Em outra definição, uma metáfora é uma palavra em um contexto, pelo qual é determinado que ela pode dar a compreender algo diverso do que se significa. No entanto, ao invés de “é determinado”, pode-se escrever “privada de determinação”. É importante lembrar, neste contexto, como Hans Blumenberg (2013, p.108), em *Teoria da não conceitualidade*, compreende a metáfora para além de um colaborar do conceito. Mas, a metáfora é também um meio estético, pois está na origem do conceito, como continuamente faz-se responsável pela insuficiência do conceito, e pelos limites de suas operações. A respeito, pelo fato que restam partes indeterminadas nas palavras, elas são capazes de renovar ligações, refinar e modificar a própria significação, Patrícia Lavelle (2022, p. 63) escreve:

Isto significa que as palavras nunca se tornam conceitos perfeitamente determinados. Resta sempre nelas uma parte de indeterminação que permite renovar ainda a ligação que lhes confere significação. Não apenas podemos sempre refinar

ou modificar a significação de uma palavra, acrescentando-lhe novas conotações, mas também é possível criar outras concepções metafóricas ou figuradas (LAVELLE, 2022, P. 63).

Não posso deixar de registrar logo no início que as metáforas freudianas encontram um limite de operação, e por essa razão Freud, ao tomar metáforas como ponto de partida, mobilizava outras diferentes metáforas, ao mesmo tempo em que mostra ao leitor como operam no próprio limite, no gesto em que falham, que nunca são profícuas, que não contribuem, que são inapropriadas, não-toda, que somente se fossem mágicas poderiam representar em absoluto a complexidade do objeto da psicanálise. Um resto vivo permanente de indeterminação é um fato que se observou na construção epistemológica de Freud. Para ler Freud não basta passar os olhos pelas páginas, é preciso antes de tudo ruminá-lo e senti-lo, nunca é demais repetir: é preciso ter algo de Freud. No livro *A metáfora freudiana*, Spence (1992, p. 24-25) identificou que o uso da metáfora ressalta a natureza poética da linguagem de Freud, mas também as dificuldades de encontrar palavras para algo irrepresentável. É exatamente por permanecer alguma coisa infamiliar que uma experiência poderá ser substituída pela metáfora. Não por acaso, se a psicanálise perder sua episteme metafórica, incorre-se no risco de transformar a teoria psicanalítica em uma “fotocópia” do psíquico, ou no que pensamos ser essa fotocópia. Para Spence é um desafio despertar e manter viva a metáfora freudiana, trata-se de evitar que se torne totalmente transparente e amortecida.

Primeiro cedemos nas palavras, e depois, pouco a pouco, também na própria coisa, escreveu Freud (1921/2020, p. 164), para dizer de não fazermos concessões à covardia. As metáforas podem não ter conexões com aquilo que observam, podem desviar, nelas há esse efeito de *extimidade* [neologismo em Lacan para dizer da fratura na intimidade], ou seja, não coincidem e não acomodam por completo os problemas em questão. Podemos inferir a hipótese de que Freud, ao utilizar metáforas, o faz em aspecto de indeterminação e até mesmo de fracasso exigido pelo próprio projeto de metáfora. Mas, as metáforas freudianas fracassam? Freud, por exemplo, mostrou que a “Cidade de Roma” e os “crocodilos” são relativamente inapropriados para representar a atemporalidade [*Zeitlosigkeit*] do material inconsciente. É exatamente por isso, por fazer com que uma ciência se conceba em aberto, que a psicanálise é suscetível de se renovar em outras épocas, e no século XXI. A metáfora é

o infamiliar necessário à psicanálise, notemos ainda que para Black⁸ *apud* Spence (1992) “talvez toda ciência deva começar com a metáfora e terminar com álgebra; e talvez sem a metáfora nunca tivesse havido qualquer álgebra.” (P. 19).

2. Para introduzir outro tempo: transitoriedade

Além da atemporalidade inconsciente e da retroatividade, há um terceiro componente na teoria freudiana do tempo, que é a transitoriedade do tempo. Como transitoriedade é uma via para o luto? Em *Transitoriedade* interessa a essa pesquisa identificar restos suscetíveis a atemporalidade que fazem parte da constituição de todos nós; o luto e a viscosidade da libido por esses objetos perdidos. Um ano depois de uma conversa com o poeta e amigo Rainer Maria Rilke, Freud (1916/2021, p. 224) escreveu no ensaio *Transitoriedade* que a guerra roubara do mundo a beleza das paisagens e das obras de arte, além de afetar a relação que temos com a cultura e a esperança pela superação entre os povos e as raças. A guerra sujou a neutralidade da ciência, tratou de deixar nua a vida pulsional, desacorrentou exatamente o que se acreditava domado por décadas de cultura e educação. A guerra roubou, de cada um, o que se acreditava amar. Além do mais, demonstrou que os processos estáveis eram passíveis de fracasso. Não era possível asseverar garantias nem promessas. Freud estava certo. O primeiro parágrafo de *Transitoriedade* remonta a este encontro com Rainer Maria Rilke, que “admirava a beleza da natureza a nossa volta, mas sem que pudesse se alegrar por isso”. Rilke mostra-se perturbado com o aspecto transitório das coisas, pois toda a beleza, as coisas que se cria e que se ama, teriam como destino perecer ou morrer. Compreende-se por transitório aquilo que só dura um certo tempo, que é breve e que passa, e assim ressaltamos, tem a possibilidade de durar no intervalo de um estado de coisas a outro, nota-se, em outras palavras, no limiar [entre] de um tempo a outro.

Freud afastou a exigência de eternidade reivindicada pelo poeta, pois, ao contrário, a transitoriedade, ao invés de desvalorizar o belo, aumentaria seu valor. Em nossa própria vida, escreveu Freud (1916/2021, p. 222-223), podemos ver a beleza do corpo humano se desvanecer, mas essa efemeridade acrescenta uma nova beleza, e não se trata de ser menos

⁸ Black, Max. Models and Metaphors

vistosa, uma flor que brota apenas uma vez, uma única noite. Como a beleza, a obra de arte e a capacidade intelectual poderiam ser desvalorizadas por sua limitação temporal, perguntou Freud. É nesse contexto que Freud pode propor que a libido se prende de maneira viscosa aos objetos e pode não desistir de objetos perdidos – do que “cai”. Objetos perdidos serão internalizados na formação do Eu, de modo que seus restos fazem parte do que constitui cada sujeito. O luto pela perda de algo que se ama parece ao leigo algo tão natural que se considera evidente, mas é um grande enigma e pode interferir na fruição do belo. Primeiramente, a libido se volta para o próprio Eu, logo depois se separa do Eu, e se volta para os objetos, os quais são incorporados ao Eu. E se objetos são perdidos, a libido se torna livre novamente. No entanto, a libido é capaz de se prender como um adesivo e não desiste facilmente de objetos perdidos, mesmo diante de substitutos: eis aqui o processo de luto, pois o que poderia confirmar a perda também produz sofrimento. Como o esvaziamento da libido é um processo de dor, perguntou Freud?

3. Sobrevivências “ao lado” de sobreposições que se reorganizam

Você sabe que trabalho com a suposição de que nosso mecanismo psíquico tenha surgido de uma sobreposição de camadas, na qual, de tempos em tempos, o material presente na forma de traços mnêmicos [Erinnerungsspuren] sofre uma reorganização, uma reescrita, a partir de novas relações.
(FREUD, 1896/2021, p. 35).

Para reforçar mais uma vez o argumento de nossa investigação, afinal afirmamos na introdução que este texto é como o eixo epistemológico desta dissertação, recorremos a Carta 112 [52] de [1896] em detalhes, que foi escrita antes da Nota 110 de *Psicopatologia da vida cotidiana* e de *O Mal-Estar na Cultura*, esse recorte é importante e logo o leitor entenderá. O que se verifica ao examinar a Carta 52 de Freud a Fließ (1896/2021, p. 35), é que Freud utilizou metáforas e palavras retiradas da arqueologia – por exemplo, a demonstração de que o aparelho psíquico surgiu de uma “sobreposição de camadas”, de modo que a memória não se dispõe em apenas uma, mas em várias camadas sobrepostas de escritas. Na arqueologia, a estratigrafia é um método que estuda as camadas, estratos que aparecem sobrepostos no corte geológico temporal. São sobreposições que, de tempos em tempos, se reorganizam, sofrem uma reescrita, e estão, assim, submetidas às subjetividades de cada tempo [Zeit], ao

anacronismo, às sobrevivências e às descontinuidades que ocorrem. E isso as relaciona com os fatores tempo e atemporalidade.

Você sabe que trabalho com a suposição de que nosso mecanismo psíquico tenha surgido de uma sobreposição de camadas, na qual, de **tempos em tempos** [grifo nosso], o material presente na forma de traços mnêmicos [*Erinnerungsspuren*] sofre uma reorganização, uma reescrita, a partir de novas relações. Portanto, o que há de fundamentalmente novo em minha teoria e a afirmação de que a memória não está disposta em apenas uma, mas em várias camadas, que é a escrita com vários tipos de signos (FREUD, 1896/2021, p. 35).

Para o pensamento freudiano, a questão era formular fundamentos sobre a memória e, verificar hipóteses tópicas sobre o aparelho psíquico, assim como, nessa *Carta* ocorreu uma reflexão clínica e nosográfica ao identificar as estruturas clínicas freudianas: histeria, neurose obsessiva, paranoia e perversão. Por um lado, tratava-se de assegurar um aparelho de escrita, em que, no primeiro sistema, a superfície estaria sempre lisa, disponível e receptiva após receber o estímulo sem, contudo, escrever vestígios. Por outro lado, um outro sistema com possibilidades de escrever o que foi apagado no sistema perceptivo. Portanto, a novidade na teoria era demonstrar que a memória estava disposta em camadas, mas tal como um sistema de escrita. Então, Freud formulou um diagrama, uma espécie de esquema em que diferentes modos de escrita [*Niederschriften*] se apresentam separados conforme os respectivos neurônios portadores [*Neuronträgern*]. Em *Notas do editor*, os termos escolhidos por Freud contribuíram para afirmar o aparelho como sistema de escrita, literal, pois são processos da ordem de uma escrita. Vejamos, por exemplo, [*Eindruck*] que são efeitos ou a impressão do mundo exterior assim disposto em uma escrita [*Niederschriften*] e posterior reescrita [*Umschrift*] do signo [*Zeichen*], que se modifica em traço de memória [*Erinnerungsspur*].

Nessa rede conceitual, Freud procurou fazer ver que o inconsciente, esse sistema de memória, tem como suporte a dimensão do escrito. Então propõe um aparelho psíquico com sistemas diferenciados de inscrição e transcrição. Com efeito, vamos partilhar o diagrama⁹ pensado por Freud (1896/2021, p. 36) como um esquema composto de cinco elementos ordenados em forma retangular em que os três intermediários estão dispostos por números romanos I, II, III. No retângulo se pode observar a seguinte sequência: primeiro a impressão

⁹ N.E.: As siglas designam P: percepções; sP: signos de percepção; Ic: inconsciência; Pc: pré-consciência; Cs: consciência. No original alemão, correspondem a W: *Wahrnehmungen*; Wz: *Wahrnehmungszeichen*; Ub: *Unbewusstsein*; Vb: *Vorbewusstsein*; Bew: *Bewusstsein*. (P. 57).

bruta (percepção), depois ao Isso (signos de percepção), depois ao inconsciente (Ub), ao pré-consciente (Vb), e a consciência (Bw). A propósito, **P**: neurônios nos quais se originam as percepções ligadas a consciência, porém não retém vestígios do que aconteceu, estão na extrema esquerda e propõe o registro direto da experiência, impressões que não conservam rastros nem memória do acontecimento. Podem ser recuperadas ou não por inscrições posteriores. **sP**: signos de percepção, trata-se do primeiro modo de escrita das percepções, primeiro registro, incapaz de consciência e se organiza por simultaneidade. Neste ponto, trata-se de uma escritura sem significação e sem ordenação no tempo [Isso] **Ic**: inconsciência [*Unbewusstsein*], mas neste ponto ainda não é o inconsciente [*Das Unberwusste*], trata-se do segundo modo de escrita a partir de outras relações. E, **Pc**: pré-consciência, terceiro modo de escrita, ligado a representação da palavra [*Wortvorstellungen*], corresponde ao Eu. Investimentos [*Besetzungen*] provenientes do Pc se fazem conscientes por regras determinadas, e essa consciência secundária do pensamento é algo da ordem da posterioridade [*nachträglich*].

Outro aspecto é que neste trecho se observa que Freud introduziu a questão do tempo e, em específico, do tempo *a posteriori* [*nachträglich*]. O encadeamento significativo traz consigo ondas de sentido que são de efeito *a posteriori* na ordem do tempo. Na figura topológica do retângulo, escreve Ambertín (2020, p.19), há dois extremos e dois estados intermediários que articulam Isso [não há ordem, sentido ou tempo] e inconsciente, ponto de partida da dobradiça das tópicas de Freud. O diagrama foi assim estabelecido por Freud (1896/2021, p. 36):

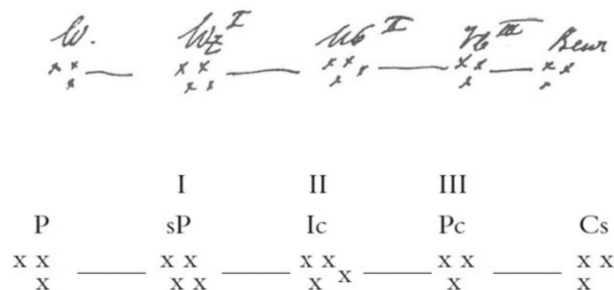


Figura 1: Diagrama - Carta 112 [52]

Freud (1896/2021, p. 37) demonstrou, ainda na Carta 112 [52], que o trabalho psíquico é representado por formas de escritas em sobreposições, e sequências de épocas diferentes da

vida. A tradução ou transposição [*Übersetzung*] do material psíquico acontece nas fronteiras entre duas épocas. Para Freud, as subjetividades, que se constataam nas neuroses, devem-se ao fato e às consequências de que a tradução não ocorreu para um determinado material. Pois, a escrita sobreposta [*Überschrift*] posterior inibe a escrita anterior, e ainda desvia o processo excitatório. No entanto, se falta a escrita sobreposta posterior, a excitação segue os caminhos e soluções vigentes no tempo anterior. Essa falha na tradução é o recalque, que acontece devido a uma liberação de desprazer consequente da tradução. Por efeito, no que falha a escrita sobreposta posterior, persiste o anacronismo, ou seja, em uma determinada província ainda vigoram os *fueros*¹⁰ (uma região e seus direitos), “sobrevivências acontecem”. Em outras palavras, o anacronismo é uma errância cronológica, intempestividade, que consiste em atribuir a uma época, ou a alguém, ou a uma província, ou a um acontecimento, efeitos que são de um outro tempo. De forma que, em algumas províncias, ocorrem sobrevivências, pois estão em vigor os *fueros*, assegurou Freud. As sobrevivências, esse desvio que Freud assegurou, são apenas “lampejos”¹¹, porque a destruição não é um absoluto, mesmo que fosse contínua. Não por acaso, Freud insistiu em afirmar, em muitos escritos, que “algo se conserva” – uma sobrevivência, mesmo que um trapo, um vestígio, um lampejo, um pedaço, um resto, uma ruína, apesar das reorganizações em momentos posteriores. Sobrevivências – o resto que se conserva, trata-se exatamente do que dispensa salvação.

Quero enfatizar que os modos de escrita sobrepostos em sequência representam o trabalho de psíquico de épocas sucessivas da vida. Na fronteira de duas dessas épocas precisa acontecer a tradução [*Übersetzung*] do material psíquico. [...] Cada escrita sobreposta [*Überschrift*] posterior inibe a anterior e desvia seu processo excitatório. Onde quer que falte a escrita sobreposta posterior, a excitação é resolvida de acordo com as leis psicológicas vigentes no período psíquico anterior e segue pelos caminhos disponíveis naquela ocasião. Dessa maneira, subsiste um anacronismo: numa determinada província ainda vigoram os *fueros*, “sobrevivências” acontecem. (FREUD, 1896/2021, p. 37).

¹⁰ Os *fueros*, de maneira geral, designam o conjunto de direitos locais espanhóis na idade média, passam a significar o direito especial de alguma região. (N.E. p. 57).

¹¹ Em Didi-Huberman (2011, p. 84), *Sobrevivência dos vaga-lumes*.

3.1 Efeitos inconscientes atemporais prevalecem na vida cotidiana

*O inconsciente é absolutamente atemporal. O caráter mais importante e também mais assombroso da fixação psíquica é que, por um lado, todas as impressões são conservadas da mesma maneira como foram recebidas, mas, além disso, em todas as formas que adotaram nos desenvolvimentos posteriores, uma relação que não se pode ilustrar por nenhuma comparação tomada de outra esfera. Segundo a teoria, cada estado anterior do conteúdo da memória poderia ser recuperado para a lembrança, **mesmo que** seus elementos tenham trocado há muito tempo todos os vínculos originários por outros novos. (FREUD, 1901/2023, p. 370).*

Você sabe que trabalho com a suposição de que nosso mecanismo psíquico tenha surgido de uma sobreposição de camadas, na qual, de tempos em tempos, o material presente na forma de traços mnêmicos [Erinnerungsspuren] sofre uma reorganização, uma reescrita, a partir de novas relações. (FREUD, 1896/2021, p. 35).

O que significa “atemporalidade” para Freud? A presença de formações inconscientes se expressa na superfície do mundo mais comum, nem privado nem público, e são determinadas por motivos não conhecidos pelo Eu. Pode-se verificar a não existência de profundidade, que poderia, por engano, ser atribuída ao inconsciente. Também se observa, tal como em um quiasmo χ , que em processos patológicos e processos normais, cada um dos elementos é encontrado já afetado pelo outro. Neste sentido, o leitor pode analisar em *Psicopatologia da vida cotidiana* a fluidez entre a norma e a anormalidade, pois a psicopatologia que estuda os fenômenos psíquicos patológicos opera da mesma forma em acontecimentos ordinários. Freud (1901/2023) tratou com precisão e rastreabilidade¹² a capacidade do material inconsciente se expressar em relações com mecanismos linguísticos. Este material, que é reprimido de modo incompleto e inconsistente, se expressa em ambiguidades, esquecimentos, atos falhos linguísticos, equívocos de ação, encobrimentos, desajustes e lapsos, que ocorrem aos sujeitos ao revelar intimidades; em ocupações rotineiras de uma vida normal cotidiana (*quotidianum*, de cada dia). Por exemplo, nas falhas que advêm ao falar, escutar, ler e escrever, e que transformam o material inicial em outra coisa. No prefácio [apresentação] de *Psicopatologia da vida cotidiana*, o texto de Freud citado é o segundo de um projeto triádico: *A interpretação dos sonhos* (1900), *Psicopatologia da vida cotidiana* (1904) e *O chiste e sua relação com o inconsciente* (1905). Sem dúvida, são textos

¹² Mas o caráter comum a todos os casos, tanto os mais leves quanto os mais graves, do qual também participam os atos falhos e casuais, está na rastreabilidade dos fenômenos a um material psíquico incompletamente reprimido, o qual, apesar de repellido pela consciência, ainda assim, não foi despojado de toda a capacidade de se expressar. (FREUD, 1901/2023, p. 375)

que oferecem ao leitor a essência da teoria sobre o inconsciente, que indicam nas atividades cotidianas formações nas quais se podem escutar as contradições do sujeito clivado entre o inconsciente e o consciente. Portanto, ocorre que, nas falhas, alguma coisa será dita, que não deveria ter sido dita – é a tensão imanente da impossibilidade de se dizer qualquer coisa.

Sobre a incidência de efeitos determinantes, note-se que é a falta de sentido na sexualidade, na morte, que nos torna sujeitos. Foi no último capítulo *Determinismo, crenças no acaso e na superstição – considerações* que Freud faz sobressair os capítulos anteriores, e também ocorre pela primeira vez a palavra “metapsicologia”. Entretanto, para complicar esta dissertação, nesse mesmo capítulo XII Freud realizou uma análise na qual é preciso afirmar a existência de determinismo psíquico no inconsciente, e este é um conceito que, ao mesmo tempo que o fundamenta, também ainda causa desconforto pela impossibilidade do acaso. Não há nada de arbitrário ou indeterminado no inconsciente para Freud (1901/2023, p. 331). O isso quer dizer? Que ações não intencionais são potências determinadas por motivos não conhecidos pela consciência. A incidência de efeitos inconscientes determinantes não permite ao sujeito liberdade absoluta, por exemplo ao falar, ler, escrever, ouvir e sonhar, pois esses atos estão submetidos aos efeitos do inconsciente. No prefácio do editor, trata-se de formações nas quais se pode escutar as contradições do sujeito clivado entre dois sistemas psíquicos: o inconsciente e o pré-consciente/consciência. Portanto, ocorre que, nas falhas, se dirá alguma coisa que não deveria ser dita; é a tensão imanente de impossibilidade de dizer qualquer coisa. Repare-se que não se trata de mal desempenho cerebral. É a partir do determinismo psíquico que foi possível a Freud fundamentar que efeitos inconscientes devem prevalecer sobre motivações conscientes. É importante notar que este é um gesto de privação à escolha livre, não se é livre para dizer qualquer coisa. O dizer não se encontra apenas ligado ao verbo, mas está chafurdado na sexualidade, nas formações do inconsciente, no desejo e no gozo.

Freud (1901/2023, p. 345), no entanto, refere que diante do determinismo psíquico, pode-se argumentar sobre o pressuposto de existência da vontade livre. A vontade livre não se manifesta nas importantes decisões voluntárias, mas pode ser experimentada apenas em algumas ocasiões. Opera nas decisões insignificantes, nas quais, se por um lado algo é deixado livre, por outro recebe as motivações do inconsciente. Até mesmo o fato de se

escolher um número ao acaso, se verifica que a escolha não é livre, mas inconscientemente determinada. É assim que, para Freud, se realiza o determinismo psíquico completamente sem lacunas. Por efeito destes fundamentos, é importante notar que o inconsciente não é uma suposição mística ou sobrenatural. Nas *Cinco lições de psicanálise* – conferências que foram proferidas em Massachusetts, nos Estados Unidos [1909], Freud apresentou a origem e o desenvolvimento da psicanálise como um novo método de pesquisa e tratamento. Para Freud, demonstrar o inconsciente requer que o psicanalista conceda “rigorosa crença” ao determinismo psíquico. Lembramos que o rigor, ao qual se referiu Freud, dispõe que um pensamento que se produz na análise não pode ser absolutamente arbitrário e sem relação com a ideia esquecida. Neste sentido, para a psicanálise nada é arbitrário, dispensável, pequeno ou casual, ao se considerar, de fato, a predominância do inconsciente. Vejamos Freud:

Os senhores já percebem que o psicanalista se distingue pela rigorosa crença no determinismo da vida psíquica. Para ele não existe nada pequeno, nada arbitrário ou casual nas manifestações da psique. Ele sempre espera encontrar uma motivação suficiente, ali onde habitualmente não há essa expectativa; mais ainda, dispõe-se a achar motivação múltipla para um só efeito psíquico, enquanto nossa exigência de causalidade, que se supõe inata, declara-se satisfeita com uma única causa psíquica. (FREUD, 2013/1910, p. 197).

Efeitos inconscientes absolutamente atemporais prevalecem na psicopatologia de uma vida cotidiana. Este breve exame sobre o determinismo se deve ao fato de que foi possível verificar, exatamente neste capítulo metapsicológico escrito por Freud, a referência à atemporalidade [*Zeitlosigkeit*] do inconsciente de modo a deixar mais claro o que é “atemporalidade” para Freud. Pressupõe-se que se trata de um quiasmo χ . Que elos Freud estabeleceu entre determinismo e atemporalidade [*Zeitlosigkeit*] inconsciente? Este é um problema que ainda se pode delinear no decorrer desta pesquisa: observa-se que, para Freud, o inconsciente é **absolutamente** atemporal. A análise da memória e do esquecimento são trabalhados sob a perspectiva de atemporalidade, ou seja, é a partir dos esquecimentos do passado em sentido estrito que Freud afirma que o aspecto atemporal [*zeitlos*] é o mais importante e assombroso da fixação psíquica. Na *Nota 110*, Freud (1901/2023, p. 369-370) trata o problema do determinismo e examina não o esquecimento de nomes próprios, ou de palavras estrangeiras, mas o esquecimento em “sentido estrito” – *sensu strictiori*, isto é, o esquecimento de vivências do passado. Verificou-se que o importante estará preservado para a memória. Então, Freud parte da hipótese que nas ocorrências de esquecimentos, não é

possível falar de uma função direta do tempo. Os traços de lembranças não sofrem nenhuma alteração após decorrerem os tempos. As impressões serão conservadas, da mesma forma como foram recebidas, ainda sofram processos de condensação e desfiguração em tempos posteriores. Especialmente após o material de origem passar por reorganizações, a partir de novas relações entre épocas diferentes da vida, como Freud (1896/2021 p. 35) observou na metáfora arqueológica da Carta 52. Sobrevivem restos fixados de um tempo passado? Levando isso em conta, poderemos perguntar, como feito anteriormente, sobre as relações entre *Zeitlosigkeit* e imutabilidade através dos tempos. Pois, o que faz o inconsciente atemporal pode ser não somente a impossibilidade de perda do material psíquico, mas também o que permanece impresso da mesma forma em que foi recebido, mesmo após sofrer alterações em épocas posteriores à sua ocorrência, mesmo que os elementos tenham trocado todos os vínculos originários por outros mais novos. A atemporalidade [*Zeitlosigkeit*] do inconsciente é o aspecto mais assombroso da fixação psíquica, em Freud:

É muito provável que, no que concerne ao esquecimento, não se possa falar de uma função direta do tempo. - No caso de traços de lembranças recalcados, pode-se constatar que mesmo nos mais longos períodos de tempo eles não sofreram nenhuma alteração. O inconsciente é absolutamente atemporal. O caráter mais importante e também mais assombroso da fixação psíquica é que, por um lado, todas as impressões são conservadas da mesma maneira como foram recebidas, mas, além disso, em todas as formas que adotaram nos desenvolvimentos posteriores, uma relação que não se pode ilustrar por nenhuma comparação tomada de outra esfera. Segundo a teoria, cada estado anterior do conteúdo da memória poderia ser recuperado para a lembrança, mesmo que seus elementos tenham trocado há muito tempo todos os vínculos originários por outros novos. (FREUD, 1901/2023, p. 370).

3.2. Um conceito de tempo para o inconsciente

O que se trata de defender é “Os processos inconscientes são **atemporais**, isto é, não são ordenados temporalmente, não são alterados pela passagem do tempo, não têm relação nenhuma com o tempo. A referência ao tempo também se acha ligada ao trabalho do sistema consciente”, escreveu Freud (1915/2010, p. 93-94) no capítulo V do texto “O inconsciente”. Nessa passagem, verifica-se que para o inconsciente há a atemporalidade, para a consciência há o tempo. Nesse sentido, a atemporalidade significa para Assoun (1978, p. 158) que os processos inconscientes não estão submetidos a ordenação temporal, à sucessividade do antes e do depois, portanto, são não-diacrônicos. E Freud, ao afirmar que o tempo em nada os modifica, quer dizer que de certa forma são eternos, entretanto, por eternidade compreende-se

não uma infinitude de tempo, tampouco oposição à temporalidade, mas sim uma dimensão que é fora do tempo, que é inacessível a uma modificação temporal. Por isso é que o inconsciente não está sujeito às ações do tempo, e nesse sentido a atemporalidade significa imutabilidade. Por fim, no dizer que não se pode aplicar a noção de tempo, é dizer que os processos psíquicos inconscientes exigem uma categorização particular, trata-se portanto do sentido radical de *Zeitlosigkeit*.

A atemporalidade é, assim, um conceito de tempo para o sistema inconsciente. Cabe aqui lembrar um impasse que surgiu durante esta investigação. Se o inconsciente é atemporal, poderemos, em leitura breve do texto freudiano, compreender que o passado, o presente e o futuro estão proscritos dos processos inconscientes. Não é difícil encontrar afirmativas de que “não há tempo no inconsciente” nos textos contemporâneos. Sabemos que no inconsciente não há negação, não há dúvidas ou graus de certeza. Entretanto, podemos observar a presença de efeitos dos tempos passado, futuro e presente em muitos textos em que Freud os refere ao inconsciente. Mas o tempo, não há. Primeiramente inferimos sobre a possibilidade de uma coexistência dos tempos, na qual, ao demarcar o inconsciente como atemporal, Freud não abandona totalmente a possibilidade da existência de efeitos temporais. Entretanto, isso não satisfaz a este estudo agora; o inconsciente atemporal é o que desconhece o tempo, ou é o que não sofre efeitos do tempo? Como delimitar a atemporalidade no conhecimento geral e atemporalidade para a psicanálise? Para compreender as razões destas coexistências, pode-se verificar com exatidão quais são as ocorrências contrárias de atemporalidade [*Zeitlosigkeit*]. Note-se que elementos inconscientes recebem de cada nova impressão uma “marca do tempo”, essa cicatriz que direciona a verificar que tempo e atemporalidade estão em uma organização topológica que se fazem “ao lado”, tal como proposto por Freud. O aspecto atemporal, em seu avesso, parece permanecer relacionado ao tempo. Então, como a atemporalidade dos processos psíquicos não exclui a possibilidade de cicatrizes no tempo?

3.3 A imutabilidade na atemporalidade [*Zeitlosigkeit*]

Sempre tive a impressão de que tiramos pouco proveito, para a nossa teoria, desse indubitável fato da imutabilidade do recalcado através do tempo. Isso parece permitir um acesso aos mais profundos vislumbres. Infelizmente, tampouco fiz maiores progressos nesse ponto.
(FREUD, 1933/2010, p. 155).

Como a atemporalidade inconsciente é o contrapelo¹³ da vida? A não alteração do passado através dos tempos é exatamente o que se pode verificar na *Conferência 31: A dissecação da personalidade psíquica*, em que Freud (1933/2010, p. 154-155) atribui ao Isso aspectos de atemporalidade [*Zeitlosigkeit*]. Não por acaso, Freud insistiu a mostrar que tempo e espaço não são formas necessárias aos atos que provém do psíquico. No Isso, “Nada se acha que corresponda à ideia de tempo, não há reconhecimento de um transcurso temporal” (p. 154), pois não há alteração do evento psíquico pelo transcurso do tempo. Notam-se desejos e impressões que nunca foram além do Isso, são assim imortais e se mantêm mesmo após décadas como se tivessem acabado de surgir. Podem ser reconhecidos como passado, desvalorizados e privados de investimentos de energia somente na experiência de uma análise. Nisso se baseia o efeito terapêutico do tratamento analítico. Essa passagem é também reveladora da “imutabilidade” do recalcado através dos tempos na qual Freud recorreu para dizer que permite acesso a “profundos vislumbres”, mas é também um convite epistemológico ao dizer que tampouco fez maiores progressos nesse ponto. Então, podemos arriscar e inferir que Freud concebeu o “assombroso” aspecto da atemporalidade [*Zeitlosigkeit*] e da imutabilidade de impressões e desejos sob a “marca do tempo”. Essa passagem retroage sobre o Capítulo 3.1 desta escrita em que cada estado anterior pode ser recuperado mesmo que tenha passado por transformações, nesse ponto identificamos a questão de que um resto pode permanecer inalterado no Isso.

Em primeiro lugar, o melhor e mais antigo significado da palavra “inconsciente” é o descritivo: trata-se de um processo psíquico cuja existência temos de supor, porque o inferimos de efeitos, mas do qual nada sabemos, ou seja, são processos inconscientes quando é necessário supor que no momento ele está ativado, embora no momento nada saibamos dele. Por exemplo, percebemos devido a perturbação ocorrida na fala o lapso que não se realizou na intenção de dizer algo, por isso era inconsciente. Se depois de expor àquele que fala este reconhecer como uma intenção, então era apenas temporariamente inconsciente, mas ao negar como desconhecida, então era de forma duradoura inconsciente. Por isso, Freud afirma que se pode dizer que o designado latente é também inconsciente. Nessas relações dinâmicas se pode

¹³ Expressão de Benjamin, escovar a história a contrapelo significa em primeiro lugar a recusa em se juntar de uma maneira ou de outra ao cortejo triunfal que continua. Trata-se de ir contra a corrente da versão oficial da história, é necessário lutar contra a corrente que é acariciada no sentido do pelo.

concluir dois tipos de inconsciente, um que se transforma facilmente em consciente e outro no qual esta mudança ocorre de maneira difícil, apenas com um esforço notável, ou note-se que talvez nunca. A mais antiga dessas províncias¹⁴ ou instância Freud designou por Isso, um pronome impessoal perfeitamente adequado para a instância alheia ao Eu. O Isso é a parte obscura e inacessível, da qual sabemos um pouco a partir do trabalho do sonho e do sintoma neurótico. A maior parte é de caráter negativo e pode ser descrita somente em contraposição ao Eu. A aproximação se dá por metáforas [analogias], pode ser chamado de “caos” – um caldeirão cheio de excitações fervilhantes. É apresentado como aberto em direção ao somático na extremidade, onde acolhe as necessidades pulsionais que nele encontram expressão psíquica, mas não se sabe em qual substrato. Mas, o que lhe fornece energia? A partir das pulsões, o Isso se enche de energia, mas não tem organização, não introduz uma vontade geral, apenas o esforço de tentar satisfazer necessidades pulsionais. É importante dizer que leis do pensamento lógico não valem para os processos no Isso, sobretudo, não vale o princípio de contradição. Observa-se que impulsos opostos existem um **ao lado** do outro, sem se cancelarem ou se diminuírem, mas podem convergir para formações de compromisso em que predomina a descarga de energias. É por isso que, a partir do Isso, devemos considerar na prática clínica e na experiência de análise a imutabilidade de impressões em aspecto de atemporalidade [*zeitlosigkeit*]:

Nada existe no Isso que possamos equiparar à negação, e também constatamos, surpresos, uma exceção à tese filosófica de que tempo e espaço são formas necessárias de nossos atos psíquicos. Nada se acha que corresponda à ideia de tempo, não há reconhecimento de um transcurso temporal e, o que é muito notável e aguarda consideração no pensamento filosófico, não há alteração do evento psíquico pelo transcurso do tempo. Desejos que nunca foram além do Isso, mas também impressões que pela repressão afundaram no Isso, são virtualmente imortais, comportam-se, após décadas, como se tivessem acabado de surgir. Podem ser reconhecidos como passado, desvalorizados e privados de seu investimento de energia somente quando se tornam conscientes mediante o trabalho analítico, e é nisso que se baseia, em medida nada pequena, o efeito terapêutico do tratamento analítico. Sempre tive a impressão de que tiramos pouco proveito, para a nossa teoria, desse indubitável fato da imutabilidade do recalco através do tempo. Isso parece permitir um acesso aos mais profundos vislumbres. Infelizmente, tampouco fiz maiores progressos nesse ponto. (FREUD, 1933, p. 154-155).

Porém, outra dimensão a se notar é que o Eu, para Freud, é apenas a parte do Isso que foi modificada por esses estímulos. O Eu se diferencia pela capacidade de sintetizar

¹⁴ Freud (1933) na Conferência 31 referiu preferir a palavra província, ao invés, de atributo para denominar as três instâncias (Eu, Isso, Supereu).

conteúdos, e combinações de processos psíquicos. Na relação com o tempo, tão difícil de descrever, pontuou Freud (1933, p. 156), é proporcionada ao Eu pelo sistema perceptivo e não há dúvida que o modo de operar desse sistema dá origem à ideia de tempo. O Eu observa, registra nos traços mnemônicos das percepções, mas é tão somente, a critério do Isso, que o Eu poderia deliberar sobre a motilidade e o trabalho do pensamento. Isso evidenciou que partes do Eu e do Supereu são inconscientes, esta é a descoberta que de fato causou incômodos. Freud (1933/2010, p. 159) apresentou um modelo topográfico para designar as províncias psíquicas (Eu, Isso e Supereu).

Antecipa-se nesta articulação freudiana uma convocação para que o leitor, por consequência, coloque algo de si na construção da teoria. Trata-se de um desenho despretensioso, no qual Freud solicita ao leitor duas correções: uma no ponto em que o espaço ocupado pelo Isso deve ser incomparavelmente maior do que o do Eu, ou do pré-consciente. Haveria ainda para Freud um outro reparo, no qual não se deve imaginar fronteiras definidas nas supostas divisas entre Eu, Isso e Supereu, como as traçadas na geografia política. Pois, não se pode representar a peculiaridade do anímico mediante contornos nítidos, como no desenho ou na pintura primitiva, mas sim, como fazem os pintores modernos, com áreas cromáticas – em decomposição e dispersão de cores, que se fundem umas às outras. Também ocorre que essas divisões podem-se encontrar permeáveis a grandes variações em diferentes sujeitos, assim como podem transformar-se, ou envolver temporariamente. Por exemplo, verificou-se no texto freudiano *O humor* que há uma dimensão em que ocorre um amplo deslocamento de uma instância do aparelho anímico para outra, “de tal modo que não nos é possível, muitas vezes, diferenciá-los.” (FREUD, 1927/2021, P. 277). O leitor pode notar aqui a porosidade e mobilidade¹⁵ fronteira entre as instâncias. O humor que se alimenta de processos regressivos e reativos em defesa contra as possibilidades de sofrimento, o sujeito “retirou o acento psíquico do seu Eu e o transportou para seu Supereu (FREUD, 1927/2021, p. 276). Assim, diante do crescente Supereu, o Eu parece diminuto e todos os seus interesses são irrelevantes, nessa nova distribuição de energia o Supereu reprime as possibilidades de reação do Eu.

¹⁵ Sobre mobilidade, Hissa cita Scorza: “Depois de engolir quarenta e dois morros, oitenta lombadas, nove lagoas, dezenove cursos d’água, a Cerca leste rastejou ao encontro da Cerca oeste. O altiplano não era infinito; a Cerca sim.” In: Hissa, Cássio. *A mobilidade das fronteiras: interseções da geografia na crise da modernidade*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2002.

Neste sentido, que o modelo topográfico pode ser inconsistente em sua representação, mas é exatamente por tombar, que se pode permitir ao objeto responder a pergunta. Vejamos o gráfico de modelo topológico em que percepção e consciência ficam na parte superior, enquanto os signos perceptivos ficam à esquerda. O pré-consciente situa-se na parte superior. Da perspectiva do inconsciente se encontra na parte inferior confundindo-se com o Isso e o Supereu. Acima o Eu e o recalcado, mas o Eu está entre as bolinhas ordenadas em diacronia e pode submergir entre o Isso e o Supereu. Por fim, a figura topológica em Freud (1933/2010, p. 159):

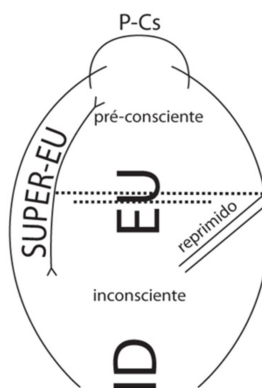


Figura 2: Representação topológica

Freud (1940/2019, p. 21, 177) foi muito preciso ao escrever no *Compêndio de psicanálise* que o Isso e o Supereu representam as intervenções do passado, ou seja, o Isso, as hereditárias; e o Supereu, essencialmente, as recebidas dos outros. O Eu é determinado pelo diretamente vivenciado, que é o momento atual e as ocorrências acidentais. Para o Supereu, trata-se dos tempos de convivência na infância, mas também tudo o que teve efeitos determinantes, seja as exigências da vida social, as disposições e tradições da raça da qual se descende. Isto é, o mundo exterior no qual se encontra exposto, e sobretudo o passado cultural, ao ponto em que o presente é transposto em passado. No entanto, o Isso, apresenta tendências herdadas, o passado orgânico. Não se pode esquecer que parte das aquisições culturais deixou seu precipitado no Isso, ou seja, repetem-se vivências filogenéticas primevas. Como o material filogenético primevo é um exemplo de atemporalidade [*Zeitlosigkeit*] do Isso?

É precisamente nessa direção de atemporalidade que Freud extrai o homem primevo de um tempo contínuo pré-histórico, de uma época, a contrapelo, e de uma norma cronológica, para restituí-lo a uma dimensão de insurgência¹⁶ neste tempo agora. Por efeito, o inconsciente é *zeitlos*, nesse quadro teórico em que se podem examinar as relações entre atemporalidade e a irrepresentabilidade da morte. Se a morte não pode ser representada no inconsciente, ou seja, para o inconsciente o que ocorre é a imortalidade, pergunta-se até que ponto este só pode ser atemporal [*zeitlos*]. Em *Considerações atuais sobre a guerra e a morte*, parte II, “Nossa relação com a morte”, Freud (1915/2020, p. 127) analisa como o inconsciente se conduz em relação ao problema da morte. Percebemos a morte apenas para aqueles que são estranhos e inimigos. Além disso, nos desejos inconscientes de morte, mata-se até por pequenas coisas. No inconsciente há sobrevivências de um desejo ávido por morte, sobrevive o humano primevo, de fato, é como um sujeito no tempo pré-histórico que o inconsciente vai nortear os efeitos sobre a morte.

4. O bloco mágico, metáfora de uma teoria do tempo [*Zeiten*]

Também conjecturei que esse funcionamento descontínuo do sistema Pcp-Cs estaria na origem da ideia de tempo.
(FREUD, 1925/2011, p. 247)

Depois do aspecto transitório das coisas abordado no capítulo anterior, em que restos interessam a uma abordagem sobre o tempo na psicanálise, o Bloco Mágico, agora uma peça quase arqueológica, que também era um brinquedo infantil, foi utilizado como metáfora de uma máquina de escrever por Freud (1925/2011, p. 243) no ensaio *Nota sobre o “bloco mágico”*, para evidenciar, como um sistema de escrita, o complexo modo de funcionar descontínuo do aparelho psíquico. Essa metáfora permitiu trabalhar o que do aparelho psíquico se trata do duplo requisito de apagar e conservar. Porém, não somente isto, a metáfora do bloco mágico ocupa um lugar central na teoria do tempo freudiana. Ao final dessa *Nota*, Freud se servirá desta mesma metáfora para demonstrar que se trata de um **conceito de tempo** [*Zeit*]. Não por acaso, a ideia de aparelho se apresenta na obra de Freud. Para que serve a metáfora de uma máquina de escrever dentro do aparelho bloco mágico?

¹⁶ A tarefa do pensamento é, portanto, arrancar os fenômenos de sua situação cronológica para restituí-los a essa dimensão de insurgência. Agamben (2021b, p. 98), em *A pré-história aqui e agora*.

Freud demonstrou sua teoria na falha entre a intenção e a expressão¹⁷. Lembremos que a metáfora viva é um tropo, que não se trata aqui de um recurso ao ornamento, mas de sistematização. Neste capítulo, tratamos de examinar a metáfora do bloco mágico em seu aspecto de conceito de tempo relacionado ao modo de funcionar descontínuo do sistema *Pc-Cs*.

Freud procurou construir uma explicação para os processos de memória, para tal, sabe-se que é preciso articular as ideias de escrita, restos e vestígios que são “traços mnêmicos” [*Erinnerungsspuren*], que tratam de uma escrita que incidem sinais sob o psiquismo e, na qual as letras não podem ser apagadas. Embora seja possível a reescritura, a partir de novas relações em outras épocas da vida, assim afirmado por Freud na Carta a Fließ n.º 52 - esboço da teoria do aparelho psíquico. Foi no *Projeto para uma psicologia científica*, de 1895, que Freud se dedicou a problematizar a memória, entendendo necessário diferenciar o aparelho perceptivo do sistema de memória. Ou seja, para o aparelho é fundamental estar de forma permanente aberto e receptivo para perceber novas excitações, ao mesmo tempo em que ocorre a inscrição dos traços. A Freud ocorreu relacionar sistema consciente e processo perceptivo, o sistema “percepção-consciência” (*Pc-Cs*) recebe influências externas, assim como recebe excitações provenientes do interior do aparelho. Com efeito, percepções não ocorrem em uma corporeidade excluída do mundo, mas acontecem no corpo que interage com o mundo. Entretanto, os estímulos recebidos no sistema superficial *Pc-Cs* não deixam vestígios duradouros, e serão percebidos na consciência. É certo o vínculo entre percepção externa e o Eu; no entanto, ainda se faz necessário investigar as ligações entre a percepção interna vinda do aparelho psíquico e o Eu. Lembremos que é uma premissa fundamental da psicanálise estabelecer diferenças do psíquico em consciente e inconsciente.

Examinar esse sistema se faz necessário nesta dissertação, pois a maneira de funcionar descontínua integra um conceito de tempo e contribui para nossa pesquisa, pois se trata de uma metáfora. O aparelho psíquico tem ilimitada capacidade para receber novas percepções, e forma duradouros, porém não imutáveis, traços mnêmicos dessas percepções. Na leitura

¹⁷ Podemos dizer que é no que falha entre a intenção e a expressão que um campo rico de estudos se abre para a psicanálise. Neste ponto, vemos em obra a divisão do sujeito. Sousa, em *Faróis e enigmas: arte e psicanálise à luz de Sigmund Freud* in: Arte, literatura e os artistas

freudiana sobre o Bloco Mágico, o bloco não é uma pequena tábua de escrever em que anotações podem ser apagadas com as mãos. Ao contrário, é uma superfície receptora sempre disponível a traços duradouros das anotações feitas, assim compatível com a estrutura do aparelho perceptivo. Ao escrever no Bloco Mágico escreve-se na película de folha que cobre a tábua de cera, trata-se de um revestimento protetor para o papel encerado, e destina-se a deter movimentos deletérios. Não é necessário lápis ou caneta. Um estilete basta para arranhar a superfície, e a escrita são os sulcos deixados. Porém, o estilete não atua diretamente na cera, mas através da folha que a cobre, pressionando o verso do papel encerado contra a tábua de cera. Para apagar, basta levantar a folha de cobertura. É desse modo que o contato do papel encerado com a tábua de cera, através dos lugares que sofrem a pressão, que se faz a escrita, mas pode ser desfeita e não volta a acontecer quando se tocam novamente. O Bloco Mágico fica vazio e pronto para receber outras escritas. Note-se que o celuloide é o protetor contra estímulos, enquanto a camada receptora de estímulos é o papel. Pode-se entender melhor com Freud:

O bloco mágico é uma tabuinha feita de cera ou resina marrom-escura, com margens de papelão, sobre a qual há uma folha fina e translúcida, presa à tabuinha de cera na parte superior e livre na parte inferior. Essa folha é a parte mais interessante do pequeno aparelho. Consiste ela mesma de duas camadas, que podem ser separadas uma da outra nas bordas laterais. A camada de cima é uma película de celuloide transparente, a de baixo é um papel encerado, ou seja, translúcido. Quando o aparelho não é utilizado, a superfície de baixo do papel encerado cola-se novamente à superfície de cima da tabuinha de cera. (FREUD, 1925/2011, p. 244).

Este é o sistema *Pcp-Cs* que se encontra em proximidade com o mundo externo, mas não se trata de um receptor passivo; há duas camadas, uma é o escudo protetor que pode diminuir a intensidade da excitação psíquica, e outra a que pode receber o estímulo já trabalhado. Para demonstrar a metáfora do bloco mágico, Freud utiliza-se nesta *Nota* também de trechos de *A Interpretação dos sonhos*, sobre a possibilidade de dois diferentes sistemas, um que acolhe as percepções, mas não lhes conserva o traço duradouro, e outro no qual os traços duradouros das percepções recebidas se produzem em “sistemas mnemônicos”. E, em *Além do princípio de prazer*, Freud afirma que a consciência surge no sistema perceptivo. O aparelho psíquico perceptual consiste em duas camadas, a primeira, uma proteção externa contra os estímulos, que se destina a diminuir o impacto das excitações que chegam. A outra é a superfície receptora de estímulos por trás dela, ou seja, o sistema *Pcp-Cs*. A metáfora do bloco mágico fornece uma superfície receptora que sempre pode ser reutilizada, mas também

guarda traços duradouros da escrita, como no bloco de papel. Por isso, o bloco mágico contribui para compreender o problema no qual é preciso juntar duas operações e distribuí-las por dois sistemas separados, mas também relacionados. O aparelho psíquico realiza a função perceptiva quando a camada que recebe os estímulos, ou seja, o sistema perceptivo *Pcp-Cs*, não forma traços duradouros, pois as bases de memória se formam em outros sistemas. É verdade, escreveu Freud (1925/2011, p. 246) que o bloco mágico não pode “reproduzir” a partir de dentro a escrita apagada, nesse sentido, seria realmente mágico, se fosse possível fazer precisamente como a memória.

Como a metáfora de uma máquina de escrever, tal como o Bloco Mágico, está entre os fundamentos de uma teoria do tempo para a psicanálise? Note-se que os estímulos não são percebidos de modo contínuo, mas em rápido e descontínuo clarão. A hipótese da descontinuidade insere no sistema uma radical particularidade. No bloco mágico, a escrita desaparece, e no fluxo do pensamento de Freud, já se formava há algum tempo este conceito do aparelho psíquico perceptivo. Mas, como ocorre a descontinuidade perceptiva? Segundo Freud, devemos notar que as inervações de investimento são enviadas e novamente recolhidas, e isso se faz em empuxos breves e periódicos, provenientes do interior para o totalmente permeável sistema *Pcp-Cs*. Enquanto o sistema se acha investido dessa forma, recebe percepções do Eu e transmite a excitação para os sistemas inconscientes; assim que o investimento é recolhido, apaga-se a consciência e cessa a operação do sistema. Trata-se que o inconsciente, por via do sistema *Pcp-Cs*, lança para o mundo exterior “antenas” que são rapidamente recolhidas após experimentar as excitações. Estas interrupções “de fora” que acontecem no sistema ocorrem devido à **descontinuidade** da corrente de inervação, e no lugar de suspender o contato, decorre a periódica não excitabilidade do sistema perceptivo. Neste momento, é importante notar que, para Freud, trata-se do funcionamento descontínuo do sistema *Pcp-Cs* essa não excitabilidade periódica, que estaria na origem de um **conceito de tempo** [*Zeit*]. Vale lembrar que Freud apresentou nesse texto *Nota sobre o “bloco mágico”* mais três referências de textos com nos quais trabalhou o funcionamento do aparelho psíquico. O autor afirmou no penúltimo parágrafo que: “Isso concorda com uma noção que há muito tempo formei sobre o funcionamento do aparelho psíquico perceptivo, mas até agora conservei para mim.” (FREUD, 1925/2011, P. 247). Foi primeiro de forma embrionária no

Projeto para uma psicologia científica (1895) depois em *Além do princípio de prazer* (1920) e no artigo sobre *A negação* (1925).

4.1 A negação: encontrar é reencontrar

O que se pode identificar nesse texto freudiano é o modo de funcionar descontínuo do sistema perceptivo que interpõe um adiamento ao pensamento, neste ponto que se articula com uma teoria do tempo proposta em *Nota sobre o “Bloco Mágico”*. Na experiência de uma análise ocorrem pensamentos tais como: “Agora o senhor vai pensar que eu quero dizer algo ofensivo, mas realmente, não tenho essa intenção”; “O senhor pergunta quem pode ser essa pessoa do sonho. Minha mãe *não* é”. Retificamos que é a mãe, ao ignorar a negação e extrair um efeito de verdade, por exemplo, “Na verdade, foi minha mãe que me ocorreu em relação a essa pessoa, mas não tenho a menor vontade de admitir que isso tenha me ocorrido”. A palavra “não” pode estar ou não presente nos enunciados. Nestes trechos de *A negação* [*Verneinung*], Freud (1925/2021, p. 305) tratou da recusa de um pensamento que acaba de emergir por suspensão do recalcado inconsciente. “O conteúdo de representação ou de pensamento recalcado pode abrir caminho até a consciência, sob a condição de que seja negado.” (P. 306). Como indicou Freud, a negação – “não foi isso que eu disse” é a forma de saber e suspender [*aufheben*] o recalcado, e de como o intelectual se separa do afetivo, fazer cessar o efeito não é evidentemente a admissão do recalcado. Cabe lembrar que a aceitação intelectual do recalcado não suspende o recalque. Mas qual o destino do que é excluído? Além disso, Freud se perguntou sobre a função das duas formas de juízo: de atribuição e de existência. Do ponto de vista do juízo se trata de atribuir¹⁸ ou desatribuir uma qualidade a alguma coisa, e assim aceitar ou contestar a existência de uma determinada representação na realidade.

Com efeito, é uma distinção entre juízo atributivo e juízo existencial, entre “a justiça é cega” e “não há justiça”. A qualidade sobre a qual se deve refletir pode ser boa ou má, útil ou nociva. O Eu-prazer faz com que tudo o que é bom possa se introjetar e tudo o que é mau seja

¹⁸ N.E.: *Eigenschaft*, qualidade ou propriedade. Aquilo que um juízo atribui a um sujeito, para exemplo, “essa maçã é verde”, em que “verde” é a qualidade atribuída pelo juízo ao sujeito, por isso Freud discorreu sobre uma qualidade boa ou má. (P. 313).

jogado fora: “isto eu quero introduzir em mim e isto eu quero tirar de mim”, tudo o que é mau, o que é alheio ao Eu e o que se encontra fora dele é-lhe idêntico, afirmou Freud (1925/2021, p. 307). A decisão da função de juízo sobre a existência real não se trata mais de saber se algo percebido [uma coisa] deve ou não ser acolhido no Eu, mas se algo que está presente no Eu como representação pode ser reencontrado na percepção, aqui realidade. Note-se que insiste a questão “do fora e do dentro”. Daí decorreu que para Freud o não real, o que é meramente representado [subjetivo] é o interno; o outro o que é real estará presente também no exterior, então, não é apenas se alguma coisa – o objeto de satisfação possui a “boa” qualidade para ser aceita no Eu, mas se essa coisa está no mundo externo.

Note-se que a oposição entre subjetivo e objetivo não existiu desde o início, e somente existe porque “o pensar possui a habilidade de tornar novamente presente – por meio da reprodução na representação – algo que foi uma vez percebido, sem que o objeto exterior precise ainda estar presente.” (P. 308) Importa notar que o primeiro objetivo da prova de realidade não é o de encontrar na percepção real um objeto correspondente ao representado, mas sim de **reencontrá-lo**, de se convencer que ainda esteja presente. Em outras palavras, vale a pena insistir, uma vez mais, naquilo que a atemporalidade de processos psíquicos inconscientes aponta para reencontros de vestígios e fantasmas de um passado que pode ser constituído de dois segundos, vinte e três anos, ou mil e um anos atrás, por exemplo. Note-se que a reprodução da percepção na representação pode ser modificada por omissões, deformações e fusões de diversos elementos.

É tarefa da função intelectual de juízo afirmar ou negar conteúdos de pensamento, e negar algo no juízo é recalcar. Entretanto, por meio da negação o pensar pode se libertar do recalque. Julgar é uma ação intelectual que decide sobre a escolha de ação motora, finaliza assim o adiamento devido ao pensamento – o pensamento é o responsável pelo adiamento, portanto, opera a passagem do pensar ao agir. Mas, para que serve o adiamento devido ao pensamento? Freud desdobra essa questão, e afirma que o adiamento é uma ação experimental, algo como um tatear motor com baixo dispêndio de descarga. Porém, pergunta-se, em que momento o Eu praticou, e aprendeu, a técnica que agora é utilizada nos processos de pensamento? A hipótese demonstrada por Freud é que tal operação ocorre na extremidade do aparelho psíquico, sistema *Pcp-Cs*. A percepção não é um processo passivo, pois o Eu

envia de tempos em tempos pequenas quantidades de investimento ao sistema perceptivo [*Pcp-Cs*], por este meio experimentam-se os estímulos externos para de novo retirar-se depois de cada um desses avanços. Verifica-se que, por ordem do Isso, o Eu domina os acessos à motilidade, e entre a necessidade e o ato, o Eu interpõe o trabalho do pensamento. Por fim, Freud propõe que o julgar é a continuação daquilo que é realizado de acordo com o princípio de prazer, ou seja, a inclusão no Eu ou a expulsão [*Ausstößung*] para fora do Eu. A afirmação [*Bejahung*], um substituto da união pertence a Eros, por outro lado a negação que sucede a expulsão pertence à pulsão de destruição, mas a função de julgar é possível através da negação que permitiu ao pensar certa independência dos efeitos do recalque. Freud demonstrou que na experiência de análise não ocorre nenhum “não” vindo do inconsciente e que o reconhecimento do inconsciente por parte do Eu se expressa exatamente numa fórmula negativa, por exemplo “Não foi isso que eu pensei” ou “Nisso eu não pensei”. No exame desses trechos se trata de sublinhar o papel do modo de funcionar descontínuo e intermitente do sistema perceptivo [*Pcp-Cs*] em sua relação com o tempo, e com o adiamento [*Denkaufschub*]¹⁹ devido ao pensamento, no sentido que o pensamento é responsável pelo adiamento; em outras palavras, adiar é transferir algo para outro tempo.

4.2 A vesícula viva, um modo de trabalho e uma metáfora para *Zeitlosigkeit*

Para situar o leitor, a leitura que Freud (1920/2020, p. 109-112) propõe em *Além do princípio de prazer* inicia-se com a vesícula viva, uma camada cortical de receptores de estímulos, equipada com um protetor para mundo exterior. Trata-se aqui do trabalho do sistema *Pcp-Cs*. É preciso deixar claro que a tese de Freud para conceituar processos inconscientes como atemporais [*zeitlos*] se faz também a partir do **modo de trabalho** do sistema *Pcp-Cs*, modo de trabalho em movimento intermitente, que Freud demonstrou em *Nota sobre o “Bloco Mágico”*. Neste bloco da dissertação, vamos identificar as demonstrações freudianas do sistema *Pcp-Cs* e verificar que a vesícula viva pode ser também um recurso metafórico para demonstrar a “atemporalidade” dos processos psíquicos. A consciência fornece percepções de excitações que provém do exterior, e efeitos de prazer e desprazer que somente se podem originar no interior do aparelho anímico. É neste sentido que

¹⁹ N.E. adiamento do pensamento ou adiamento devido ao pensamento, no sentido do genitivo subjetivo, em que o pensamento é responsável pelo adiamento, e não que o pensamento é adiado. (P. 314).

o sistema deve estar localizado na fronteira entre o exterior e o interior. Então, Freud utilizará na anatomia cerebral a sede da consciência no córtex, que é a camada mais envolvente e externa do órgão.

Mas, o que faz da vesícula viva uma metáfora que interessa a esta pesquisa? Que elos transpõe uma vesícula viva a uma teoria do tempo [*Zeit*]? Freud (1920/2020, p. 105) requisitou aos leitores no primeiro parágrafo do capítulo IV, em *Além do princípio de prazer*, que imaginassem [*erraten*] um organismo vivo. Nesse sentido, se refere a um saber por antecipação, ainda que não se apresentem todas as evidências. Neste aspecto, podemos considerar a vesícula viva como uma metáfora: o organismo vivo que serve como órgão receptor de estímulos, tem como localização a superfície voltada ao mundo exterior, é uma vesícula indiferenciada de substância estimulável. Freud pensou a posição exposta do sistema Cs e os efeitos imediatos com o mundo externo, trata-se de uma vesícula indiferenciada, e de como se estrutura nas ocorrências de defesas dos perigos externos e internos. Mas, até que ponto o impacto incessante de estímulos externos sobre a superfície da vesícula poderia modificar a substância? Quer dizer, se observada detidamente, a camada cortical receptora de estímulos é dotada de um protetor contra estímulos, adquirido quando a superfície mais externa em certa medida torna-se mais inorgânica, e passa então a agir como um invólucro especial ou uma membrana que detém os estímulos. Ou seja, ao fazer com que as energias do mundo exterior possam penetrar - em fração de intensidade - nas próximas camadas que continuaram vivas. Qual a direção e a natureza dos estímulos? Como o psíquico se confronta com estímulos internos e externos? É atrás do protetor que se encontram os estímulos, que o protetor assentiu passar. Para este corpo como superfície viva, que é a vesícula, a tarefa de proteger contra estímulos é por vezes mais importante que a própria recepção de estímulos, demonstrou Freud.

Lembre-se de que o protetor de estímulos dispõe de reserva própria de energia, capaz de operar, se transformar, além de atender ao propósito de saber qual direção e natureza do estímulo externo, porém, para isso, é necessário extrair e provar pequenas amostras do mundo. Em organismos desenvolvidos, a camada cortical receptora retraiu-se para o interior do corpo, no entanto, partes ficaram na superfície abaixo da proteção geral, trata-se dos

órgãos do sentido. Existem como se fossem antenas capazes de prescrutar o mundo exterior, e dele se retirar.

A recepção de estímulos serve, antes de tudo, ao propósito de tomar conhecimento sobre a direção e a natureza dos estímulos externos, e para isso deve ser suficiente extrair pequenas amostras do mundo exterior e prová-las em pequenas quantidades. (FREUD, 1920/2020, P. 109)

O que se pode sublinhar é que Freud (1920/2020, p. 111) mostrou a consciência em relação com a localização sistema *Cs*, e apresentou o papel de defesa do escudo protetor contra excitações provenientes de fora, uma vesícula viva equipada com um protetor contra estímulos do mundo exterior. Mas, que efeitos exercem as excitações vindas de fora sobre os estímulos de dentro? Note-se que o sistema *Cs* também recebe excitações do interior. A posição entre interior e exterior e a diversidade de condições para receber efeitos, de um lado e de outro, são aspectos decisivos para a operação do aparelho anímico. Como se sabe, acerca do que vem de fora, há uma proteção, excitações que chegam terão o efeito apaziguado, porém, contra o que vem de dentro, a proteção é impossível. As excitações se propagam em direção ao sistema, ao mesmo tempo que engendram sensações de prazer-desprazer. Aqui Freud analisou a situação do aparelho psíquico no que se refere aos efeitos traumáticos, seja de excitações do mundo externo, ou de excitações endógenas para as quais não existe o escudo protetor. Com efeito, o aparelho mobiliza energias, dispositivos de defesa, para inibir e impedir excitações que o ameaçam, sejam internas ou externas.

Como pode o trauma romper determinadas situações? Observa-se que excitações externas intensas, capazes de romper a proteção, são **traumáticas**. Um acontecimento, tal como o trauma externo, pode provocar enorme perturbação no funcionamento, mobilizando todos os meios de defesa. Nesse momento, Freud verificou que no trauma não se trata de descarregar a energia, mas de inibi-la, de modo que não lhe seja possível fluir em livre circulação pelo anímico. O trauma é a consequência de extensa ruptura da proteção contra estímulos. Mas, qual a quantidade de excitação que invade? E, que energia o aparelho psíquico despende para defesa? Que destino para as excitações excedentes? Qual o determinante da força traumática? Freud (1920/2020, p. 115-117) extraiu desse modelo metapsicológico que mesmo o sistema altamente investido é capaz de receber energia adicional em estado de livre fluência, e transformá-la em estado quiescente, portanto, é capaz

de “ligá-la” psiquicamente, evitando o aumento de desprazer. Assim, quanto mais elevado é o investimento quiescente, maior é a força de ligação, além disso, depende da quantidade de excitação que invade e da ação de energia quiescente investida. Nesse sentido, Freud marcou a presença de fatores indeterminados no que concerne a processos de excitação, mecanismos de proteção e rupturas. Freud compreendeu perfeitamente a falta de uma proteção contra estímulos de origem interna, de efeitos capazes de perturbar tal como o trauma; neste sentido, as fontes mais abundantes de excitações internas são as pulsões, trata-se do fator mais importante e obscuro, representante de efeitos de forças e conflitos, e, ao contrário, estão livremente móveis – passam por transferências, deslocamentos e condensações, e ainda pressionam para descarga.

Quando da elaboração de *Além do princípio de prazer* deu-se uma mudança radical na metapsicologia, a constatação de presença da dor muito mais do que de prazer, o que levará Freud a demonstrar a pulsão de morte. Pois o princípio de prazer não é suficiente para explicar a “compulsão à repetição”, a agressividade, e os sonhos dos neuróticos de guerra, que experimentam, assim, exatamente o sofrimento que deveriam ter esquecido. A compulsão à repetição também traz de volta “experiências do passado” que não contém nenhuma possibilidade de prazer, e que mesmo naquele tempo em que ocorreu não puderam ser satisfações, nem mesmos de moções pulsionais recalcadas desde então, escreveu Freud (1920/2020, p. 91). Para Freud:

Talvez não consideremos muito ousada a suposição de que as moções que se originaram das pulsões não obedeçam ao processo nervoso do tipo ligado, mas ao do livremente móvel que pressiona para a descarga. O que sabemos de melhor sobre esses processos provém do estudo do trabalho dos sonhos. Lá descobrimos que os processos nos sistemas inconscientes são fundamentalmente diferentes daqueles nos sistemas (pré-)conscientes, que no inconsciente os investimentos podem ser facilmente transferidos, deslocados e condensados de modo integral, o que só poderia produzir resultados falhos se ocorresse com material pré-consciente, e que, precisamente por essa razão, ele também produz as conhecidas peculiaridades do sonho manifesto, depois que os restos diurnos pré-conscientes foram elaborados de acordo com as leis do inconsciente (FREUD, 1920/2020, p. 127).

O que, de fato, é o inconsciente atemporal? A Freud (1920/2020, p. 111) ocorre investigar no parágrafo sete, do capítulo IV, em *Além do princípio de prazer*, como se dá uma representação do tempo. Freud retomou nessa passagem o aspecto atemporal do inconsciente, pois processos anímicos são em si mesmos atemporais, afirmou Freud. A atemporalidade

conduz, em primeiro lugar, a que os processos inconscientes não sejam ordenados temporalmente, que o tempo em nada os modifica, e que não se lhes pode aplicar a noção de tempo. É importante destacar que Freud verificou que são características negativas, que só se podem tornar nítidas pela comparação com processos anímicos conscientes. Notemos, ainda, que o sistema *Pcp-Cs* é o conceito substancial para analisar uma teoria dos tempos em Freud, pois, segundo Freud, o conceito de tempo foi retirado do modo de trabalho do sistema *Pcp-Cs*. No entanto, qual o modo de trabalho de sistema *Pcp-Cs*? Muito mais que o próprio sistema, Freud parece contribuir para esta pesquisa ao indicar o modo de trabalho deste sistema *Pcp-Cs*, que é o cerne do Eu, mas o Eu não é a única instância desse sistema. Por outro lado, ao mesmo tempo Freud introduziu uma complexidade aos pensamentos, pois é preciso considerar que o inconsciente é atemporal [*zeitlos*], e tal condição deve ser identificada por características negativas em relação à consciência. Para situar este argumento, note-se que na consciência verificam-se percepções de “tempo”, enquanto que no inconsciente há percepções de “atemporalidade”:

Aprendemos que os processos inconscientes são em si mesmos “atemporais” [*zeitlos*]. Isso significa, em primeiro lugar, que eles não são ordenados temporalmente, que o tempo em nada os modifica, que não podemos aplicar-lhes a noção de tempo. Trata-se de características negativas que só podemos tornar nítidas através da comparação com os processos anímicos conscientes. Nossa representação abstrata do tempo parece muito mais ter sido inteiramente retirada do modo de trabalho do sistema *Pcp-Cs*, correspondendo a uma autopercepção dele. (FREUD, 1920/2020, p. 111).

Ao fim deste breve percurso, acerca da vesícula viva, e do sistema *Pcp-Cs*, que consideramos necessário situar na obra de Freud para esta pesquisa, observam-se as perspectivas do sistema *Pcp-Cs*, das metáforas biológicas e uma teoria dos tempos. Ao referir-se à experiência clínica psicanalítica, Freud (1920/2020, p. 101) organizou cada vez mais o sistema, assim, neste momento sabemos que a consciência não é a única característica que se atribui às operações deste. E ainda, os processos de excitação nos outros sistemas deixam vestígios duradouros, tais como os que fundamentam a memória, restos de lembranças que em nada tem a ver com tornar-se conscientes. Note-se que são mais intensos e duradouros se o processo que os deixou nunca chegou à consciência. Esses vestígios duradouros de excitação se produzem também no sistema *Pcp-Cs*? Vestígios duradouros poderiam limitar as possibilidades do sistema de receber novas excitações. Por isso, tornar-se consciente e deixar vestígios de memória são operações inconciliáveis para um mesmo sistema. Deseu modo, no

sistema Cs, segundo Freud, o processo de excitação se torna consciente, mas não deixa vestígios duradouros, e todos os vestígios desta operação, nos quais a lembrança se apoia, são produzidos através de excitação em outros sistemas internos. Freud mostrou o surgimento da consciência através da tese de que a consciência surge no lugar do vestígio de lembrança. Nesse sentido, em “Notas do Editor” (1920/2020, p. 216) em *Além do princípio de prazer*, sobre a afirmativa de que a consciência surge no lugar de vestígios da lembrança, verificou-se em *Nota sobre o bloco mágico* (1925), que a consciência surge no sistema de percepção [Pcp-Cs], em lugar de vestígios duradouros.

Nesta localização específica do sistema em contiguidade com o mundo externo, o Eu para fora parece manter linhas de fronteiras nítidas, e, pelo contrário, em continuidade para dentro, no Isso, não apresenta fronteiras nítidas. Por sua vez, na perspectiva de Freud (1912/2021, p. 79) em *Sobre os tipos neuróticos do adoecimento*, coexistem fatores genéticos e ambientais, biológicos e psíquicos, internos e externos: “a psicanálise nos advertiu a abandonarmos a infecunda oposição entre fatores externos e internos, entre destino e constituição, e nos ensinou a encontrar a causação do adoecimento neurótico regularmente em uma determinada situação psíquica que pode se produzir por diversos caminhos”.

4.3 Metáforas biológicas: a imortalidade do “plasma germinal”

É por efeito de que protozoários não são imortais, que o leitor pode ler a perplexidade de imutabilidade da morte, nestes escritos de Freud de 1917, 1919 e 1920. Quando se procura lembrar de algo que aconteceu, aquilo que se ouviu de outros se confunde com experiências próprias. Goethe, dado como nascido “morto”, a ele somente com muitos cuidados foi possível sobreviver, e embora tenha vindo ao mundo para morrer, permaneceu vivo. Essas palavras de Goethe e Freud se encontram no primeiro parágrafo de *Uma lembrança de infância em poesia e verdade* de Freud (1917/2021, p. 259) que escolhemos para introduzir as metáforas biológicas sobre a atemporalidade e as questões acerca da morte que interpelam Freud e esta pesquisa. Mas, onde há a vida, há também a morte, essa é uma maneira de lembrar a tese de Freud (1920/2020, p. 137) em *Além do princípio de prazer* que vamos ler à frente, na qual o conflito teórico opera frente ao problema da morte, pois, para Freud, a meta de toda vida é a morte, o inanimado esteve aqui antes do vivo. Vejamos em Freud (1917/2021,

p. 259) o fragmento clínico exposto no primeiro parágrafo de *Uma lembrança de infância em poesia e verdade*: “[...] por imperícia da parteira, vim ao mundo como morto e foram precisos grandes esforços para me trazer à vida”. (P. 259). Este pedaço de história clínica é um exemplo que se observa como modelo para dizer dos efeitos de atemporalidade [*Zeitlosigkeit*] nos processos psíquicos e sobrevivência de restos do passado na vida contemporânea do poeta. Efeitos de atemporalidades podem acontecer a qualquer um que viva neste tempo de agora. Ou seja, os crocodilos²⁰ sobreviventes fazem parte de nossas clínicas. Então, uma analisante na sessão clínica diz o seguinte: “Eu nasci, mas antes meu irmão morreu”. Em outro fragmento de experiência analítica, outra analisante: “Minha mãe morreu eu tinha quarenta e cinco dias de nascida, mas antes ela disse: ‘eu não vou criar essa minha filha’”. Em Freud, pode-se ler:

Na medida em que quase todos nós, nesse ponto, ainda pensamos como os selvagens, não devemos nos admirar que o medo primitivo diante da morte seja, em nós, ainda muito poderoso e esteja pronto para se expressar, assim que algo venha ao seu encontro. Provavelmente, ele conserva ainda o antigo sentido de que o morto se torna um inimigo do que sobrevive e pretende levá-lo e torná-lo um companheiro de sua nova existência. Poderíamos antes perguntar acerca dessa imutabilidade de nossa posição diante da morte, na qual permanece a condição de recalçamento, que é exigida para que o primitivo possa retornar como algo infamiliar. (FREUD, 1917/2019, p. 89).

Por que se morre? Por que organismos vivos são impelidos em direção a morte? A imortalidade dos protozoários não existe? É necessário reconhecer que as leituras e estudos no campo da biologia são imprescindíveis para provar os fundamentos freudianos. Foi em *Além do princípio de prazer*, texto no qual trata de demonstrar a pulsão de morte, que Freud, (1920/2020) a fim de sistematizar conceitos e argumentos metapsicológicos, utilizou-se de debates dos conceitos tomados de empréstimo às teorias biológicas da época. Por exemplo, a hipótese da vesícula, os protistas, os protozoários – a imortalidade de seres unicelulares. A propósito, é preciso ressaltar que essas leituras, e os estudos no campo da biologia, são imprescindíveis para provar o fundamento da pulsão de morte, que muda de forma radical as percepções sobre o inconsciente, a partir de uma outra dinâmica pulsional. A referência evolucionária e darwinista foi indispensável para Freud desde o começo, e até mesmo no modelo mecânico do projeto, verifica-se a perspectiva biológica – que representa o elemento

²⁰ “... o crocodilo, ainda vive conosco”, metáfora utilizada por Freud (1930/2020, p. 311), ao dizer dos restos que sobrevivem ao lado do que surgiu por transformação e dos efeitos que a atemporalidade produz na vida dos sujeitos de agora.

filogenético retomado por Freud em *O homem Moisés e a religião monoteísta*, examinado ao final desta dissertação. Em *Além do princípio de prazer* está presente o evolucionismo darwinista de forma decisiva na construção do conceito de pulsão de morte apresentado no capítulo VI. As pulsões de morte, em aspecto regressivo, pressionam exatamente para restaurar um estado anterior. Note-se que interessa a Freud nas formulações biológicas de diversos autores construir evidências ao conceito de pulsão, enquanto o que requer uma tendência para a morte, no sentido de que a morte é um aspecto primitivo e universal da vida. Ou seja, a morte é o impulso inerente à vida, e à destruição própria, portanto, pressupõe a morte como um fenômeno primitivo, assim Freud (1919/2019, p. 89) em “O infamiliar”, também afirmou a presença do medo primitivo recalcado diante da morte.

É verdade que Freud não apenas apontou os aspectos de contribuição à teoria da pulsão de morte, dado que eram obras de referência para o debate do problema biológico da morte natural, mas também em quais aspectos a teoria se afasta da psicanálise, e até mesmo as adversidades. Note-se que opera na tese a afirmativa de imortalidade dos protozoários, trata-se para Freud de um problema a tensionar em relação à inevitabilidade da morte, porque, segundo Weismann, a morte não era universal. O plasma germinal²¹ dá origem a um novo indivíduo, que, dotado igualmente de células germinativas derivadas das anteriores, dará origem a um novo processo reprodutivo, assim prossegue. Desse modo o plasma germinal não morre, propriamente, mas se replica e se perpetua ao longo das gerações, o que constitui o elemento imortal da substância viva. Vejamos como Freud circunscreveu em detalhes:

O que nos cativa nessa concepção, é a inesperada analogia com a nossa própria concepção desenvolvida por caminhos tão diferentes. Weismann, que considera a substância viva do ponto de vista morfológico, reconhece nela um componente abandonada à morte, o soma, o corpo, com exceção da substância sexuada e hereditária, e um componente imortal, que é justamente o plasma germinal, que serve à conservação da espécie e a reprodução. Nós não tínhamos em mente a substância viva, mas as forças que nela atuam, e fomos levados a distinguir duas espécies de pulsões, aquelas que querem conduzir a vida à morte e as outras, as pulsões sexuais, que almejam estabelecer sem cessar a renovação da vida. (FREUD, 1920/2020, p. 155).

Por outro lado, na nova teoria pulsional, Freud (1920/2020, p. 155) declinou das hipóteses de Weismann, as quais, por sua vez, se mostraram insatisfatórias à psicanálise, mas,

²¹ O plasma germinal corresponde estritamente ao material genético contido no núcleo da célula. Notas p. 401

exatamente por isso, foram fundamentais, como se a Freud fosse sempre possível avançar nos pontos que não se traduzem. O conflito teórico opera frente ao problema da morte, pois, para Weismann, existia a imortalidade dos protozoários, a partir do plasma germinal. Coisa diversa se apresentou nos trabalhos de Lipschütz, para o qual não existe a imortalidade no sentido de persistência inalterada da substância viva. Em Lipschütz, Freud (1920/2020, p. 181) se referiu também às pulsões sexuais, pois, na fusão de dois seres, a copulação produz sobre os dois um efeito revigorante e rejuvenescedor, pela nova quantidade de estímulos introduzidos. Freud (1920/2020, p. 137) sistematizou em uma pequena frase este ponto a ser demonstrado, observando que tudo o que é vivo morre por razões internas, e retorna ao inorgânico. Nas palavras de Freud, “A meta de toda vida é a morte, e, remontando ao passado: O inanimado esteve aqui antes do vivo”. Por fim, escreve Simanke (2020, p. 429) em *Fontes científicas: “um reino de possibilidades ilimitadas”*, o conceito de pulsão de morte é um conceito metapsicológico, não é um conceito biológico. Foi formulado por Freud, através de argumentação psicanalítica, e justificado nas formulações consistentes entre teoria e clínica, mas, para Freud, é preciso contar com as ciências biológicas para fornecer um alicerce confiável à teoria das pulsões e à metapsicologia. Com efeito, mesmo que o conceito de morte lhes escape absolutamente das mãos, escreve novamente Freud (1920/2020, p. 153).

4.4 Sonhar é regredir à condição mais antiga do sonhador: o tempo passado

“A vida era um tempo misturado do antes-agora-depois-e-do-depois-ainda. A vida era a mistura de todos e de tudo. Dos que foram, dos que estavam sendo e dos que viriam a ser.” (EVARISTO, 2020).

Mas, porque Freud conduz a considerar os sonhos para um tipo especial de vivências, aquelas que não irrompem na lembrança? O sonho usa o tempo presente, mas provém de pedaços do passado, e no tempo futuro é feito à semelhança do passado. Não se pode esquecer que o sonho é o resultado de um conflito no qual restos de duplo sentido se conservam. Por ora, o que conta é compreender que Freud ressaltou no mecanismo do sonho a operação de retroagir sobre as formações psíquicas mais antigas, em que continua a atuar a parte mais arcaica, de outros tempos da humanidade. Demonstrou então que a experiência de análise pode precipitar restos de heranças arcaicas [filogenética]. E o que se verifica é que é do tempo

passado, antes de qualquer experiência própria, que provém o sonho em todo sentido. Neste trecho vamos examinar o capítulo “VII. Psicologia dos processos oníricos” parte B, “A regressão” em Freud (1900/2006, p. 583) em “A interpretação dos Sonhos”. Nesse momento de investigação, Freud tratou de resumir os resultados, afirmou aos leitores que o sonho é um ato psíquico cuja força motriz é sempre um “desejo a ser realizado”, o fato de não ser percebido como desejo se deve aos efeitos de censura que sofreu ao se formar. No entanto, além de escapar da censura, existem outros fatores como a condensação do material psíquico, a representabilidade em imagens sensoriais e, ainda a consideração por uma aparência racional e inteligível do produto onírico. Essas teses conduzem a novos postulados, segundo os quais é preciso investigar as relações recíprocas entre o desejo, que é o motivo do sonho, e as condições para o sonho no contexto da vida psíquica. Freud analisou o sonho e notou duas características distintas, que são a representação do pensamento como uma situação atual (tempo presente), e a transformação desse pensamento em imagens visuais, embora não esteja muito claro no sonho a perspectiva no tempo presente, mas Freud tomará como exemplo outro sonho que é o sonho da injeção de Irma que se passa no tempo presente. Em Freud:

Iniciamos este capítulo com um sonho, para nos lembrarmos dos enigmas que ainda precisam ser solucionados. A interpretação desse sonho da criança em chamas não apresentou dificuldades, ainda que não tenha sido completa para nós. Perguntamos por que houve esse sonho, por que o pai não acordou de imediato, e reconhecemos como um dos motivos do sonhador o desejo de representar o filho vivo. Mais adiante notaremos que outro desejo também influenciou no sonho. Em primeiro lugar, portanto, é para a realização do desejo que o processo de pensamento do sono é transformado em sonho. Deixando de lado essa realização de desejo, resta apenas uma característica que diferencia os dois tipos de evento psíquico. O pensamento onírico teria sido este: “Vejo um brilho no quarto onde está o corpo. Uma vela pode ter caído, e meu filho está queimando!”. O sonho reproduz o resultado desse raciocínio de modo inalterado, mas o representa numa situação que está no presente e que os sentidos apreendem como uma vivência do estado de vigília. Mas essa é a característica psicológica mais geral e mais notável do ato de sonhar; um pensamento, normalmente de uma coisa desejada, é objetivado no sonho, representado como cena ou, como acreditamos, vivenciado. (FREUD, 1900/2006, P. 585).

Qual é o tempo do sonho? O tempo do sonho é o presente, tempo verbal em que o desejo é representado como realizado [disfarçado], em Freud o sonho usa o presente da mesma forma e justificativas que os sonhos diurnos. Mas o sonho é diferente do devaneio no fato de que o conteúdo de representações não é pensado, mas transformado em imagens que assim se acredita vivenciar. Nesse sentido, o sonho é uma metáfora na qual se produz um

novo sentido. A transformação de imagens não ocorre apenas no sonho, mas também na alucinação. Examinada no contexto de localidade psíquica, se trata de pensar o aparelho como um instrumento composto de instâncias ou sistemas, e não há necessidade de supor uma ordenação espacial, mas uma ordem fixa. Em certos processos psíquicos os sistemas foram percorridos pela excitação em determinada sequência **temporal** que pode sofrer alterações, os componentes são “sistemas ψ ”. Freud esclareceu que o sistema ψ tem uma direção, a atividade psíquica parte de estímulos internos ou externos e termina em inervações, por isso atribuiu ao aparelho uma extremidade sensível e uma extremidade motora. Na extremidade sensível está o sistema que recebe as percepções, na extremidade motora outro que abre as comportas da motilidade.

Dessa forma o processo psíquico transcorre da extremidade perceptiva *Pcp* em direção à extremidade motora. Uma diferenciação da extremidade sensível é que das percepções que chegam permanece um traço no aparelho psíquico – **traço mnêmico**, e denominamos memória a função ligada a esse traço. Nota-se que algo se conserva além das percepções que agem sobre o sistema *Pcp*, se o sistema não possui memória, não poderia reter traços para associação, portanto a base de associação são os sistemas mnêmicos. São associações as percepções que se mostram ligadas entre si também na memória, principalmente após terem ocorrido simultaneamente. Pode-se supor vários elementos *Mn* nos quais a mesma excitação transmitida pelos elementos *Pcp* é fixada de modos diferentes. O primeiro sistema *Mn* conterà a fixação da associação por simultaneidade, enquanto nos sistemas mais distantes o mesmo material de excitação se organizará de acordo com outros tipos de contingências. Observou-se que o sistema *Pcp* que não possui a capacidade de preservar modificações – não tem memória, as lembranças do passado inconscientes podem ser tornadas conscientes, mas não há dúvida de que em estado inconsciente produzam todos seus efeitos. Em Freud “as impressões que tiveram o mais forte efeito sobre nós, as de nossa primeira infância, são aquelas que quase nunca se tornam conscientes.”(P. 590). Essa passagem é reveladora para inferir a maneira como Freud concebe que a atemporalidade - restos do passado exercem o mais forte efeito sobre os sujeitos e podem permanecer inconscientes, arriscamos que aqui reside o aspecto subversivo de *Zeitlosigkeit* [atemporalidade]. Para tentar apreender brevemente a interpretação do sonho como via de acesso ao Isso inconsciente é preciso considerar o sonho no ponto insondável tal como um novelo embaraçado que é o “umbigo”

(p. 575), o ponto do sonho que se assenta no “não reconhecido” [*Unerkannte*]. Talvez, exatamente, o que faz no inconsciente ser o resto.

Foi impossível esclarecer a formação do sonho sem supor a existência de duas instâncias, uma que submete a atividade da outra a uma crítica cuja consequência não se torna consciente. Freud denominou pré-consciente o último sistema na extremidade motora para indicar os processos de excitação que nele ocorrem e podem chegar à consciência sem maiores impedimentos, se determinadas condições forem satisfeitas; por exemplo, se atingirem um certo grau de intensidade. O sistema por trás deste é o inconsciente. Em qual sistema se situa o impulso para a formação do sonho, perguntou Freud. No sistema inconsciente, e ao considerar o desejo, a força motriz do sonho é fornecida pelo inconsciente [*Ics*]. No sonho diminuem-se as resistências que guardam as fronteiras do inconsciente e *Pcs* dada a esta configuração o caráter alucinatório que interessou a Freud. Por que no sonho alucinatório a excitação toma a direção para trás? Ao invés de se propagar rumo à extremidade do aparelho, avança em direção à extremidade sensorial, que é o sistema das percepções [*Pcp*], ou seja, em sentido inverso, por isso podemos dizer que o sonho tem um caráter **regressivo**. Esse movimento regressivo é um aspecto do processo onírico, nesse sentido Freud esclareceu que não ocorre apenas quando sonhamos, mas também no estado de vigília. Entretanto, nesse estado o movimento para trás nunca vai além de imagens mnêmicas, nesse caso não seria possível reproduzir o reavivamento alucinatório de imagens perceptuais que acontece no sonho lembrando ainda o trabalho de condensação que intensidades inerentes à representação são transferidas. A regressão é o fato de que no sonho a representação se transforma de volta na imagem sensorial da qual surgiu em algum momento. Nomear como regressão diz de uma **direção**, este é um ponto que Freud considerou importante. O processo onírico é uma regressão no interior do aparelho. No entanto, para explicar a regressão do sonho é preciso considerar as regressões que ocorrem em estado de vigília para as alucinações [visões] da histeria, da paranoia e também as visões em processos normais. Com efeito, as regressões são pensamentos intimamente ligados a lembranças recalçadas ou que permanecem inconscientes, transformados em imagens.

Freud apresentou exemplos de lembranças visuais sem relação com o estado de sono, e mesmo em pessoas cujas lembranças não são visuais as primeiras lembranças da infância

preservam o caráter da vividez sensorial até idade avançada. No sonho, a transformação de pensamentos em imagens visuais pode ser em parte consequência da atração que a lembrança representada visualmente busca por ser reavivada e se expressar. Nesse sentido, o sonho poderia ser descrito como “o substituto de uma cena infantil modificado pela transferência para algo recente.” (P. 590). O sonho é assim uma impressão recente que se juntou a uma série de impressões mais antigas. Sobre a regressão, Freud observou o papel importante na formação de sintomas, tal como na teoria dos sonhos e diferenciou, mesmo que considere uma só, três tipos de regressão: regressão topológica do sistema Ψ , regressão temporal quando se trata de um retorno a formações psíquicas mais antigas, e regressão formal quando modos primitivos de expressão substituem os habituais.

Em Freud (1900/2006, p. 600), sonhar é regredir à condição mais antiga do sonhador, ao tempo passado, é um reavivamento de sua infância, dos impulsos pulsionais e modos de expressão predominavam que naquele tempo. Mas, o que é a condição mais antiga do sonhador? Freud não hesitou que na infância de cada sujeito se encontra a herança “filogenética²²”, a evolução do gênero humano – da qual o sujeito é uma repetição abreviada com efeitos de circunstâncias casuais da vida. Freud afirmara que as palavras de Nietzsche são certas ao dizer que no sonho continuam a atuar a parte antiga, mais arcaica, de outros tempos da humanidade, à qual dificilmente temos acesso por via direta. Na experiência de análise, o sonho leva ao conhecimento da herança arcaica e também ao que é psiquicamente inato. Os elementos reunidos permitem a Freud dizer que o sonho e a neurose conservam mais antiguidades [passado] psíquicas do que era possível imaginar. A psicanálise está entre as ciências que buscam reconstruir as fases mais antigas e sombrias do começo da humanidade. É precisamente nessa direção que se trata de tirar algumas breves conclusões. Em primeiro lugar, Freud enfatizou que o tempo que o sonho se utiliza é o tempo presente, no entanto é do passado que provém o sonho em todo seu sentido. O psicanalista (1900/2006, p. 675) não se mostra de modo algum ambivalente ao afirmar o valor do sonho para o conhecimento do passado, não há dúvidas de que para Freud o sonho é atemporal exatamente por sua condição

²² A propósito, Sabina Spielrein (1912/2021 p. 22) afirma que o tempo presente tem relação no inconsciente com vivências anteriores de várias gerações. Por isso, no aparelho psíquico, um evento é carregado de afetos na medida em movimentava vivências experimentadas anteriormente, ou seja, abre-se um espaço para verificar a ideia de que no psíquico as coisas não se passam somente no tempo presente e a construir a atemporalidade [Zeitlosigkeit].

inconsciente, verificamos que a força motriz do sonho é fornecida pelo inconsciente, que o sonho é a via de acesso ao inconsciente. O desejo indestrutível está em direção ao futuro, mas é importante notar que o tempo futuro tomado como tempo presente no sonho é feito à imagem e semelhança do passado:

E o valor do sonho para o conhecimento do futuro? Isso está fora de questão, naturalmente. Deveríamos falar, em vez disso, do seu valor para o conhecimento do passado. Pois do passado é que provém o sonho em todo sentido. É verdade que a antiga crença de que o sonho nos mostra o futuro não é inteiramente desprovida de verdade. Ao representar um desejo como realizado, o sonho está nos levando para o futuro, de fato; mas esse futuro que o sonhador toma como presente é modelado, pelo desejo indestrutível, à imagem e semelhança do passado. (FREUD, 1900/2006, p. 675).

Da perspectiva de Freud (1940/2019, p. 67) agora no livro *Compêndio de Psicanálise e outros escritos inacabados*, aquilo que lembramos do sonho como sendo o sonho depois de acordarmos não é o verdadeiro processo do sonho, mas apenas uma fachada que tem por finalidade esconder algo. Essa é uma distinção entre um conteúdo manifesto do sonho e os pensamentos latentes do sonho, o trabalho do sonho é o processo que faz dos segundos surgir o primeiro. Neste trabalho demonstra que o material inconsciente do Isso, originário e recalcado se impõe²³ [força] ao Eu, torna-se pré-consciente e por oposição ao Eu, sofre modificações conhecidas como **deformação** do sonho. O trabalho do sonho é uma elaboração inconsciente. A formação do sonho ocorre a partir de uma moção pulsional reprimida [um desejo inconsciente] ou um anseio residual da vida desperta que encontra no sono um reforço através de um elemento inconsciente, de modo que os sonhos podem ser oriundos do Isso ou do Eu. Sabemos que o Eu desperto domina a mobilidade, mas essa função fica paralisada no sono, o que torna supérflua parte das inibições infligidas ao Isso inconsciente, e permite ao Isso certa liberdade. O que torna evidente a participação do Isso inconsciente na formação dos sonhos são: a memória do sonho que é mais abrangente que a memória do estado desperto, pois o sonho traz lembranças que o sonhador havia esquecido e muitas vezes inacessíveis na vigília. O sonho faz uso de símbolos languageiros, cujo significado o sonhador não conhece – é provável que partem de um estado anterior ao desenvolver da linguagem. O sonho reproduz o passado esquecido, recalcado e inconsciente do sonhador, indispensável na reconstrução dos tempos primevos. Além disso, o sonho traz conteúdos que não fazem parte nem da infância,

²³ *Aufdrängt*: o que força, *drängt*, a aproximação, imposição. N.E. (P. 188).

nem da vida madura esquecida, é preciso considerar que fazem parte de uma herança **arcaica** que sofreu os efeitos de vivência de antepassados que cada sujeito traz consigo ao mundo antes de qualquer experiência própria. Encontramos nesse material filogenético as mais antigas lendas e os costumes sobreviventes, assim Freud demonstra que o sonho é uma fonte da pré-história humana. Por esses aspectos todos colocados, o sonho é uma metáfora que poderia indicar também uma teoria dos tempos “atemporalidade”?

Na sequência de parágrafos, Freud (1940/2019, p. 73) indicou que regras decisivas da lógica não tem validade no inconsciente, anseios com metas contraditórias coexistem “lado a lado” sem nenhuma necessidade de acordo. Isso quer dizer que ou não exercem efeito algum de um sobre o outro ou, se o fazem, não chegam a uma decisão, mas sim a um compromisso, o que se configura como absurdo pois contém detalhes mutuamente incompatíveis. Note-se que os contrários não se separam e podem ser tratados como idênticos, isso esclarece que no sonho manifesto cada elemento pode também significar o seu contrário. Pesquisadores verificaram que ocorria nas línguas antigas que contrários como forte-fraco, claro-escuro, alto-profundo eram expressos pela mesma raiz até que modificações da palavra originária separaram os significados de cada uma. Mas restos do duplo sentido se conservam no latim. Cabe ainda lembrar a tendência à condensação²⁴ trata da inclinação a formar novas unidades a partir de elementos que certamente estariam separados. Outra peculiaridade é o deslocamento de intensidades psíquicas de um elemento para outro de forma que um elemento no sonho manifesto aparenta ser o mais claro e importante enquanto elementos essenciais são representados por mínimas alusões. Observou-se por essas tendências de condensação e deslocamento que a energia presente no Isso inconsciente se encontra em estado de livre mobilidade, importando ao Isso a possibilidade de escoamento. Importa notar, aqui, a tendência peculiar do trabalho de sonho de prescindir da negação [*Verneinung*] e de expressar elementos opostos por meio dos mesmos recursos figurativos. Então, algo no sonho pode significar o seu contrário. Crianças gostam de brincar com a inversão fonética das palavras e o trabalho do sonho se serve para diversos fins da inversão do material figurativo. (FREUD, 1910/2021, P. 60-67).

²⁴ N.E.: um procedimento de linguagem em que se adensam, fundem-se representações, imagens ou sons, cabe ainda mencionar o parentesco com a noção de poesia (*Dichtung*) e poeta (*Dichter*). (P. 188).

O que se observa portanto é que até mesmo o futuro se estabelece de acordo com um modelo do passado. Fantasias e sonhos diurnos não são castelos no ar e nem estão petrificados, são adaptáveis às mudanças das impressões da vida e se modificam conforme as situações, assim recebem de cada nova impressão uma “marca do tempo”. Para Freud (1908/2021, p. 58) em *O poeta e o fantasiar* uma fantasia paira entre três tempos, os três movimentos temporais de nossa imaginação. Ou seja, o trabalho psíquico se liga a uma impressão no tempo presente capaz de despertar desejos, remonta assim à lembranças de vivências antigas – infantil, na qual aquele desejo foi realizado e cria então uma situação ligada ao futuro, este se apresenta como a realização de desejo no sonho diurno ou na fantasia. O passado, presente, futuro se alinham assim como um cordão percorrido pelo desejo. Note-se que Freud escreveu sobre essa passagem: “Os senhores veem neste exemplo como o desejo utiliza uma oportunidade no presente para projetar, segundo um modelo do passado, uma imagem do futuro.

5. Metáforas arqueológicas e não arqueológicas

Freud serviu-se por muitas vezes de metáforas arqueológicas em sua obra, porém sem coincidir, em absoluto, com o campo da arqueologia. Mas, o que é o campo da arqueologia para Freud? Na rua Berggasse número 19, havia um conjunto considerável de mais de 2.500 trabalhos arqueológicos (livros e artigos), além de grande número de estatuetas na mesa de Sigmund Freud; entretanto, não eram apenas antiguidades. A arqueologia foi um fator preeminente da cultura naquele momento. Heinrich Schliemann, o descobridor de Tróia (1871) e Micenas (1875), inventor do método estratigráfico, e dos protocolos de escavações, introduziu pela primeira vez a prática de intervenções em sítios arqueológicos. No entanto, observa-se que o século XIX foi certamente o tempo no qual o campo da arqueologia se fundamentou enquanto disciplina nos estudos universitários. Em Viena ou Londres, quando Freud abria um livro, era provavelmente um livro de arqueologia. Para Laurent Olivier (2022, p. 174), professor da École Pratique des Hautes Études (EEPHE e da École du Louvre, foi por meio de estudos em arqueologia, tal como uma nova categoria epistêmica, um método, que Freud construiu um conhecimento sobre campos estratificados de depósitos arqueológicos. Por exemplo, materiais que constituem sobreposições de acumulações ativas de camadas de sedimentos, em uma topografia de cidades arqueológicas. Os restos sobrepostos de cidades,

não eram apenas colocados um sobre o outro; mas nota-se que foram trabalhados um pelo outro, de modo similar ocorrem na arqueologia. Neste sentido, é possível verificar formas e métodos arqueológicos na metapsicologia freudiana, mas não se trata de interpretar e transpor para o campo arqueológico. O campo da arqueologia não estuda sítios arqueológicos no passado, seria impossível, porém estuda fenômenos no presente, o passado é um território infamiliar com traços incognoscíveis, e tentativas de reconstrução são especulativas. O sentido epistêmico presente na arqueologia, referia-se a uma história não encerrada na continuidade, mas na lacuna e heterogeneidade constitutiva, e em processos de descontinuidade. Isso implicou a difusão de estudos múltiplos e em diferentes sequências históricas heterogêneas entre si, de modo que se dispõe de espaçamentos possíveis para um trabalho de inferência.

A metáfora arqueológica pode ser uma questão interna à pesquisa psicanalítica, e não um aspecto de comparação externo. Existe uma dimensão inconsciente do trabalho arqueológico, que poderá conferir às semelhanças entre psicanálise e arqueologia, a aparência de um quiasmo χ ²⁵, em que cada uma das partes é sempre encontrada já afetada pela outra. De fato, alguns acontecimentos podem ser atribuídos a um ou a outro campo (BONI, 2014, p. 11). O vínculo forte que Freud manteve com a arqueologia não sobreviverá à sua morte, mas o que foi a relação de Freud com o campo da arqueologia? Como se vê, desenterrar restos materiais do passado, pode ter um elemento de profanação, de acordar os mortos, ou procurar de forma deliberada por fantasmas, escreve Stefano (2015, p. 6). Para tentar apreender algo ainda indeterminado ou a dificuldade de representar o tempo, o passado se faz topografia de uma cidade arqueológica e um sáurio ou um dragão podem tentar representar a atemporalidade de uma sobrevivência “ao lado”.

²⁵ Quiasmo: trata-se de um cruzamento em forma de χ , no qual ocorre um ponto de sobreposição, disposição em cruz, em forma da letra grega *Khi* (χ) disposição cruzada da ordem das partes, cruzamento sintático, disposição cruzada da ordem das partes simétricas de duas frases: *meu pai abraçou-me insuportavelmente, insuportavelmente o abracei*.

5.1 O que não está sob os olhos: “*saxa loquuntur!*” as pedras falam por si

Qual o método que devemos empregar para chegar ao conhecimento das causas²⁶? Qual é a cena de efeito traumático? Em *A etiologia da histeria*, conferência de 1896, Freud (1896/2023, p. 193) não hesitou em recorrer ao conhecimento científico arqueológico, e assim fazer uso deste método que estava à frente, para pensar os processos inconscientes, o caminho da formação dos sintomas, em uma cena traumática. O pesquisador que se encontra em região desconhecida tem o interesse despertado por ruínas, restos, fragmentos de colunas e pequenas tábuas com inscrições meio apagadas e ilegíveis, gesto arqueológico capaz de desenterrar o passado. O que se procura? O que se faz ausente? Pode-se perguntar o que a tradição diz sobre a história aos habitantes dos arredores, os semi-bárbaros²⁷, o significado daqueles vestígios. Mas, importa notar, discorreu Freud utilizando-se de palavras e metáforas da arqueologia, que se trata de proceder de outra forma, ou seja, levar picaretas, pás e enxadas, arranjar para que os habitantes trabalhem – e ao lado, remover o entulho das ruínas. De modo que, a partir do que se encontra visível, descobre-se o que esteve soterrado, em outras palavras o soterrado é “o que não está sob os olhos”. Freud conclui que, se o trabalho teve êxito, os achados explicam a si mesmos, é nesse sentido que as “pedras falam”, ou seja, as ruínas revelam sozinhas os próprios sentidos, as pedras falam por si. Com efeito, há linguagem.

Os vestígios de muros pertencem a um palácio ou a uma casa do tesouro, os escombros de pilares deixam reconhecer um templo, as numerosas inscrições – que, com sorte, talvez sejam bilíngues – mostram um alfabeto e uma língua, e sua decifração fornece insuspeitadas informações sobre os eventos do passado, em memória dos quais aqueles monumentos foram erguidos. “*Saxa loquuntur!*” [As pedras falam]!

²⁶ A falácia do “*post hoc, ergo propter hoc*”, não se pode tomar por causa o que é anterior. Ver força traumática [efeito].

²⁷ Este trecho oferece uma visão da arqueologia do século XIX, cheia de detalhes vívidos: descreve uma viagem de exploração que leva à conquista e desapropriação, ou uma das muitas outras expedições que estavam abrindo novos caminhos na Grécia, Egito e Mesopotâmia. Desenterravam os tesouros artísticos que eram transportados para os museus de capitais europeias como Viena, Berlim e Londres. As implicações políticas da arqueologia do século XIX não passam despercebidas por Freud, que descreve o encontro entre explorador estrangeiro e nativos “semi-bárbaros”, como as partes negociam os diferentes valores culturais e materiais das ruínas. (STEFANO, 2016, p. 3).

É importante sublinhar nestes recortes, o recurso ao “sítio arqueológico estratificado”²⁸ e como Freud (1896/2023, p. 201) sinalizou uma teoria dos tempos. Então desvendar cenas em ordem cronológica inversa, não contribui para o processo, daí que, não se pode tomar como causa o que é apenas anterior. Não se trata apenas da vivência real, pois lembranças afluentes de vivências passadas, despertadas na associação livre, agora também podem contribuir para tecer a rede de acontecimentos. Trata-se de uma trama temporal que não é nada simples, pois, primeiro as cadeias de lembranças tomam cursos regressivos distintos, no entanto, vale lembrar que são ramificadas. Uma única cena da mesma cadeia pode ser despertada por várias vezes, de modo a ter várias relações com uma cena posterior, ligações diretas e também elos intermediários. Assim, a partir do sintoma, encontram-se a série de vivências encadeadas na associação, cadeias em cursos regressivos ramificados. A partir de uma cena, pode-se alcançar duas ou mais lembranças ao mesmo tempo, das quais partem cadeias laterais, cujos elos podem ligar-se uma vez mais por associação a cadeia principal. Lembremos mais uma vez essa passagem em Freud:

A cadeia de associações sempre consiste em mais de dois elos, as cenas traumáticas não formam séries simples, do tipo de uma corrente de pérolas, mas sim conexões ramificadas como árvores genealógicas: a cada nova vivência, duas ou mais vivências anteriores passam a atuar como lembranças (FREUD, 1896/2023, p. 199).

As questões sobre as causas em conclusões refletidas por Freud, indicam que o recurso metafórico feito ao “sítio arqueológico estratificado” para interpretar cenas na ordem cronológica inversa, provaram demonstrativamente que não contribuem para compreender esse processo temporal. Isso talvez explique que uma das primeiras metáforas arqueológicas de estratificação, nesta conferência de 1896 sobre questões do tempo agora, tem a existência na possibilidade de falhar. Verifica-se, portanto, a inconsistência deste recurso, em que Freud serviu-se da metáfora arqueológica, sem coincidir propriamente com o campo. Por outro lado, talvez seja exatamente este o aspecto que caracterizará o tropo. Vejamos em Freud (1896/2023, p. 201):

Em suma, a trama não é nada simples, e o desvendar das cenas em ordem cronológica inversa (o que justifica a comparação com um sítio arqueológico

²⁸ Expressão utilizada por Freud. Um sítio arqueológico é o local onde existem vestígios de ocupação humana (antiga ou recente), e na estratigrafia pode-se verificar a cronologia temporal dos materiais, e associar as camadas/depósitos geológicos que se formaram através dos tempos (cenas anteriores e posteriores). Assim, tem relações com o tempo e podem sofrer transformações e interferências nas camadas em sobreposição.

estratificado) **certamente não contribui** [grifo nosso] para uma compreensão mais rápida do processo.

Nesta época de 1890, década na qual se deu a conferência citada neste capítulo, Freud enviou a Fließ diversos *Manuscritos* que antecipavam rascunhos de pensamentos e fundamentos, que posteriormente foram desdobrados. Parece indispensável verificar a Carta 112 [52] enviada a Fließ em dezembro de 1896. Nesta Carta, Freud apresentou o esboço da teoria do aparelho psíquico, para pôr à mostra certas evidências, e em alguns trechos, Freud recorreu a metáforas arqueológicas, como sobreposições de camadas que se organizam de tempos em tempos, e na hipótese dessa investigação subjaz uma teoria do tempo.

5.2 Roma em sobreposição de camadas e “ao lado”

[...] de modo que a qualquer tempo partes da organização anterior continuam existindo ao lado da mais recente. (FREUD, 1937/2017, p. 331).

O ensaio “O mal-estar na cultura”, de 1930, escrito por Freud num momento em que os conceitos da psicanálise já se encontravam fundamentados, é um de seus textos mais importantes e repercutidos. Trata-se de uma escrita despertada pela carta recebida do escritor e amigo Romain Rolland, que endereçou a Freud a pergunta sobre o “sentimento oceânico”. Então, Freud (1930/2020, p. 305) interpretou no primeiro capítulo o “sentimento oceânico”, proposto por Rolland. Para Rolland, tratava-se de um sentimento de “eternidade”, “puramente subjetivo”, algo sem fronteiras, sem barreiras, por isso, “oceânico”. Freud afirma não ter encontrado em si mesmo tal sentimento, não estar assim convencido, mas qual a representação poderia dizer desse sentimento? Para o herói diante da morte que ele escolheu livremente, escreveu o poeta: “Não podemos cair fora deste mundo”, portanto, afirmou Freud, um sentimento de ligação indissolúvel e pertencimento ao mundo exterior. No entanto, para Freud, trata-se de uma visão intelectual. O conceito de mal-estar articula possibilidades de apreender efeitos nos sujeitos em sociedade, na cultura e na religião. A aparência de um Eu autônomo é um engodo; pelo contrário, o sujeito é dividido, o Eu não apresenta fronteiras nítidas, e se mostra assim em continuidade com o Isso. Além disso, interessa pesquisar as considerações sobre os tempos que, neste texto tomado aqui em leitura metapsicológica, Freud problematizou. Ou seja, que o material anímico, o mundo psíquico dos sujeitos, coexiste e sobrepõe-se aos tempos, à cultura e aos contextos históricos. Não foi por acaso que

Freud propôs a Cidade Eterna, Roma, como metáfora de sobrevivência do material psíquico. Trata-se também de uma nova forma de escrever a clínica. A clínica nunca esteve desenraizada da cultura, a economia psíquica não é destituída de relação com a cultura e as estruturas normativas da sociedade. Mas, como o tempo do inconsciente pode ser uma cidade? Com efeito, a prática clínica é atravessada pelo que se precipita das formas de vida social na vida psíquica dos sujeitos, e torna-se cada vez mais impróprio estabelecer fronteiras entre textos clínicos e textos culturais (IANNINI, 2020, P. 36). Nesta mesma metáfora, que descreveremos em detalhes ao leitor nos próximos parágrafos, podemos inferir fronteiras porosas entre o aparelho psíquico, o mundo [a cultura], e um conceito de atemporalidade [*Zeitlosigkeit*] em restos de sobrevivências que se sobrepõe e existem “ao lado” no primitivo da Cidade arqueológica.

A hipótese metapsicológica de que o mecanismo psíquico advém da sobreposição de camadas proposta feita por Freud na Carta 52 (1896/2021, p. 35) manifestará complexidades e expressão mais elaborada nas metáforas arqueológicas que se encontram no capítulo I do texto “O mal-estar na cultura”. Ocorre, para Freud, que o esquecimento não é a destruição ou apagamento de traços, mas o contrário. É nesse contexto que será preciso examinar esses trechos, que se iniciam pela pergunta de Freud (1930/2020, p. 311) nas últimas linhas do sexto parágrafo: até que ponto temos o direito de supor a sobrevivência daquilo que é originário ao lado do que é posterior e que dele se originou? Então, afirmou Freud:

Desde que superamos o erro de crer que o esquecimento comum para nós significa uma destruição do traço mnêmico, logo, uma aniquilação, tendemos à suposição oposta, de que, na vida anímica, nada do que foi uma vez formado pode perecer, de que tudo fica conservado de alguma maneira e que, em circunstâncias apropriadas, por exemplo, através de uma regressão de alcance suficiente, pode ser trazido de novo à luz. (FREUD, 1930/2020, p. 311).

Lançando mão de um procedimento frequente em seus textos, Freud (1930/2020, p. 312-313) recorreu à metáfora de desenvolvimento e transformações na cidade de Roma, perguntando: o que o visitante, com todo o conhecimento histórico e topográfico da cidade, pode encontrar dos primeiros tempos dessa cidade, hoje? Apresentou Roma como uma metáfora arqueológica do aparelho psíquico. A cidade foi reconstruída muitas vezes, por cima das mesmas fundações, e, em vez de morada humana, seria um ser psíquico. Freud apresentou Roma como metáfora para dizer da conservação de um elemento do tempo passado após

sofrer transformações. Trata-se da forma de reconstrução, desenvolvimento, destruição, construção e a não-destruição da “Cidade Eterna”²⁹. Note-se que a metáfora incidirá sobre uma perspectiva atemporal, na qual nada do que tenha uma vez acontecido – o tempo passado – pereceu, e a última fase de desenvolvimento ainda reflete fases anteriores desse tempo. O que se pode encontrar do passado na Roma atual? Apenas restos, rastros, vestígios, e fantasmas? Das construções que não mais existem e, que algum dia, ocuparam esses antigos contornos, não se encontrará nada, ou apenas restos escassos. “O que agora ocupa esses lugares são ruínas, mas não são ruínas deles próprios, e sim de suas renovações de épocas posteriores, após incêndios e destruições” (FREUD, 1930/2020, p. 312). Nesse sentido, parte do material antigo ainda está enterrado no solo da cidade, e é, de fato, um tipo de presença do passado. Lembremos que a ruína é consubstancial aos sujeitos como seres falantes, tem a mesma substância. É um objeto falante, como pronunciou Freud (1896/2023, p. 193) em conferência sobre a causa da histeria: “as pedras falam” (*Saxa loquuntur!*). Ou seja, as ruínas revelam sozinhas seus próprios sentidos. Dizer que há pedaços de ruínas falantes, significa dizer que há linguagem. E, de modo recíproco, dizer que há linguagem é anunciar a ruína nas palavras de Wajcman³⁰ (2016, p. 58). Agora, façamos a suposição, Roma por Freud:

Façamos agora a fantástica suposição de que Roma não seja uma morada humana, mas um ser psíquico com um passado igualmente longo e rico, no qual portanto, nada do que uma vez aconteceu tenha perecido, no qual, ao lado da última fase de desenvolvimento, subsistam também ainda todas as fases anteriores. Isso significaria para Roma, portanto, que sobre o Palatino ainda estariam se elevando à sua antiga altura os palácios imperiais e o Septizonium de Sétimo Severo, e que o castelo de Santo Ângelo ainda estaria exibindo em suas ameias as belas estátuas com as quais esteve adornado até o cerco dos godos, etc. Mas ainda há mais (FREUD, 1930/2020, p. 313).

Diante do cenário de destruição em Roma, o que se pode encontrar do primitivo são ruínas de sua renovação de tempos posteriores, isto é, são as sobrevivências, um anacronismo. Mas, e do primitivo, o que se pode encontrar? O que sobreviveu no inconsciente? Um ponto importante que esta pesquisa destaca é que para Freud, no aparelho psíquico preserva-se o que é primitivo **ao lado** do que dele surgiu por transformação. Qual a diferença da operação de sobreposição de camadas que se reorganizam na Carta 52 e na perspectiva “ao lado” da

²⁹ A “Cidade Eterna” tem esse título porque, nos tempos da Roma antiga, seus moradores acreditavam que Roma continuaria existindo, independente do que acontecesse com o mundo. Em Freud (1930/2020, p. 312): “Aproveitemos, talvez, o desenvolvimento da Cidade Eterna”.

³⁰ Note-se, em Wajcman: como então fazer quadro do irrepresentável, do que é sem imagem, do que não pode ser contado, nem descrito, e ao que escapa as ruínas?

Cidade Eterna? Com elementos referidos até o presente momento podemos arriscar e inferir que as duas coisas ocorrem – sobreposições que se reorganizam de tempos em tempos e restos de permanências atemporais que fixam moradia ao lado. Este ponto poderá ser verificado em A análise finita e infinita. Nesse sentido, Freud nos apresentou um problema: o “irrepresentável”, e o “absurdo” no inconsciente (p. 314).

Nas cidades, uma transformação pode dispor e superpor temporalidades ao permitir que objetos inatuais coexistam com os mais atuais, restos de habitações de uma materialidade herdada convivem com as mais recentes construções. Mas, não somente, verificam-se deslocamentos e condensações em reorientações culturais urbanas que fazem com que construções também possam significar o mesmo ao lado, e qualquer outra coisa. Por exemplo, um palacete que antes era símbolo de poder ora se transforma em cortiço; uma casa residencial antiga será demolida e substituída por um estacionamento; uma casa em terreno anguloso na comunidade recebe o prêmio internacional de arquitetura. Note-se que metáforas das cidades, Roma ou Londres, são “inapropriadas³¹” para se comparar com passado anímico, demonstrou Freud (1930/2020, p. 314). A disjunção que se observa é a dificuldade topológica de expor um tempo contínuo (linear, sucessão) de maneira espacial, pois o mesmo espaço não suporta duas formas de preenchimento, daí as dificuldades de se representar metaforicamente os processos inconscientes. Até que ponto a atemporalidade pode contribuir para examinar o problema da justaposição entre os tempos? E se a ideia de atemporalidade dispensar o espaço? Lembremos dessa passagem do irrepresentável em Freud:

Se quisermos expor a sucessão histórica de maneira espacial, isso só pode acontecer através da colocação lado a lado no espaço; o mesmo espaço não tolera duas formas de preenchimento. Nossa tentativa parece ser uma brincadeira inútil; ela só tem uma justificativa: mostra-nos como estamos distantes de dar conta das singularidades da vida anímica por meio de uma exposição visual (FREUD, 1930/2020, p. 314).

Freud (1930/2020, p. 314) observou como problema que ao mesmo espaço não são possíveis duas formas de preenchimento. Para representar o tempo e os restos que se conservam de um passado, faz-se necessário uma disposição **lado a lado** no espaço. Segundo Lacan ([1953-1954] p. 327-328), Freud, em o “O mal-estar na cultura”, recorre à metáfora

³¹ Em Freud (p. 314): o desenvolvimento mais pacífico de uma cidade inclui demolições e substituições de construções, e é por isso que a cidade é, de antemão, “inapropriada” para essa comparação com um organismo anímico. Ao contrário, no anímico as coisas sobrevivem.

arqueológica para definir o inconsciente, e demonstrar que as coisas que se encontram desaparecidas na história permanecem, ao mesmo tempo, presentes e ausentes. Na perspectiva de Freud (1930/2020, p. 313-314), seria preciso uma alteração na direção do olhar ou na posição, por parte do observador, para obter uma visão ou outra. Mas, para desdobrar um pouco este problema que Freud nos apresenta, isto é, o irrepresentável nos processos psíquicos e a atemporalidade dos processos inconscientes, é o real que frustra a representação. Ao material que permanece ao lado, Freud denominou primitivo. O que exatamente é o primitivo que, por muitas vezes, se faz presente nos conceitos freudianos? Como este material se refere à atemporalidade no inconsciente?

5.3 Um corpo para precipitar o conceito de atemporalidade inconsciente

Podemos identificar também em *O mal-estar na cultura* como Freud (1930/2020, p. 311) analisou o problema que força os limites da representação nas sobrevivências do material psíquico; para Freud [ano de 1930], este é um problema que ainda quase não recebeu elaboração. Neste estudo, restos de material anímico que sobreviveram de um tempo [*Zeit*] que é o passado se encontram ao lado e não sofreram reorganização, nota-se que isso difere de materiais que estão sobrepostos por camadas que deles se originaram e que lhes são posteriores, como conceituado na Carta 52³² de 1896. É preciso situar para o leitor que poderá encontrar, neste mesmo texto de Freud, três metáforas para demonstrar sua hipótese: os grandes sáurios, a Cidade de Roma e, por último, o corpo. Mas, qual é a hipótese de Freud? A hipótese propõe a existência ao lado [isso quer dizer que não são sobreposições] de restos extemporâneos conservados [constantes e inalterados] que não passaram por processos de transformações no decorrer do tempo. Em Freud(1930/2020): “Uma parcela quantitativa de uma atitude, de uma moção pulsional, permaneceu inalterada, e a outra continuou seu desenvolvimento.” (P. 311). Como é possível afetar a pulsão a partir de uma operação sobre o inconsciente atemporal [*zeitlos*]? Sabemos que os conceitos de inconsciente e pulsão são indispensáveis à psicanálise e que nos permitem formalizar fenômenos clínicos. Nesse trecho verificaremos o corpo humano ou animal, uma metáfora biológica que foi utilizada depois dos

³² “Você sabe que trabalho com a suposição de que nosso mecanismo psíquico tenha surgido de uma sobreposição de camadas, na qual, de **tempos em tempos** [grifo nosso], o material presente na forma de traços mnêmicos [*Erinnerungsspuren*] sofre uma reorganização, uma reescrita, a partir de novas relações.” (FREUD, 1896/2021, p. 35)

grandes sáurios e da Cidade de Roma. O corpo humano é um objeto mais próximo, onde também se encontram os mesmos problemas da Cidade de Roma e dos grandes sáurios: fases mais remotas do desenvolvimento não são mais conservadas em nenhum sentido, pois foram absorvidas por fases posteriores às quais, por meio de transformações e reorganizações, forneceram seu material.

O problema é a dificuldade em se expor a sucessão histórica de maneira espacial que somente pode acontecer através de uma colocação “lado a lado” no espaço, de vez que o mesmo espaço não tolera duas formas de preenchimento. De fato, Freud (1930/2020, p. 315) constatou na metáfora do corpo humano “O que fica nesse caso é que uma conservação como essa de todos os estágios preliminares ao lado da configuração final só é possível no anímico, e que não estamos em condições de representar visualmente esse acontecimento claro (FREUD, [1930] 2020, p. 315)”. Então, Freud afirmou que o passado pode ficar conservado na vida anímica e não precisa ser destruído, e insistiu firmemente no fato de que a conservação do passado é uma regra, não uma estranha exceção. Nesses trechos Freud não se utilizou da palavra atemporalidade, como em muitas outras passagens, mas podemos arriscar a inferir esse aspecto *Zeitlosigkeit* ao utilizar a metáfora do corpo humano para expor a coisa “inalterada” neste recorte do tempo passado. Em Freud, um corpo pode não representar o passado, quando a metáfora falha:

Não se consegue encontrar o embrião no adulto, a glândula timo que a criança possuía é substituída depois da puberdade pelo tecido conjuntivo, mas ela mesma não está mais presente; nos ossos longos do homem adulto eu posso certamente traçar o contorno do osso infantil, embora ele mesmo tenha desaparecido, na medida em que se alongou e se espessou até atingir a sua forma definitiva. O que fica nesse caso é que uma conservação como essa de todos os estágios preliminares ao lado da configuração final só é possível no anímico, e que não estamos em condições de representar visualmente esse acontecimento claro (FREUD, [1930] 2020, p. 315).

5.4 Os crocodilos ainda vivem entre nós, uma apresentação do inconsciente *Zeitlosigkeit*

12 de julho. No caso do neurótico, estamos como em uma paisagem pré-histórica, no Jurássico, por exemplo. Os grandes sáurios ainda perambulam por ali e os equissetos³³ crescem tanto quanto as palmeiras. (FREUD, 1938/2019, P. 205)

“O crocodilo, ainda vive conosco” (p. 311), esse estrangeiro que torna o atual inatual que identificamos em Freud (1930/2020, p. 311) no ensaio também metapsicológico *O mal-estar na cultura*, capítulo I, sétimo parágrafo, é a primeira metáfora que tenta responder a pergunta freudiana sobre a sobrevivência do que é originário “ao lado” do que é posterior, e que dele se originou. Trata-se de um pequeno trecho que precipitou o conceito subversivo de atemporalidade para o inconsciente através de crocodilos sobreviventes. Pois, a psicanálise desafia a ação do tempo. Para desdobrar esse problema no caso dos animais, insistimos na suposição de que espécies de desenvolvimento superior provêm das menos desenvolvidas, entretanto, encontramos ainda formas de vida simples, entre as mais desenvolvidas. É neste sentido que grandes “sáurios” estão extintos e deram lugar aos mamíferos, no entanto, note-se que um legítimo representante da família extinta, ou seja, o crocodilo, ainda vive conosco. Essa metáfora pode estar distante, pois espécies sobreviventes não são de fato os legítimos ancestrais de uma espécie contemporânea. Entretanto, elos intermediários que foram extintos somente podemos conhecer por meio de “reconstruções”. O que Freud demonstrou em suas discordâncias foi que, no inconsciente, o que é o primitivo fica conservado, “ao lado” do que dele surgiu por transformação. Esse é o aspecto inatual [atemporal] do inconsciente, Freud escreveu então que é desnecessário provar por exemplos esta recorrente condição. Mas a que condição Freud se referiu? À condição de que um resto de moção pulsional permaneceu inalterado, no anímico o passado se preserva “ao lado” do que dele surgiu por transformações em outros tempos, **ao contrário** do que se passa com os sáurios, dos quais somente por reconstrução se pode conhecer dos elos intermediários. Escreveu:

No âmbito anímico, ao contrário, a preservação do que é primitivo ao lado do que dele surgiu por transformação é tão frequente que é desnecessário prová-lo com exemplos. Quase sempre esse acontecimento é consequência de uma cisão no desenvolvimento. Uma parcela quantitativa de uma atitude, de uma moção pulsional, permaneceu inalterada, e a outra continuou seu desenvolvimento. (FREUD, 1930/2020, p. 311)

³³ Equissetos são plantas rasteiras de caule oco, também conhecida como cavalinha.

A psicanálise desafia a ação do tempo. Em *Fragments de Espólio*, que são breves anotações isoladas, observa-se que Freud (1938/2019, p. 205) retornou aos sáurios e na anotação de 12 de julho escreveu que estamos como em uma paisagem pré-histórica que continua acontecendo, ou seja, no Jurássico, os grandes sáurios ainda perambulam por aqui. Não somente os Sáurios, os equissetos [planta cavalinha] crescem tanto quanto as palmeiras. Na nota seguinte, 20 de julho: “A suposição de vestígios herdados no Isso altera, por assim dizer, nossa visão sobre isso”. Próxima nota, 20 de julho: “Que o indivíduo pereça por seus conflitos internos e a espécie, na luta com o mundo exterior, ao qual não está mais adaptada, merece inclusão no *Moisés*”. O que Freud quer nos dizer nesses breves trechos que intercalam crocodilos e Moisés? No último capítulo dessa dissertação, que tem por objeto a análise de *O homem Moisés e a religião monoteísta*, o leitor poderá verificar o “acontecimento filogenético”, pois no inconsciente [Isso] repetimos vivências filogenéticas primevas, assim os conteúdos ativos não são apenas conteúdos vivenciados, mas inatos – elementos de persistência permanente e origem filogenética: são atemporais [zeitlos]. Que conceito de sujeito surge dessa herança filogenética marcada pela pulsão? Essa é uma pergunta para outro momento. Nota-se que a metáfora é o estrangeiro necessário à psicanálise, e exatamente por não ter conexões exatas com aquilo que observam que “os crocodilos” podem ser utilizados pois a hipótese inconsciente é feita de restos que podem nunca se deixar traduzir por completo. Nenhum contrato pode garantir a equivalência entre a metáfora e o objeto, resta sempre um pedaço de indeterminação.

5.5 Construções na análise: o analista, o arqueólogo numa trama atemporal

No primeiro parágrafo de “Construções na análise”, publicado em 1937, Freud (1937/2017, p. 365-372) respondeu ao autor da crítica de que o analista tem sempre razão. “Construções na análise” é uma escrita sobre a técnica, que poderíamos arriscar a inferir que coincide com um método científico. Mas, de fato, a causa de uma psicanálise não se trata tão somente de técnica, é também sobre ética, e sobre política. “Cara eu ganho, coroa você perde”, trata-se de uma expressão que define quem será o vencedor do jogo. Significa que, se o analisante concorda, estamos com a razão, mas ao discordar, é um sinal de resistência – nesse sentido, também estamos com a razão. Freud demonstrou que é a resposta “ao lado” que sinaliza a convicção. O analista não atribui ao “sim” ou ao “não” um valor nominal ou

critérios de validade. O “sim”, pode ter muitos significados, pode indicar reconhecimento, por outro lado, pode ser desprovido de significados, e até mesmo falso. O “não” é ainda mais polissêmico, pode ser a expressão de uma rejeição, resistência, ou se originar de outro fator da situação analítica, é nesse sentido que não prova nada diretamente em relação à construção. O importante se apresenta indiretamente por meio de associações, ideias ou pensamentos que ocorrem na associação livre. Podemos, neste ponto, observar que o analisante participa da construção, pois a única regra do tratamento psicanalítico é falar tudo, qualquer coisa que ocorra. A construção é um “pedaço” apenas do acontecimento esquecido, ou seja, é uma suposição a ser esclarecida, o que o analista faz é inferir o resto atemporal e mobilizar o inconsciente.

A atualidade de construções na análise para este século XXI é que construções são pedaços que se impõem na vida dos sujeitos em análise. O Real não é um mundo, nem uma ordem; é um “pedaço”, um fragmento separado do saber ficcional, afirma Miller (2014, p. 30) em “O Real no século XXI”. A experiência de uma análise ocorre próxima à experiência das pulsões. O analista se ocupa com material vivo, afirmou Freud (1937/2017, p. 366-379) na primeira parte de “Construções na análise”, e o que se constrói a partir de vestígios são pedaços de imagens dos anos de vida não lembrados. É no material “vivo” do passado que a psicanálise dispõe exatamente dos aspectos de atemporais. Trata-se de uma metáfora arqueológica em que o trabalho de construir na experiência de uma análise se assemelha ao trabalho do arqueólogo – que escava uma moradia destruída e soterrada ou uma construção do tempo passado. De fato, o trabalho é idêntico, assim como o arqueólogo constrói a partir de restos e vestígios encontrados nos escombros de tempos inatuais, o analista opera da mesma forma ao fazer inferências a partir de apenas fragmentos de lembranças passadas, e ocorrências na análise. Com efeito, para um ou para outro, o trabalho de “reconstrução” se dá a partir de restos conservados. O tempo [*Zeit*] é feito de restos *zeitlos* [atemporais] que podem se apresentar no tempo de agora. O termo (*Konstruktion*) proveniente da arqueologia e da arquitetura designa uma “montagem” de elementos. Portanto, pode ser mais amplo e especulativo do que a interpretação, e tal como na arqueologia, trata-se mesmo de “reconstruir” o objeto por pedaços que dele sobreviveram, explica Assoun (2002, p. 28) em “Le Vocabulaire de Freud”. Vejamos em Freud (1937/2017, p. 368):

Mas assim como o arqueólogo constrói as paredes de um prédio a partir de resquícios de parede ainda existentes, determina a quantidade e a posição de colunas a partir de depressões no solo, reconstitui os antigos ornamentos e pinturas de parede a partir de restos encontrados, o analista procede da mesma forma quando tira as suas conclusões a partir de fragmentos de lembranças, associações e declarações ativas do analisando. (FREUD, 1937/2017, p. 368).

Freud (1937/2017, p. 368) propõe que a determinação do tempo de um material é uma tarefa delicada para a arqueologia. A estratigrafia³⁴, método utilizado pela arqueologia, é o estudo das camadas, ou estratos que aparecem superpostos em um corte geológico. Este é o principal método de datação, isto é, a determinação de tempo de um material encontrado. No entanto, podem ocorrer perturbações em épocas posteriores entre as sobreposições de camadas. Neste sentido, Freud afirmou que quando um objeto aparece em uma determinada camada, o arqueólogo deve decidir se o objeto faz parte dessa camada, ou movimentou-se devido a perturbação posterior. Além disso, o escavador trabalha com objetos destruídos – partes que se perderam, que foram saqueadas, ou que sofreram alguma violência mecânica. Assim, muitas vezes, a reconstrução por inferências na cultura é a única opção diante da pura ausência desses materiais. Para complicar a vida, o material inconsciente é diferente dos materiais de uma escavação arqueológica - nesses pontos alcançam-se os limites da metáfora. Pois, o objeto da psicanálise é incomparavelmente mais complexo que o material do escavador, e sua estrutura íntima abriga ainda muitos mistérios, nos lembrou Freud sobre os limites da metáfora. “Aqui, geralmente acontece o que só em felizes casos excepcionais aconteceu em Pompeia ou com a tumba de Tutancâmon. Todo o essencial ficou preservado.” (P. 368). Pergunta-se, para os sujeitos o passado se apresenta como material vivo ou museificado? É certo que Freud se empenhou para demonstrar a atemporalidade [*Zeitlosigkeit*] do inconsciente. Neste texto, por diferença da metáfora arqueológica, o analista trabalha em melhores condições, pois nada se perde por completo no inconsciente: o passado se conservou, não se alterou, não se modificou – trabalhamos com material vivo, em outras palavras, o resto de passado é uma realidade vivente e não um objeto museificado. E mesmo o que ficou em esquecimento segue presente de alguma forma, em algum lugar, observou-se que há sobrevivências e que a destruição total não ocorre para o anímico.

Uma das tarefas mais delicadas da arqueologia, como se sabe, é a determinação da idade relativa de um achado, e quando um objeto aparece em uma determinada

³⁴ Souza, Alfredo Mendonça. Dicionário de arqueologia. Manaus: Governo do Estado do Amazonas – Secretaria do Estado de Cultura, 2012.

camada, muitas vezes cabe decidir se ele faz parte dessa camada ou se chegou até aquele local mais profundo por uma perturbação posterior. É fácil inferir o que corresponde essa dúvida nas construções analíticas. (FREUD, 1937/2017, p. 368).

Qual a resposta dos sujeitos às construções que lhes ocorrem na análise? Um detalhe que surpreende, é que a construção opera “entre efeitos”. Ou seja, a partir do sujeito que surge entre os efeitos inconscientes de pedaços de uma construção na experiência analítica. Efeitos em que algum significante poderá advir operam, assim, no rastro de um material em queda. A palavra construção poderia ainda causar a falsa ideia de uma totalidade, mas trata-se de uma construção que se faz por “pedaços”, sinalizando que há um resto irreduzível ao sentido. A construção ocorre em uma trama atemporal [*zeitlos*] de passado, presente e futuro, verifica-se que Freud (1937/2017, p. 375) constatou que apenas movimentos de “continuidades” e descontinuidades no processo de análise poderão trazer a decisão sobre a correção, ou a inutilidade de uma construção, pois a técnica é passível de verificação, comprovação ou descarte. Para mais, afirmou Freud, não se trata de exigir concordância, autoridade ou debate, pois, ao longo dos acontecimentos no processo de análise, as coisas podem-se esclarecer. A construção é um método que se passa entre teoria, clínica, ética e política. Porém, certamente o autor da crítica, não verificou tais fundamentos científicos. Para uma construção na análise, espera-se o seguinte do analista, vejamos em Freud (1937/2017, p. 375):

Mas essas reações do paciente geralmente têm múltiplos significados e não permitem uma decisão definitiva. Apenas a continuidade da análise poderá trazer a decisão sobre a correção ou a inutilidade da nossa construção. Entendemos a construção individual como nada mais que uma suposição, que aguarda a verificação, a comprovação ou o descarte. Não pleiteamos autoridade para ela, não exigimos do paciente nenhuma concordância imediata, não debatemos com ele quando ele inicialmente rebate. Em suma: comportamo-nos segundo o modelo de Nestroy, o criado da casa, que tem uma única resposta pronta para todas as perguntas e intervenções: “ao longo dos acontecimentos, tudo será esclarecido”.

Freud (1937/2017, p. 379), ao responder de forma detalhada e séria à crítica de que a psicanálise tem sempre razão, ao final da terceira parte do texto “Construções na análise”, afirma que “construções na análise são equivalentes aos delírios”. É importante o leitor notar o refinamento intelectual, a elegância final de Freud, na perspectiva de que, para além do debate com os opositores, a fim de defender a psicanálise, escreve Miller (1996, p. 93) em “Marginália de construções em análise”, Freud insere na teoria as respectivas complexidades. É preciso observar que no início da escrita do texto, Freud (1937/2017, p. 369) mostrou que o

trabalho de reconstrução apresentou certa coincidência com a metáfora do trabalho arqueológico, ao escavar ou trabalhar com os restos sobreviventes. Porém, sabemos que o analista, de modo diferente do arqueólogo, dispõe de material vivo, isto significa que o material psíquico ficou preservado, e é atemporal [*zeitlos*], ou seja, em perspectiva de sobrevivências. O objeto psíquico é incomparavelmente singular e complicado. No entanto, ao final do texto, Freud afirma a equivalência entre formações delirantes e as construções na análise. O que é uma construção em análise equivalente ao delírio? Para reforçar a passagem de construções como delírios, recorro à proposição de Lacan (1966, O.E., p. 218), na qual, se compreendermos³⁵ os efeitos de uma interpretação, não é uma interpretação psicanalítica, basta ter sido analisado, ou ser analista, para saber disso. No sentido de que o delírio prescinde da compreensão de sentidos, na experiência de análise, construções ajudam a escrever e circunscrever o resto atemporal.

5.6 Gradiva no tempo de agora

“Ele vê algo ‘de hoje’ nela” (FREUD, 1907/2015, p. 19)

O leitor terá reconhecido essa passagem em Freud (1907/2015, p. 19) ao investigar os efeitos que Gradiva foram capazes de ressoar em Norbert: “Ele vê algo ‘de hoje’ nela”. Falaremos desse divisor dessemelhante que porta toda cicatriz sobrevivente. Na perspectiva de uma direção a contrapelo, ver algo de “hoje”, em um objeto arqueológico, tal como Gradiva, é como se o artista a tivesse enxergado na rua agora mesmo, de dizer como as coisas não acontecem uma após as outras e capturar pontos de contatos que penetram na vida cotidiana. Por outro lado, é também o que causa efeitos de descontinuidade, pois o passado tem algo de incognoscível de vidas que não contavam, mas que fazem parte de nossas construções de mundos. E para a psicanálise são peças que constituem o inconsciente. É por isso que, após Freud, deve-se lidar com as ruínas, as relíquias, os restos e a assombrosa atemporalidade [*Zeitlosigkeit*] do inconsciente. Vamos percorrer o texto freudiano e verificar se Gradiva pode contribuir para sustentar a hipótese que se propõe nesta dissertação, de que é possível localizar uma teoria dos tempos [*Zeit*] em Freud, e que este utiliza metáforas para

³⁵ Para Iannini (2017, p. 51), a compreensão é coextensiva ao sentido, ao passo que a verdade funciona como seu limite exterior. Compreender é colaborar com as resistências, pois fornece sentido no ponto em que o trabalho deveria ser exatamente de esvaziar, e por fixar no eixo intersubjetivo as miragens narcísicas. É importante uma abordagem não compreensiva dos fatos clínicos.

construí-la. A ruína é exatamente o exercício do contemporâneo por introduzir nos sujeitos a impossibilidade de salvação e a própria divisão.

É interessante, antes de tudo, ter em perspectiva que um trabalho sobre o tempo [Zeit] pode corresponder a um trabalho sobre a escrita que se constrói com estribilhos. No ponto destacado por Freud (1907/2015, p. 19) em *O delírio e os sonhos na Gradiva de W. Jensen*, efeitos do tempo de agora se apresentam sob a forma de uma metáfora arqueológica que não coincide com uma cronologia. Nesse sentido, ser contemporâneo³⁶ é voltar a um presente em que jamais vivemos, o pedaço de resto não-vivido e sobrevivente nos sujeitos, o que convoca dessemelhanças na percepção do tempo. O escritor do contemporâneo vive longe do contemporâneo, tal como o escritor do sertão³⁷ pode viver longe do sertão. Freud (1907/2015, p. 14) observou que foi o andar dessemelhante, o pedaço incognoscível em que se prendeu o olhar de Norbert e, séculos atrás, a atenção do escultor, do escritor, mas também de Freud (1914/2021, p. 183), ao escrever que esculturas e obras literárias exerceram um forte efeito sobre ele. Freud encontrou palavras certas como um tiro no coração para cada novo conceito que construiu, escreveu o escritor e amigo Stefan Zweig (2020, p. 87). É importante observar o ponto de dessemelhança no qual se faz articular a estrutura temporal, isto é, o ponto descontínuo em que o dessemelhante surge inatural no tempo de agora. A expressão tempo de agora é reapropriação do conceito de Walter Benjamin de tempo-agora³⁸ [Jetztzeit]. Um objeto arqueológico (ruína) proveniente do tempo passado coloca o sujeito em contato com locais onde nunca esteve e com o que não pode ser conhecido pelo uso da razão, por isso, também não se pode desconsiderar seu aspecto infamiliar [Das Unheimliche]. Não se trata de um simples retorno de tempo, nem apenas coexistência, tampouco nostalgia, mas observam-se aspectos de cisão.

³⁶ Em Agamben (2015), o contemporâneo é a via de acesso ao presente tem a forma de uma arqueologia que não regride a um tempo passado, mas inscreve neste uma cesura e uma descontinuidade. Note-se que, para Freud, uma teoria do tempo tem como marca processos de descontinuidades.

³⁷ Referimo-nos ao romance de Guimarães Rosa, *Grande sertão: veredas*. Quase toda história de Rosa tem como referência a vida dos criadores de gado, boiadeiros e outros habitantes de regiões mais afastadas do sertão. A ficção faz o escritor do sertão que vive longe do sertão. Rancière, Jacques. João Guimarães Rosa: a ficção à beira do nada. Belo Horizonte: Relicário, 2021 (p. 52).

³⁸ O passado contém o presente [Jetztzeit] neologismo traduzido por tempo-agora. Em Benjamin o presente entra em contato com uma época anterior determinada, note-se o presente atingido por estilhaços que relampejam do passado no instante de um perigo.

Gradiva no tempo de agora é o exercício que se faz em ser contemporâneo, por pedaços de intraduzibilidade do passado. O que introduz no tempo intermitências, sobrevivências, restos conservados e descontinuidades é a pergunta que subjaz nossos estudos para dizer o assombroso inconsciente atemporal [*zeitlos*]. Freud serviu-se de metáforas arqueológicas em sua obra, porém, sabemos que sem coincidir em absoluto com o campo da arqueologia. O que se procura em uma cidade arqueológica? Não se sabe. Pois, mesmo diante de vestígios e fantasmas, ocorre o material inerte que foi vivido com horror de um sujeito, de um povo e de uma cultura no tempo histórico. A cidade de Pompeia, coberta por escombros, recentemente voltou a ser escavada, de modo que ainda acontecem diversas novas descobertas e cada material encontrado ainda escreve a história daquela cidade. Em qualquer tempo as ruínas nos despertam, tal como demonstrou Freud (1896/2023, p. 193): *Saxa loquuntur* [As pedras falam]!

A psicanálise parte do que foi abandonado, deixado de lado, jogado fora, de traços subestimados e não observados – do refugo³⁹ [*refuse*] – para intuir o que não está sob os olhos (FREUD, 1914/2021, p. 197). A ruína é consubstancial ao homem como ser falante, capaz de produzir e contar a sua história. Em Freud, a ruína é o objeto que fala, e dizer que há pedaços de ruínas falantes significa dizer que há linguagem. E, de modo recíproco, dizer que há linguagem é anunciar as ruínas, nas palavras de Wajcman (2016, p. 58). Ler Freud é também ser atravessado pelo incognoscível nas pedras falantes em *Gradiva*. Criações artísticas permanecem obscuras à compreensão, pois evocam em nós o que não sabemos dizer sobre o que representam (FREUD, 1914/2021, p. 183). *Gradiva* é esse reencontro “que não está sob os olhos” entre os efeitos de um pedaço conservado que resta de inatual e os efeitos de um pedaço do tempo de agora. Porque o Real não é um mundo, não é um cosmos; é um pedaço assistemático separado do saber ficcional, que se produz a partir do encontro de *lalíngua* com o corpo, propõe Jacques-Alain Miller (2014, p. 30) na conferência *O real no século XXI*.

O romance de W. Jensen se passa no sítio arqueológico de Pompeia, cidade destruída pela erupção do vulcão Monte Vesúvio, na qual se encontram restos conservados, inclusive de corpos de seus habitantes. Na parede de seu consultório em Viena, Freud conservava uma

³⁹ Refugo é aquilo que sobra, que é posto ao lado, que não tem valor, a sucata, o lixo.

cópia do baixo-relevo *Gradiva*; foi a partir de sua leitura e primeira análise da obra literária que o romance de W. Jensen ganhou prestígio. Freud percebe semelhanças entre processos psíquicos e um evento da história da humanidade. Para mais, analisou sonhos que não foram exatamente sonhados, mas escritos. Em outras palavras, Freud (1907/2015, p. 61) nos advertiu sobre o tratamento poético que ocorre a uma história clínica, pois o escritor não pode evitar o psicanalista, nem o psicanalista evitar o escritor. Os sonhos que ocorrem nos livros são também possíveis de serem analisados? Como fazer a leitura da análise clínica de uma obra literária?

Faremos neste ensaio o percurso pelo estudo e interpretações metapsicológicas de Freud sobre o romance *Gradiva: uma fantasia pompeiana* do escritor alemão Wilhelm Jensen, publicado em 1903, para verificar a investigação e construção analítica freudiana a partir de personagens literários com os quais o analista Freud nunca teve convívio. Freud (1907/2015, p. 14-16) descreveu nas primeiras linhas do texto seu interesse em se ocupar de sonhos que jamais foram sonhados realmente, que foram imaginados por escritores e atribuídos a personagens. O que Freud investigou foi se, de fato, o sonho tem um sentido, e se lhe era possível atribuir o valor de um processo (*Vorgang*) psíquico. Sabe-se que Freud também afirmou nesse ensaio que os escritores de poemas (*Dichter*⁴⁰) são aliados da psicanálise, mas não basta ser aliado, é preciso examinar textos escritos por escritores, que estão à frente de nós por conhecer a alma humana. Recortamos da literatura e das obras testemunhos de uma cultura e de processos psíquicos que permitem formalizar a teoria psicanalítica. No entanto, o próprio Freud tensiona essa aliança, pois dirá que poderia ser menos ambígua a posição dos escritores em favor da natureza significativa dos sonhos, mas isso não reduz o interesse na produção literária.

5.6.1 Norbert, uma caixa de ressonâncias

Norbert é um jovem arqueólogo e professor de arqueologia que se impressiona com uma antiguidade, uma escultura em baixo-relevo: o que lhe despertou o interesse? Não há

⁴⁰ *Dichter*, no seu sentido mais amplo, trata-se do poeta como criador, o que engloba o escritor, o romancista, e o contista, assim como aquele que faz versos. Nota do Editor em *O poeta e o fantasiar*, obras incompletas de Freud. P. 65

uma explicação agora; para a ciência, não havia nada de particularmente notável naquele baixo-relevo. Norbert consegue uma cópia fiel em gesso da peça. A escultura representa uma jovem mulher andando, observa-se que seu vestido se dobra e seus pés podem ser vistos. Um dos pés se apoia no chão, o outro se flexiona dobrado, e toca o solo apenas pelos dedos, enquanto a planta e o tornozelo estão quase a prumo – evidenciando a verticalidade do objeto que cai, mas a descrição não é suficiente para dizer o objeto. Norbert perguntou-se se o escultor capturara na reprodução o movimento tal como acontece na vida. Freud (1907/2015, p. 14) observou que o olhar de Norbert, e, séculos atrás, a atenção do artista, prenderam-se ao andar dessemelhante.

Ele vê algo “de hoje” nela – que assim, intempestivamente irrompe em outro tempo, como se fosse retirada da rua e capturada conforme é a vida de agora, mas que ao mesmo tempo a torna dessemelhante de qualquer um, de alguma forma que não se pode classificar. Norbert lhe dá o nome de Gradiva, “aquela que anda”, e com seus conhecimentos da antiguidade clássica, fantasia que se trata da filha de uma casa nobre do patriarcado de Pompeia, que caminhava sobre as pedras do calçamento recentemente desenterradas ao tempo em Norbert. Os traços de seu rosto parecem gregos. Para Norbert, o feminino era feito de mármore ou de bronze, e aos representantes contemporâneos do feminino jamais dispensara a menor atenção. Norbert, estudou, observou e analisou os rastros dos pés femininos que passavam na cidade, mas não foi capaz de identificar, na realidade, o andar de Gradiva .

Em um sonho de angústia, Norbert se vê na antiga cidade de Pompeia, no dia da erupção do Vesúvio, e notou que Gradiva, agora contemporânea, caminhava até o templo sem perturbações. Encostou a cabeça no degrau da escada e transformou-se em mármore. Norbert a encontrou estendida, dormindo, e coberta pela chuva de cinzas. Quando despertou do sonho, ainda ouvindo os gritos dos moradores de Pompeia em busca de salvação, acreditou ter testemunhado a destruição daquela cidade. Restou-lhe a convicção de que Gradiva viveu e morreu na cidade de Pompeia. E, mesmo acordado, manteve a crença na realidade do que havia sonhado. As fantasias sobre Gradiva foram realçadas pelo sonho, e agora Norbert experimentava o sentimento de perda. Sabe-se, depois de Freud (1930/2020, p. 329) que nunca estamos mais desprotegidos do sofrimento do que quando amamos, e nunca estamos mais desamparados do que quando perdemos o objeto de amor. Tomado por pensamentos,

Norbert observou pela janela um canário que cantava preso à gaiola. De súbito, tem um sobressalto, e ainda não completamente desperto do sonho, acreditou ter visto na rua a silhueta de Gradiva. E, como num efeito do sonho, decide ir à Itália, destino de casais em lua de mel. Norbert, cientista, agora se encontra em uma fantasia vivaz, e possível de se impor não apenas nos sonhos, mas também em vigília. É nesse sentido que o fato de dissociar entre fantasia e intelecto o destina a ser um escritor ou um neurótico, observou Freud (1907/2015, p. 25-26). Para situar o leitor, observe-se na imagem os detalhes do baixo-relevo, a escultura que representa uma mulher andando, na qual os pés podem ser vistos, um deles flexiona dobrado e em movimento de tensão vertical toca o solo. Entretanto, a descrição pode não apreender em absoluto o objeto, essa figura arqueológica pode ser muito mais presente do qualquer objeto presente do tempo de agora. É nesse sentido que as ruínas nos despertam, que certa dimensão insurgente está presente, pois há algo de “hoje” e de um “passado” que assombra o inconsciente nesse objeto arqueológico. Vejamos, Figura 1: Baixo-relevo com a “Gradiva” (parte do relevo das Aglaurides; Museu Chiaromonti, Vaticano):



Figura 3: "Gradiva"

5.6.2 O aparecimento de Gradiva: quando fantasmas intervêm na realidade

A realidade tem sua perspectiva fantasmática: algo subsiste e sabemos que fantasmas intervêm nas realidades de todos os sujeitos. De modo mais preciso, a realidade é algo que se perde na neurose e na psicose, mas por mecanismos diferentes de fantasias e delírios. Ocorre que, de alguma maneira, a neurose perturba a relação dos sujeitos com a realidade e, estes nada querem saber da realidade, e dela podem fugir e se afastar. Mas, para a psicose, a realidade pode ser reestruturada e modificada. É exatamente o que Freud (1924/2021, p. 279) esclarece no texto *A perda de realidade na neurose e na psicose*, ao se deparar com a perda da realidade apenas para a psicose. Na Itália, Norbert se percebe entre casais de noivos em lua de mel, e sente-se incomodado e incapaz de entender aquele modo de agir, pois percebe o casamento como uma tolice. Em Roma, tem o sono perturbado por um casal de vizinhos carinhosos, e rapidamente foge para Nápoles, para também encontrar ali outros casais em viagem de núpcias. Até mesmo a observação de pares de moscas remete-lhe aos casais em lua de mel. No entanto, Norbert percebe que tal insatisfação não é causada somente pelo que ocorre ao seu redor. Encontra-se de mau humor, algo lhe falta, mas não sabe o quê. No dia seguinte, anda sem rumo por Pompeia e percebe a possibilidade de se remontar à vida desaparecida, mas não através da ciência; os mortos despertavam e Pompeia recomeçava a viver. Enquanto faz reviver o passado, a fantasmagoria torna-se realidade quando de repente vê a inconfundível Gradiva (baixo-relevo) sair de casa e atravessar a rua sobre as pedras de lava, tal como no sonho seguira os rastros de Gradiva. Freud (1907/2015, p. 29) demonstrou que não é preciso acreditar em fantasmas para ficarmos perplexos com o aparecimento de Gradiva, até então uma figura de mármore e da imaginação. Será que se trata de uma alucinação de Norbert, ofuscado pelo delírio, perguntou Freud. O que pretende o escritor ao nomear como “uma fantasia” este romance: deixar-nos em um mundo prosaico dominado por leis da ciência, ou conduzir-nos a um mundo fantástico, onde fantasmas intervêm na realidade? Então, Freud priorizou que estamos mais dispostos a acreditar que fantasmas intervêm na realidade. Parem de acreditar apenas no que existe. Um detalhe, o lagarto antes imóvel foge rapidamente à aproximação de Gradiva - nenhuma possibilidade de alucinação.

Gradiva desapareceu, e Norbert prossegue a construir sentidos achando que Pompeia começou a reviver e também Gradiva ao entrar na casa em que habitava. Passam por seus

pensamentos especulações precisas que mostram o emprego de seus conhecimentos a serviço da construção delirante. Encontra Gradiva, interpela-a em grego, ao que ela solicita utilizar a língua alemã: “se desejas falar comigo, debes usar o alemão”. Tal como uma fantasmagoria que não se deixa incomodar com o disparate que denuncia os sapatos modernos nos pés, até mesmo pessoas de inteligência reagem como se fossem em alguma medida débeis quando processos psíquicos estão vinculados a elementos do inconsciente. É então, que Freud (1907/2015, p. 92) citou essas palavras enviadas por um filósofo: “Também comecei a anotar exemplos pessoais de erros gigantes e atos irrefletidos, que buscamos justificar *a posteriori* [*nachträglich*⁴¹]. É assustador, mas típico quanto à estupidez então se revela.” Os leitores também acabam se envolvendo nesse pequeno delírio e podem até pensar ser improvável - no entanto Gradiva é uma jovem alemã de carne e osso. Exatamente esse aspecto *nonsense* que se esquia ao consenso, que insere a psicopatologia na vida cotidiana de cada um. Que relação existe entre a garota e sua imagem de pedra? Como Norbert chegou a tais fantasias? (FREUD, 1907/2015, PP. 25-31)

Continuaremos, então, este percurso na leitura de Freud (1907/2015, pp. 31-48), que adverte que o delírio tem raízes das quais nada ainda sabemos. Norbert é feito de ruínas, sobreviventes de um tempo passado, arqueologia, e mármore de fantasmas. Não somente. Norbert reconhece a voz de Gradiva, mesmo sem jamais tê-la escutado. Depois que Gradiva desapareceu, Norbert procura entre os hotéis se há alguém semelhante. Todo o estudo sobre a arqueologia é para Norbert inútil e indiferente, ao passo que um outro interesse se fixou: Gradiva, um ser que está morto e ao mesmo tempo vivo. No dia seguinte, Gradiva o interpela sobre o sonho: sobre a cidade, o baixo-relevo e a posição do pé. Mostra sua forma de andar, e a diferença entre os sapatos. É neste ponto que Gradiva ecoa o delírio de Norbert e assim, possibilita que ele fale sobre seu sonho. Mas o seu verdadeiro nome é Zoé – que significa “vida”. Embora quase tudo que é possível acontecer de fato aconteça em Gradiva, para Freud é algo peculiar que o tratamento, investigação e explicação das causas coincidissem durante a análise. Um caso patológico, note-se, entre a norma e a anormalidade, que opera da mesma forma em acontecimentos ordinários; que poderia resultar numa história de amor “habitual”.

⁴¹ *Nachträglich*, o que faz efeito, é uma palavra de uso cotidiano na língua alemã como adjetivo ou advérbio. Freud inventa o substantivo “*Nachträglichkeit*” e utiliza várias derivações, por exemplo, *nachträglich*, *nachträglich Gehorsam*, *Nachtrag*. Em correspondência com Fließ que o termo aparece pela primeira vez, mas não se encontra um conceito definido na obra.

No entanto, o que desse encontro entre Norbert e Zoé se escreve? Mas, convém não desprezar o amor como força curativa para o delírio.

Que encantamento então que se dirige a algo do passado e sem vida? No mesmo torvelinho do dia anterior, ocupado pelos mesmos problemas, Norbert vagou por Pompeia, deparando-se com a escavação de um jovem casal que, ao reconhecer o inevitável no destino, abraçaram-se fortemente à espera da morte. Neste ponto, ao velho delírio se junta mais um elemento em sua terapia iniciada: um sentimento de ciúme o atormentava, Norbert questiona se Gradiva não encontrara alguém para morrer junto dessa outra pessoa; desperta-se o medo de encontrá-la com outro. Deseja que a aparição estivesse disponível apenas aos seus olhos, tal como uma propriedade exclusiva. Encontra um casal abraçado, apaixonado, presumivelmente em lua de mel, e seus lábios se tocavam. Note-se o pano de fundo de casais em lua de mel. Agora, ressoa em Norbert certa satisfação, não lhe ocorrem mais incômodos. Ele contou a ela seu último delírio de ciúmes, e em uma refeição juntos Gradiva dirá então que é como se há dois mil anos já tivessem comido esse pão juntos, e pergunta se ele não se lembra. O ciúme é um sinal de que nasce uma certa atividade amorosa, que se manifestou mediante o pretexto de tocar no corpo e bater nela como faziam na infância. O encontro com o parceiro é ao mesmo tempo encontro com as angústias, com o sintoma e com as dificuldades de dizer alguma coisa da verdade. Freud essencialmente questionará se, em lugar do passado histórico, colocássemos algo pessoal, a época da infância? As fantasias de agora poderiam ser ecos de recordações infantis esquecidas? Não seriam um produto arbitrário da fantasia, mas sim determinadas, sem que se saiba, que materiais esquecidos continuam a atuar. Para mais, devemos ser capazes de precisar a origem dessas fantasias, ainda que apenas por conjecturas. Significa que a experiência de uma análise revela ao analisante o sentido de seus sintomas, escreveu Lacan (1973/2003, p. 553 OE) em “Introdução à edição alemã de um primeiro volume dos Escritos”. Note-se, leitor, que são os efeitos de uma análise que revelam o sentido do sintoma, mas não necessariamente o analista.

Freud pensa os sujeitos em suas singularidades: uma preparação necessária para entender os sonhos é dedicar um tempo às subjetividades do sonhador, e escutar o que têm a dizer, ler as vivências pouco antes do sonho e, também aquelas de um passado distante. Retorna em Norbert o delírio de que Gradiva seja um fantasma, então decide realizar o

experimento e, de repente num toque nada suave sua mão abateu-se sobre a mosca e a mão de Gradiva. Esse ato teve duas consequências, a primeira foi a perplexidade da presença do corpo, pois a mão era real, a segunda foi o susto e o espanto quando ela diz: “Você está louco, Norbert Hanold.” Vejamos a pontuação freudiana, como se sabe, a melhor maneira de despertar alguém que dorme ou um sonâmbulo é chamá-lo pelo nome. O nome Norbert Hanold não havia sido dito para ninguém naquela cidade. Algo se tornou claro para ele: havia sido tolo em acreditar que estivesse às voltas com uma moça de Pompeia que retornara à vida. Gradiva retorna para a última parte do tratamento. Zoé Bertgang era vizinha de Norbert Hanold, por isso o conhecia e sabia seu nome, tratava-se de uma amizade íntima de sua infância, agora escavada das ruínas, que nela cresceu e se tornou uma paixão. Com Norbert Hanold aconteceu de outro modo: o estudo da antiguidade desviou-lhe o interesse para mulheres de bronze e pedra; a amizade de infância desapareceu. Na dúvida de que fosse apenas um esquecimento, é um exemplo de recalque as fantasias que tem sobre Gradiva em sentimentos eróticos, assimelementos derivados de lembranças recalçadas da amizade com Zoé Bertgang, mas note-se a semelhança, pois Bertgang significa o mesmo que Gradiva, ou seja, “a que brilha ao andar”. Zoé aceita entrar na construção de delírio, consente em representar o papel de Gradiva, e neste momento em não acordar o sonhador. Diríamos ao amante ou a Freud que era fácil entrar um pouco no delírio do ser amado, porque ela também o amava, escreveu Roland Barthes (1977/2003, p. 203) em “Fragmentos de um discurso amoroso”:

O herói de Gradiva é um enamorado excessivo: ele alucina aquilo que outros apenas evocaram. A antiga Gradiva, figura daquela que ele ama sem saber, é percebida como uma pessoa real: esse é seu delírio. Para tirá-lo docemente daí, ela se conforma primeiramente a esse delírio; ela entra um pouco nele, consente em representar o papel de Gradiva, em não quebrar imediatamente a ilusão, e em não acordar bruscamente o sonhador, em aproximar insensivelmente o mito e a realidade, através do que a experiência amorosa passa a ter um pouco a mesma função de uma cura analítica. (BARTHES, 1977/2003, P. 203)

Freud (1907/2015, p. 51-57) procurou explicar por que aquilo que foi recalcado se torna veículo do que retorna, isto é, o recalcado é parte do próprio elemento repressor. Além disso, o psíquico é sensível à aproximação do que foi recalcado e, semelhanças mínimas são suficientes para ecoar efeitos. Neste sentido, se Norbert Hanold, em vez de ser o arqueólogo de um romance, participasse da vida real, e tivesse afastados o amor e as lembranças com a ajuda da arqueologia, seria mesmo provável que um relevo antigo lhe despertasse lembranças

recalcadas, tais como como apaixonar-se por Gradiva na perspectiva de uma semelhança inexplicável influenciada pela Zoé viva. O tratamento psíquico realizado por Zoé alcançou efeitos em Norbert Hanold, afrouxando e inserindo dúvidas quanto à compulsão pelos pensamentos delirantes. O sujeito dividido aceita que defesas sejam perturbadas por aquilo que o divide quando o surpreende. Sabe-se que não há metáfora melhor para o recalque do que o soterramento, escreveu Freud, isto se verifica na sutileza de que é por tornar inacessíveis alguns materiais e conservá-los ao mesmo tempo, tal como aconteceu em Pompeia, e agora sob os efeitos de escavações o trabalho das pás continua. Lembramos ao leitor este detalhe de que o soterrado é “o que não está sob os olhos”.

O que foi recalcado não pode, geralmente, impor-se como lembrança sem maior dificuldade, mas permanece capaz de ação e efeito, e um dia faz surgir, sob a influência de algo externo, consequências psíquicas que podemos conceber como produtos transformados e derivados da recordação esquecida, e que permanecem ininteligíveis se não os concebemos assim. (FREUD, 1907/2015, P. 50).

5.6.3 Gradiva é uma história clínica e uma análise metapsicológica

Para introduzir o primeiro parágrafo da parte II, Freud perguntou como aconteceu que tenhamos sido levados a decompor toda a história e examinar os processos em detalhes, pois a intenção era examinar os sonhos. Ocorre que, por vezes, a intenção não se realiza, exatamente pelas perturbações de ruídos das pulsões. Um recurso de que Freud se utilizou foi a reprodução da história com as próprias palavras e comentários do escritor. Problemas semelhantes ocorreram a esta escrita, e por certo ao leitor que a acompanhou: percorrer os passos dessa leitura freudiana no passo de Freud e W. Jensen, em que a escrita acrescenta substâncias em demasia. O que se propõe é a Gradiva no tempo-agora. Trata-se de investigar exatamente, com Freud, a formação e a cura do delírio, os métodos da psicanálise, e os sonhos, na Gradiva de W. Jensen. Mas, sinto que é preciso antecipar a possibilidade de falhar em nosso percurso. Para Freud (1907/2015, p. 57-58), este não é um trabalho supérfluo, mas é uma preparação necessária ocuparmo-nos intensamente do caráter e das vicissitudes do sujeito para escutar os sonhos, inteirando não somente das vivências pouco antes do sonho, mas também daquelas do passado distante. Freud propôs designar este romance uma história clínica e estudo psiquiátrico, e não uma fantasia. Pois Freud identificou que o romance e suas

descrições correspondem à realidade. É apenas em dois momentos que o escritor não faz uso da realidade: a primeira, quando o arqueólogo se depara com o baixo-relevo antigo, porém semelhante a alguém vivo e contemporâneo, pelo detalhe da posição do pé e os detalhes do rosto. Não se trata de realidade, mas de verdade. O segundo é ao encontrar a mulher viva em Pompeia, onde estaria a mulher morta, a viagem que afasta Norbert Hanold de sua cidade, onde estaria a garota viva. Não devemos considerar esse detalhe como uma banalidade.

No entanto, é neste mesmo detalhe que o escritor se vale do acaso, por outra forma da repetição. Enquanto Norbert Hanold foge de Zoé, ele a encontra, seu interesse é novamente direcionado à mulher viva. É exatamente esse acaso que se refletiu no acontecimento de uma fuga à fatalidade de reencontrar aquilo de que se foge. O perigo diante do qual se deve fugir é o gozo sexual, erótico. Não foi possível escapar da dimensão de satisfação pulsional de um sintoma. Para Freud (1907/2015, p. 64) Norbert Hanold teve na infância uma amizade inseparável com uma garotinha, um apego que misturava ternura e agressividade, que apresentou efeitos apenas *a posteriori* [*nachträglich*], e de forma irreversível. O romancista que consegue reconhecer tal erotismo, faz despertar em Norbert Hanold de forma súbita o interesse pelo andar e pelo posicionamento dos pés das mulheres. Por não se recordar o porquê, ocorre na história clínica um sinal de indeterminação. Trata-se, portanto, de uma recordação da companheira de infância, em lugar de uma ocorrência de fetichismo. É um sinal de que a garota no passado já apresentasse algum jeito na forma de andar verticalizada. O afastamento das mulheres, a formação do delírio se inicia no momento em que uma impressão ao acaso despertou as vivências infantis de traços eróticos esquecidos.

Para Norbert Hanold, o baixo-relevo guarda restos dessa experiência da infância, de inconsciente recalçado. Esse material é vivo, tornou-se ativo por manifestar efeitos e permanecer inconsciente, porque existem processos psíquicos que, embora intensos e capazes de fortes efeitos, permanecem distantes da consciência. Nesse trecho de importância teórica, clínica e epistêmica Freud (1907/2015, p. 66) formulou para a psicanálise que o inconsciente tem seu limite para além de um inconsciente recalçado, isto é: “tudo o que é recalçado é inconsciente, mas não podemos dizer que todo o inconsciente é recalçado”. Note-se que inconsciente e recalçado não são sinônimos, há um inconsciente que não é o recalçado. Lembremos que o inconsciente é descritivo. O recalçado é uma expressão dinâmica, sensível

às forças psíquicas por um certo esforço em se exteriorizar, tornar-se consciente. Mas, coexistem forças contrárias capazes de lhe resistir e impedir esse movimento. Essa é a marca do recalcado que, apesar de certa intensidade, não consegue chegar à consciência. Forças psíquicas têm importância na capacidade de despertar sentimentos, e o recalque atinge os sentimentos, mas estes podem ser apreendidos apenas em sua ligação com as representações. É a escultura de uma mulher arqueológica que desperta Norbert Hanold para o sonambulismo diante do amor e o adverte para saldar a dívida com a vida que pesa sobre todos desde o nascimento. Gradiva, o baixo-relevo antigo, desperta o erotismo adormecido, e nota-se que essas recordações, por efeito de resistências, tornam-se atuantes apenas de forma inconsciente. Ressalta-se que o material não passou à consciência, mas nem por isso deixou de produzir efeitos.

A caracterização da vida psíquica é um dos domínios do escritor, além de um precursor da ciência e da psicologia científica. A fronteira entre estados psíquicos normais e mórbidos é tão fluida que se atravessa diversas vezes no dia; estamos entre a norma e a anormalidade, pois a psicopatologia que estuda os fenômenos psíquicos patológicos opera da mesma forma em acontecimentos ordinários. W. Jensen apreende e descreve a indefectível característica principal de processos psíquicos patológicos, ou seja, a dupla determinação das fantasias (FREUD, 1907/2015, P. 71). Note-se novamente que o escritor não pode evitar o psiquiatra, nem o psiquiatra o escritor, e o tratamento poético de uma história clínica estará correto, sem sacrificar-lhe a beleza. Freud identificou em sua leitura de Gradiva uma história clínica, um caso de psicanálise, um estudo psiquiátrico onde se podem verificar evidências de ocorrências da vida psíquica. Interpretou fatos literários sem importância e desprezados, exatamente o que se deixa “ao lado”, e Freud os transformou em testemunhos de efeitos inconscientes, em si mesmos capazes de provar esses efeitos, escreve Rancière (2009, p. 11). Ou seja, a psicanálise existe fora do terreno propriamente clínico porque o território das obras de arte e da literatura se definem como o âmbito do pensamento e do não-pensamento, propício a efeitos inconscientes.

5.6.4 O pedaço que toda cicatriz sobrevivente porta

Voltemos agora à nossa figura em baixo-relevo⁴² arqueológica do passado. Parece haver algo “de hoje” nela. Neste sentido, sabemos que o sonhador se vê transportado ao passado. O primeiro efeito do processo que se desencadeou em Norbert Hanold são fantasias com a pessoa representada; por exemplo, deu à mulher antiga um nome, detalhes de personalidade, uma origem grega e um movimento de caminhar sobre pedras de lava. Esteve atormentado e dividido pelo problema em saber se a posição do pé de Gradiva corresponderia à realidade. Então, procurou vestígios do passado na vida cotidiana em semelhanças e dessemelhanças com os pés de mulheres contemporâneas. Observa-se a expressão do que é inatual no que é contemporâneo; é Gradiva no tempo de agora. Não há dúvidas que Norbert Hanold ignora os motivos inconscientes desta investigação. Essas fantasias são os ecos de lembranças, ruídos pulsionais, de derivados de lembranças e suas respectivas transformações e deformações que não conseguiram chegar à consciência sem passar por alterações. O juízo estético de que a escultura representa algo de “hoje” é um substituto para o modo de andar que pertence a Zoé, nome grego que significa vida. Gradiva, como dirá o Norbert Hanold curado do delírio, é tradução do nome de família de Bertgang, que significa brilhante no andar. O soterramento de Pompeia, um desaparecimento com conservação do passado, sinaliza semelhanças com o mecanismo de recalque. Encontra-se em Norbert Hanold, já nos primeiros efeitos das fantasias, a dupla determinação, demonstrou Freud (1907/2015, p. 70-71), uma consciente, e outra totalmente inconsciente. Neste sentido, os determinantes inconscientes só podem conseguir o que ao mesmo tempo satisfaz ao consciente. Por isso, sintomas do delírio, fantasias e atos, resultam de um compromisso entre duas correntes psíquicas e exigências e renúncias dos dois lados. Ocorreu uma luta onde se dá a formação de compromisso, um impasse, o conflito entre o erotismo suprimido e as forças que o mantêm em recalque. Nota-se que a resistência se renova após cada formação de compromisso, que nunca é satisfatória, o que W. Jensen também identificou no sentimento de insatisfação e no desassossego que tanto complicam a vida de Norbert Hanold.

⁴² Um baixo-relevo é uma escultura num só plano, as formas sobressaem do fundo e são trabalhadas num relevo que representa menos da metade do volume real do modelo, em geral sem perspectiva. É considerada por escultores como de difícil execução, por ser uma estrutura tridimensional com o mínimo de projeção.

Freud investigou se, na construção do sonho, o autor também procede como em uma história clínica. O desenvolvimento do delírio procede da vida psíquica, como no sonho, mas a representação literária da gênese de um delírio pode se sustentar para as ciências? É neste ponto que Freud procedeu com uma resposta inesperada. O que se passa é o contrário, a ciência não pode se sustentar ante a realização do artista; a ciência permite que no delírio haja uma lacuna, que é preenchida pelo escritor. Pois não sabe da importância do recalque, não se reconhece o inconsciente para elucidar processos psicopatológicos, não se busca o fundamento do delírio nos processos psíquicos e não se analisam os sintomas como formação de compromisso. Nesse ponto Freud (1907/2015, p. 72) pergunta se o escritor estaria sozinho, contra toda as ciências. A resposta é negativa:

Não, isso não – ao menos se o autor destas linhas puder incluir suas obras entre aquelas da ciência. Pois ele próprio defende, há vários anos – e, até recentemente, mais ou menos sozinho – todas as concepções que aqui extraiu de Gradiva de Jensen e expôs na terminologia da psicanálise (FREUD, 1907/2015, P. 72).

Na análise metapsicológica de Gradiva de Jensen, a Freud identificou em detalhes que o delírio de Norbert Hanold despertou posteriormente com um sonho. O sonhador está em Pompeia no dia em que a cidade foi destruída, testemunhou os horrores, mas nem por isso corre perigo. De repente, vê Gradiva andando, trata-se de algo natural. É tomado de angústia, grita, Gradiva se vira em sua direção, e continua andando, inclina-se nos degraus da escada, e é soterrada pela chuva de cinzas, transpõe-se em mármore branco, torna-se pedra. A sensação de que o que sonhou aconteceu não abandona Norbert Hanold por algum tempo após o despertar, e do sonho lhe resta, para o delírio, a convicção de que Gradiva viveu em Pompeia e morreu naquele dia infeliz. Como abordar este sonho de modo que não seja um adorno supérfluo? Sabemos que um sonho angustiado não é algo simples e que um sonho não é fácil de explicar. O ponto de partida que Freud encontrou para dizer deste sonho estava naquilo que o sonho deixou na vida desperta de Norbert Hanold. O delírio obtém desse sonho um forte sentir doloroso, despertado na convicção de que Gradiva já estaria morta há séculos. Freud identificou algo de inteligível, então utilizou-se da *interpretação do sonho*. Um sonho tem elos com atividades do dia anterior e, quando após o sonho persiste a crença na sua realidade, isto sinaliza um ato psíquico em si, que também assevera o conteúdo do sonho. É devido ao sonho que Norbert Hanold descobre a mulher que procurava, e que ela vive numa cidade, e é sua contemporânea.

O leitor pode perceber que se trata de uma deformação por deslocamento e disfarce, Gradiva não foi situada no tempo presente, o sonhador é que se vê colocado no passado, mas partilham o local e o tempo. Imagens oníricas devem ser vistas como algo deformado, por trás do qual se deve buscar outra coisa não deformada, e em certo sentido inconveniente. Freud mostrou o contraste percebido entre o que o sonhador se lembra ao acordar, e o que constitui a base do sonho antes da deformação causada pela censura. Raramente o sonho é a encenação de um único pensamento; em geral representa uma série deles, tal como um tecido de pensamentos. Percebe-se também no sonho que a Gradiva que anda se transforma, no sonho, em imagem de pedra, representação poética do acontecimento real, pois Norbert Hanold transferiu o interesse da mulher viva para a imagem de pedra. No entanto, caro leitor, o sonho é de angústia e o sonhador ainda sente medo – mas é necessário lembrar que pode ocorrer nos sonhos coisas terríveis, sem que o sonhador sinta qualquer traço de angústia, pois não é possível explicar a angústia que se sente nos termos da consciência. Freud (1908/2021, p. 58) se refere em *O poeta e o fantasiar* às relações da fantasia com o tempo, a fantasia paira entre três tempos, de modo que o trabalho psíquico se acopla a uma impressão atual oportuna ao presente, capaz de despertar desejos, que remonta a lembranças de uma vivência antiga, na qual um desejo foi realizado, e cria uma expectativa ligada ao futuro – seja no sonho diurno ou na fantasia. O efeito inconsciente do sonho em Norbert Hanold é que o desejo por Zoé é transformado na destruição de Pompeia e na perda de Gradiva. Perseguir, nas palavras do sonho, algo que escapa ao próprio sonhador. Qual o resto que resiste no material transformado, perguntou Freud? Sabemos como em Freud (1907/2015, p. 80) sonho e delírio partilham a mesma fonte do que foi recalcado; o sonho é o delírio fisiológico da pessoa normal. Um sonho se forma quando, durante o sono, ocorre um relaxamento das defesas. A interpretação freudiana não é uma hermenêutica, não se trata do significado encoberto a ser desnudado, o inconsciente freudiano se verifica na própria composição do disfarce, isto é, na forma mesmo de sua deformação, em que o objeto de desejo impossível de se representar se imprime no discurso (TEIXEIRA, 2021, p. 345).

Encontramo-nos, pois, na III parte de *O delírio e os sonhos na Gradiva de W. Jensen*, no qual Freud analisou um outro sonho. De fato, o sonho é a hipótese de evidência que possibilita o melhor acesso aos efeitos do inconsciente. A formação de um novo delírio depois da morte de Gradiva, na destruição de Pompeia em 79 d.C., não é o único efeito insurgente do

sonho. Norbert Hanold decidiu fazer uma viagem à Itália, por razões que o próprio autor diz serem inconscientes, e que finalmente o levariam a Pompeia. O leitor pode desconfiar que o passado pode se apresentar como um material antigo e arqueológico soterrado na cidade. Ainda debruçado na janela, depois de ter acreditado ver Gradiva, o canto de um canário na gaiola pendurada da casa vizinha gerou nele a sensação de que também era prisioneiro, daí a própria decisão de viajar. É comum se enganar sobre os próprios atos, e que somente *a posteriori* [*nachträglichkeit*] pode se dizer algo a respeito; neste sentido, não é preciso estar tomado por um delírio. Na luta que se passa entre erotismo e defesas, viajar a Pompeia pode ser mais um elemento para fugir da Zoé viva e aproximar-se de Gradiva. Em crise, depois da fuga do amor, Norbert Hanold está perturbado, inibido e aturdido. O autor intervém nessa história e insere Zoé Bertgang como a Gradiva que empreende a cura deste delírio, e vamos testemunhar tal feito. O interesse de Freud (pp. 91-99) se volta para pôr em relevo que o feito de Zoé foi reconhecer o amor de Norbert por ela como a força motriz daquele delírio. No entanto, os sonhos se tornaram inteligíveis com o pressuposto de que o sonhador, por efeitos inconscientes, sabe tudo aquilo que esquecera no pensamento consciente e julga tudo o que compreende mal por delírio.

Permeadas por ambiguidades, as falas de Zoé e Norbert Hanold são a contrapartida para a dupla determinação dos sintomas, na medida em que as falas em si são sintomas e resultam de compromissos. Por ambiguidade denominamos a dupla origem que ocorre mais nas palavras do que nos atos, e até mesmo em uma única construção verbal é possível que se expressem duas intenções por trás das palavras, por causa da natureza flexível do material da fala. É um pouco fazer com que uma coisa se transforme em outra. A palavra não impede uma evolução semântica que a leve para longe do sentido inicial. Note-se que sonhos também se fazem por oposição e contradição. Durante a experiência de uma análise, com frequência se produzem falas ambíguas como novos sintomas de uma existência passageira. Lembra-mo-nos, demonstrou Freud (1910/2021, p. 67) no ensaio *Sobre o sentido antitético das palavras primitivas*, de como as crianças gostam de brincar de inversão fonética das palavras e do quanto é frequente o trabalho do sonho em se servir para diversos fins de uma certa inversão de ordem do material figurativo. Os sonhos podem significar o seu contrário. As línguas antigas revelam a Freud o caráter regressivo e arcaico da expressão dos pensamentos nos sonhos.

5.6.5 Evocam em nós o que não sabemos dizer sobre o que representam

Por fim, na IV parte de *O delírio e os sonhos na Gradiva de W. Jensen*, Freud (1907/2015, pp. 111-119) analisou que a mudança em Norbert Hanold não se mostra apenas na renúncia ao delírio, pois de forma simultânea cresce nele a necessidade de amor, como por exemplo as manifestações sobre o ciúme, a natureza física de Zoé, e que, após a primeira conversa com Gradiva, ela se mostra como mulher viva. W. Jensen articulou uma conexão íntima entre o fim de um delírio e a irrupção de uma necessidade amorosa. O procedimento que Zoé adota para curar Norbert Hanold guarda semelhança com o método “catártico”, que consiste em trazer à consciência, de forma forçosa, o inconsciente. Assim fez Gradiva com as lembranças recalçadas da relação de infância entre os dois. Note-se que Zoé tem mais facilidade para realizar esse feito do que o analista, pois este não conhece previamente o seu analisante, e precisa então recorrer a uma técnica complicada. Ao analista é necessário inferir, a partir de ocorrências em associações, o inconsciente que se revela por trás de efeitos e atos conscientes. É ao retraduzir o nome “Gradiva” para “Bertgang” que o transtorno desaparece: ao ser conduzida à sua origem, a análise traz ao mesmo tempo a cura. No entanto, Freud afirmou que o procedimento que ocorre em Gradiva e o método psicanalítico não se restringem a tornar consciente o recalçado e por consequência o esclarecimento e a cura. A cada tentativa de introduzir na consciência a causa inconsciente e recalçada, forças pulsionais iniciam nova luta de defesa, por vezes, com reações reativas. As defesas fazem parte de todo o processo de análise.

Em Freud, o processo de análise se efetua numa recidiva do amor. Cada tratamento psicanalítico é uma tentativa de liberar um amor recalçado que encontrou uma certa solução nos sintomas. Mas, ao final de Gradiva, Freud pergunta em que difere o trabalho de analista do trabalho de escritor. O analista e o romancista trabalham com as mesmas fontes e os mesmos objetos, porém o analista observa os processos psíquicos em outros sujeitos a fim de adivinhar (*erraten*⁴³) e enunciar as leis do inconsciente. Por outro lado, o escritor dirige a atenção ao próprio inconsciente, por isso pode saber e expressar, a partir de si mesmo, o que aprendemos em outro, as leis do inconsciente não precisam ser anunciadas, pois estão

⁴³ *erraten*: adivinhar, intuir antes mesmo de demonstrar.

incorporadas nas criações. Aqui Freud colocou um ponto final, de vez que, por vezes, a própria coisa a ser dita se esquia. Precisamos nos deter aqui, escreveu Freud, de outro modo esqueceremos que Norbert Hanold e Zoé são apenas criaturas do escritor. Por sinal, pode-se dizer que o delírio é o excesso de sentido.

Da perspectiva do estribilho cabe esvaziar-se de suas palavras e da ilusão de compreensão. Vê-se, por essas observações, que uma abordagem não compreensiva da história clínica é um elemento que deve ser considerado. Por vezes, Freud identifica diversos pontos assimétricos e de não-saber, e pontos nos quais somente o escritor poderia dizer algo. As pedras falam. Gradiva falha à compreensão e a representação, principalmente por evocar em nós o que não sabemos dizer sobre o que representa. Sabemos que o poeta é inerente ao pensamento freudiano, o escritor não pode evitar o psicanalista, nem o psicanalista evitar o escritor. Do ponto de vista de *Dichter* ele é um criador o romancista, o novelista, o contista – assim como aquele que faz versos. E se, pudéssemos encontrar em nós mesmos um exercício semelhante ao do poeta, de onde o poeta [*Dichter*] extrai sua escrita, perguntou Freud (1908/2021, p. 53) em *O poeta e o fantasiar*. A intenção do artista nunca se realiza completamente, não é possível estabelecer um método de leitura sem considerar a diferença entre a intenção e a expressão. É no falha entre a intenção e a expressão que atua a psicanálise. Percebemos, com Freud, que o escritor atua a partir de efeitos de seu próprio inconsciente, e nesse sentido propomos ao leitor a leitura de *Gradiva no tempo de agora* a partir de efeitos inconscientes. A essas considerações finais, que equivalem a dizer, em outras palavras, como Freud (1928/2021, p. 297) em *Dostoiévski e o parricídio*, que sem atenuação e ocultamento não é possível a reelaboração poética do Real ao estribilho sobrevivente de uma cicatriz atemporal.

6. Análise finita e infinita restos de atemporalidade [*Zeitlosigkeit*]

“[...] de modo que a qualquer tempo partes da organização anterior continuam existindo ao lado da mais recente, e que mesmo em um desenvolvimento normal a transformação nunca se dá de forma completa, de modo que ainda na configuração definitiva podem continuar existindo restos das antigas fixações da libido”.
(FREUD, 1937/2017, P. 331).

Dizer que há restos é também dizer que destruições não são absolutas, porque restos são fantasmas e resíduos, e deles temos apenas pedaços. Quanto tempo dura uma análise sem fim? Como podemos identificar aspectos de atemporalidade nos processos de análise? O encurtamento do tratamento analítico pode ser um desejo justificável, mas infelizmente há um impedimento, um fator importante que é o vagar com que as transformações psíquicas transcorrem, em última análise, a “atemporalidade”, escreveu Freud (1913/2017, p. 130) em *Sobre o início do tratamento*. Posteriormente em *A análise finita e a infinita* Freud (1937/2017, p. 315) abordou o longo prazo de duração de uma análise e o caráter aparentemente sem fim do tratamento, note-se que em uma carta a Fließ [242 de 1900] já demonstrava preocupação com o aspecto relativo ao tempo da experiência. Nesse sentido, é fundamental considerar no processo analítico os efeitos traumáticos, a força relativa das pulsões e as alterações do Eu. Porque o Eu se modifica? Sabemos que a situação analítica consiste também em submeter ao Eu partes não dominadas do Isso, para esse trabalho é necessário um Eu normal, no entanto, um Eu normal é uma ficção ideal – como toda normalidade. Todo normal é apenas medianamente normal, em outro aspecto as alterações do Eu são indefinitivamente caracterizadas. Podemos perguntar de onde vêm as alterações do Eu em tipo e graus variados; é certo afirmar que ou são originárias ou são adquiridas. Para examinar essas questões, observe-se primeiro os elementos adquiridos: são mais fáceis e ocorreram desde os primeiros dias de vida. O Eu precisa cumprir a tarefa de mediar com entre o Isso o mundo exterior e as diretrizes do princípio de prazer, de proteger o Isso dos perigos do mundo. Pode ainda adotar uma postura defensiva em relação ao próprio Isso e tratar reivindicações pulsionais como perigos externos, pois satisfazer as pulsões também pode levar a conflitos com o mundo exterior. Na maior parte das vezes, o Eu transfere o campo de batalhas de fora para dentro, agora para dominar o perigo interior antes que se transforme em exterior. Pode servir-se de “mecanismos de defesa” para evitar perigo, angústia e desprazer.

Analisemos uma metáfora em Freud (1937/2017, p. 340) a esse respeito, acerca do recalque e outros mecanismos de defesa. É preciso pensar os destinos de um livro quando não eram impressos em edições, mas escritos um a um. Imaginem agora que o livro continha informações que em épocas posteriores seriam consideradas indesejáveis; o mecanismo de defesa para a censura no tempo de **aqui-e-agora** [*Jetztzeit*] seria o confisco e a eliminação de cada um dos exemplares de toda a edição. Passagens censuradas poderiam ser riscadas com

traços grossos a ponto de se tornarem ilegíveis, de modo que não poderiam ser mais copiadas, e a próxima cópia do livro teria um texto impecável, mas com lacunas incompreensíveis em algumas passagens. Como se não bastasse, pretendia-se também evitar demonstrar o retalhamento a que o texto foi submetido, a ponto de deformá-lo. Tratava-se de deixar palavras de fora ou substituí-las por outras, de encaixar novas frases, ou suprimir passagens e colocando outras em seu lugar, capaz de dizer precisamente o contrário da anterior. Note-se que em outro tempo o próximo copista de livro poderia produzir um texto insuspeito mas adulterado, pois não continha mais o que o autor queria transmitir e a correção não ocorreu em direção a restabelecer a verdade. E se, a comparação não for rígida, pode-se afirmar que a relação do recalque com outros mecanismos de defesa é como a relação entre exclusão e deformação do texto. Não deixa de ser interessante que nas diversas formas de falsificação verificou-se a diversidade da alteração do Eu. Além disso, por exemplo verificou-se como Freud mostrou como opera o limite na metáfora: “comparações nessas áreas nunca são profícuas” (p. 340) e “falha” (p. 341) em um ponto essencial no qual a deformação do texto é obra de uma censura tendenciosa em que não há contraponto no Eu. O aparelho psíquico não suporta o desprazer, e quando a percepção da realidade ocasionar desprazer, a verdade será sacrificada. Note-se que a proteção contra os perigos do exterior ocorreu através de fuga ou evitação da situação de perigo, até que se esteja forte o suficiente para suspender a ameaça através da transformação ativa da realidade. “Mas não podemos fugir de nós mesmos, contra o perigo interno não há fuga possível” (p. 342): os mecanismos de defesa do Eu estão condenados a falsificar a percepção interior que possibilita certa noção falha e distorcida do Isso, assim o Eu se encontra paralisado nas relações com o Isso. Mecanismos de defesa servem ao propósito de afastar os perigos, e ao mesmo tempo em que o Eu não pode deles prescindir, podem se tornar um perigo ao ponto em que se revelam como sobrecarga para a economia psíquica. Além disso, fixam-se além do tempo no Eu e se transformam em formas de reação regulares do caráter repetidas durante a vida, sempre que retornar um acontecimento semelhante ao original [infantilismos].

É importante compreender que o Eu fortalecido dos sujeitos já adultos continua a se defender de perigos que não existem mais, e pressionam por situações na realidade que poderiam servir a substituir de modo aproximado o perigo original, daí que se justifica manter aquelas reações. Para melhor analisar este ponto, mecanismos de defesa favorecem a eclosão

de uma neurose por um estranhamento do mundo exterior e enfraquecimento do Eu. Essas reações serão repetidas no trabalho analítico. Para Freud (1937/2017, p. 340) o esforço analítico oscila como um pêndulo entre um pedacinho de análise do Isso e um pedacinho de análise do Eu. É nesse sentido que, através de interpretações e construções [*Konstruktionen*] algo do Isso se torna consciente, e paralelamente se corrige algo no Eu, pois mecanismos de defesa contra os antigos perigos são capazes de efeitos e podem atuar como resistências inconscientes. Preso às defesas deformadas e antigas e marcado pelo quão enraizadas e fortes são, o Eu não contribui e se opõe ao processo analítico ao revelar efeitos do Isso para que derivados do recalcado não transcorram. Não será difícil perceber que a esse efeito das defesas no Eu, corresponde a “alteração do Eu” considerando fatores e forças quantitativas dispostos a medir forças.

Depois de constatar como alterações no Eu são adquiridas durante batalhas de defesa nos primeiros tempos [*Frühzeit*], para Freud (1937/2017, p. 346) não há dúvidas sobre a importância de diferenças do Eu originário, mas não se trata de levar ao extremo, como par de opostos, as diferenças entre fatores herdados e adquiridos. Pois, entre elementos herdados verifica-se o que foi adquirido pelos antepassados. Ao analisar o problema da “herança arcaica”, Freud chamou a atenção do leitor para que não se esqueça que existe um Eu no início da vida, ou seja, o Isso e o Eu são assim uma coisa só, no Eu ainda inexistente se preestabeleceram tendências e reações. Não há aqui nenhuma supervalorização da hereditariedade, escreveu Freud, nem o menor recurso à nostalgia por tradições ou por qualquer coisa perdida anteriormente. Da experiência analítica se pode retirar precipitados dos primórdios da humanidade. Entretanto, é preciso considerar o aspecto infamiliar, e ao invés, de passagem direta, cortes, desenraizamentos e exílios nesses pedaços de precipitados. Propomos que a língua ao não se enraizar em uma cultura pode ser apátrida, mas não vamos discorrer sobre isso agora. Vale lembrar que a tese do “acontecimento filogenético” foi demonstrada por Freud também em *O homem Moisés e a religião monoteísta* e na “*A interpretação dos Sonhos*”. Portanto:

As especificidades psicológicas de famílias, raças e nações em sua conduta em face da análise não permitem nenhuma outra explicação. Digo ainda mais: a experiência analítica nos impôs a convicção de que mesmo determinados conteúdos psíquicos, tais como a simbologia, não tem outras fontes senão a transferência hereditária; e com base em diversos estudos sobre a psicologia dos povos, somos induzidos a

pressupor na herança arcaica ainda outros precipitados igualmente específicos nos primórdios do desenvolvimento da humanidade. (FREUD, 1937/2017, P. 346).

Nessa direção, não se faz mais necessário diferenciar e localizar a fim de definir o que é Eu ou o que é Isso, uma vez que propriedades do Eu percebidas como resistências podem ser tanto hereditárias quanto adquiridas nas batalhas de defesa. Interessa identificar, neste ensaio, aspectos que por suas características atemporais podem criar uma relação intempestiva com o tempo em locais, agora, nota-se, **indeterminados**. Da perspectiva de Freud ocorreu que não se pode esquecer da “viscosidade da libido” em processos de análises que transcorrem devagar no tempo. Como a “viscosidade da libido” pode afetar a atemporalidade inconsciente? Que efeitos transcorrem entre viscosidade da libido e atemporalidade? Podemos encontrar nos processos de análise os investimentos libidinais que podem estar fixados em um objeto e as dificuldades em transferi-los a outros – e não há motivos especiais para isso. Por outro lado, a libido pode transitar com facilidade quando novos investimentos parecem acatar as sugestões da análise, abdicando dos antigos investimentos. “É como a diferença que o artista plástico deve sentir quando trabalha com a pedra dura e a argila maleável.” (FREUD, 1937/2017, P. 347). Mas o objeto da psicanálise é mais complexo. Na argila maleável os resultados analíticos podem ser mais frágeis e novas ocupações podem abandonadas, por isso a impressão de que “não trabalhamos com argila, mas que escrevemos sobre a água.”. Lembremos também de um certo grau de inércia psíquica quando o trabalho pulsional abre novos caminhos observa-se evidente retardamento. É o que se verifica aqui quando se examina a distribuição de forças que revelam-se como “imutáveis, fixas e petrificadas” (p. 348). Caminhando nessa mesma direção: “Nosso preparo teórico ainda parece insuficiente para entender corretamente os tipos aqui descritos; aparentemente, devem ser consideradas características temporais, alterações de um ritmo de desenvolvimento na vida psíquica ainda não foram consideradas de modo adequado” (p. 348).

É precisamente porque conceitos de inconsciente e pulsão são indispensáveis à psicanálise, e porque permitem formalizar fenômenos clínicos, que se pergunta como é possível afetar a pulsão a partir de uma operação sobre o inconsciente. Como resolver um conflito entre uma exigência pulsional e o Eu? Os elementos que se irão reunir no texto freudiano permitem notar que a etiologia dos distúrbios neuróticos é mesclada, tratando-se ou de pulsões excessivamente fortes, ou de efeitos de traumas que ocorreram antes do tempo em

dois momentos: o constitucional e o acidental. Entretanto, o leitor pode identificar que, quanto mais forte for o elemento constitucional, o trauma expressará sua lesão até mesmo em condições pulsionais normais, e é ainda mais provável que se dê uma fixação e a presença de resquícios como alteração. Que obstáculos atemporais impedem uma cura analítica, pergunta-se Freud (1937/2017, p. 325), considerando três fatores determinantes da análise: a influência de traumas – força pulsional –, a alteração do Eu e a força pulsional. O fator constitucional permanece, mas é importante a intensificação pulsional ao longo da vida, por isso questiona-se se é possível resolver de forma definitiva, por meio da análise, o conflito entre a pulsão e o Eu. A “resolução duradoura de uma exigência pulsional” (p. 326), não significa desaparecer e de modo algum pretende que nunca mais mostre sinais, nem ao menos é desejável tal acontecimento. O que se propõe é a “domação” da pulsão, ou seja, que esteja em harmonia com o Eu, acessível por outras aspirações no Eu, e não trilhando os próprios caminhos de satisfação. “Então, agora a bruxa precisa entrar em ação⁴⁴”, é a bruxa chamada Metapsicologia, a fim de melhor compreender, pois sem a especulação metapsicológica e teorização – e quase diria sem fantasiar, não avançaremos nenhum passo sequer. Nessa passagem, o estatuto epistemológico⁴⁵ freudiano. Retomando a pergunta sobre se é possível resolver um conflito pulsional de forma duradoura, é preciso considerar a força pulsional. Note-se que toda decisão de um conflito pulsional é válida entre a força da pulsão e a força do Eu, se a força do Eu diminuir todas as pulsões até então “domadas” que poderiam anunciar novamente suas exigências e almejar satisfações substitutas. Por exemplo, o sonho noturno desperta as exigências pulsionais. Talvez a análise possa diminuir efeitos da intensificação da pulsão, mas não como regularidade; nota-se essa irregularidade nos efeitos de uma análise. Nesse gesto de redução, quase sempre há “**fenômenos residuais**” ou um resquício parcial. Como restos vivos ainda prevalecem? Nessa sequência de parágrafos de *A análise finita e infinita*, Freud não cessa de lembrar que a qualquer tempo partes de uma organização anterior continuam existindo **ao lado** da mais recente, pois uma transformação nunca ocorre de forma completa, ou seja, na configuração posterior podem continuar a existir **restos** das antigas fixações da libido. Não há nenhuma das acepções humanas supostamente superadas que não tenha deixado restos, que não continue entre nós hoje e nas camadas dos povos. “Aquilo que

⁴⁴ N.E. Freud compara os “poderes” de sua teoria metapsicológica aos da bruxa evocada na mais célebre obra da literatura alemã [Fausto de Goethe]. (P. 363).

⁴⁵ Sobre “Estatuto epistemológico” consultar o ensaio “Epistemologia da pulsão: fantasia, ciência, mito” de Iannini (2013, p. 91) no volume *As pulsões e seus destinos*.

alguma vez ganhou vida sabe se manter de forma tenaz. Às vezes, poderíamos questionar se os dragões dos tempos primevos realmente foram extintos (p. 331).” O leitor pode perguntar que relações metapsicológicas se estabelecem entre o exposto neste capítulo e em *O mal-estar na cultura*, no qual examinamos o ponto que no aparelho psíquico preserva-se o que é primitivo **ao lado** do que dele surgiu por transformação. Vejamos como Freud mostrou que dragões ainda vivem entre nós, contrastando com sua destruição absoluta:

Se nossa primeira descrição do desenvolvimento da libido era: uma fase oral original dá lugar à sádico-anal e esta, por sua vez, dá lugar à fase fálico-genital, a pesquisa posterior não se opôs a isso, mas apenas acrescentou, a troco de correção, que essas substituições não se dão de repente, mas aos poucos, de modo que a qualquer tempo partes da organização anterior continuam existindo ao lado da mais recente, e que mesmo em um desenvolvimento normal a transformação nunca se dá de forma completa, de modo que ainda na configuração definitiva podem continuar existindo restos das antigas fixações da libido. Em áreas muito diferentes podemos detectar a mesma coisa. Não há nenhuma das acepções equivocadas ou superstições humanas supostamente superadas que não tenham deixado restos, que não continue entre nós hoje, nas camadas mais profundas dos povos civilizados. (FREUD, 1937/2017, P. 331).

Não há nada de espantoso nisso, ao examinar de perto os parágrafos deste texto pode-se verificar que a experiência analítica não trabalha com recursos de poder ilimitados. Assim como não assegura a salvação, e isto se pode inferir no ponto em que restos atemporais e viscosos persistem, e exatamente porque há restos, sobrevivências⁴⁶, fantasmas, resíduos e vestígios, que se pode prescindir de uma salvação. Nota-se que restos não tem valor de redenção. Freud apresentou os limites da capacidade produtiva de uma análise, afinal, não se pode acomodar todos os conflitos na transferência, tampouco o analista pode despertar todos os possíveis conflitos pulsionais a partir da transferência. Porque a interpretação nem sempre faz eco, quando no próprio sujeito a coisa ainda não era algo atual, tal como pode ocorrer na leitura de escritos psicanalíticos em que o leitor se sente “estimulado” nas passagens em que foi atingido por conflitos que naquele momento ainda estão em curso (Freud, 1937/2017, P. 331).

⁴⁶ Sobre “restos e sobrevivências” ler em Didi-Huberman (2011, p. 84): somente a tradição religiosa promete uma salvação para além de qualquer apocalipse e de qualquer destruição das coisas humanas. As sobrevivências concernem apenas à imanência do tempo histórico, elas não tem nenhum valor de redenção. E quanto ao valor de revelação, nada mais é do que lacunar, em tramos. Sobrevivências não prometem ressurreição – haveria algum sentido em esperar de um fantasma que ele ressuscite? São apenas lampejos passeando nas trevas e em nenhum caso o acontecimento de uma grande luz de toda luz. Ensinam que a destruição nunca é absoluta, mesmo que contínua, as sobrevivências nos dispensam justamente da crença de que uma “última” revelação ou uma salvação final sejam necessárias a qualquer liberdade.

Da perspectiva anterior de Freud (1912/2017, p. 107-108), encontrada em *Sobre a dinâmica da transferência*, cuida-se de acrescentar considerações sobre as moções inconscientes não querem ser lembradas, mas almejam despertar e se reproduzir de acordo com a “atemporalidade” (p. 118) e a capacidade alucinatória do inconsciente. Então, semelhante ao que ocorre no sonho, trata-se de atribuir realidade e atualidade, e tornam-se manifestas e atuais. Outra questão crucial é a junção de predisposições inatas e influências durante os primeiros anos de vida, quando se adquiriram determinadas idiossincrasias para conduzir a vida. Partem daqui as condições que cada um estipulou para o amor, as pulsões a satisfazer, e as metas almejadas, clichê atemporal que poderá ser repetido e reeditado ao longo de uma vida. É nessa direção que não se pode negar a importância dos fatores inatos [constitucionais] destacados como as impressões que ocorreram na infância. A psicanálise se pronunciou muito sobre fatores acidentais na etiologia, e pouco sobre os fatores constitucionais; não se trata de sustentar uma oposição fundamental entre esses fatores, mas antes de estabelecer uma colaboração regular entre ambos capaz de produzir efeitos. Mas o que são os fatores constitucionais? Freud arriscou a entender a própria constituição como precipitado de influências acidentais sobre a infinita série dos antepassados. Por fim, como restos residuais resistem à análise e ao tempo? Vale lembrar que em Freud analistas são sujeitos que aprenderam a exercer determinada arte e que, paralelamente a isso, podem ser sujeitos como outros quaisquer.

7. A distância no tempo é um fator determinante

“[...] os precipitados psíquicos daqueles tempos primevos haviam se tornado herança, necessitando apenas ser despertados, não adquiridos a cada nova geração (FREUD, 1939/2018, p. 182).”

Obras de arte exercem um “forte efeito”, em especial as literárias e as esculturas: podemos olhá-las por muito tempo e até mesmo nos sentirmos dominados, não obstante não possamos dizer exatamente o que representam. O que afeta o leitor e o espectador de forma tão forte pode ser a intenção do artista expressa na obra, não simplesmente um fato intelectual, mas afetos e forças pulsionais não expressos e não transmissíveis por palavras. É necessário interpretar e analisar para poder expressar porque sucumbimos a impressão tão violenta. Será a nossa não-coincidência com um passado não-vivido? É enigmática a estátua

de mármore de Moisés, esculpida por Michelangelo, nunca antes experimentei um efeito tão forte, não há dúvida de que representa Moisés, o legislador dos judeus, escreveu Freud (1914/2021, p. 183-208) nos primeiros parágrafos de *O Moisés, de Michelangelo*. Foi o fato de incomodá-lo o que mais intrigou Freud na escultura, quando de sua primeira viagem a Roma. Quando ali retornou, alguns anos depois, visitou Moisés novamente, todos os dias, e não deixou de levar na mala um pequeno molde em gesso – tal como de Gradiva. Do ponto de vista de Freud (1939/2018, p. 174), um escritor de grande imaginação e audácia permitida aos poetas antecipou a incômoda descoberta. O sentido das figuras com as quais E.T.A. Hoffmann trabalhou em suas criações estava nas impressões que ocorreram na viagem de várias semanas de carruagem, quando ainda era criança de peito, e apenas em algum momento posterior isso vai irromper em sua vida.

A distância no tempo⁴⁷ é o fator propriamente determinante, e nessa questão do tempo, também o poeta pode ter a palavra, assim Freud (1939/2018, p. 174) nos apresentou esse gesto em direção ao poeta, ao final de *O homem Moisés e a religião monoteísta*. Porque Freud, ao dizer do tempo, deu a palavra também ao poeta? Nossa hipótese é isso se verifica na utilização de metáforas, por exemplo em “Nota sobre o Bloco mágico” que ao final temos uma teoria dos tempos. É evidente que o poeta é inerente ao pensamento freudiano, o escritor não pode evitar o psicanalista, nem o psicanalista evitar o escritor.

Mas, o que fixa os sujeitos em vestígios do passado, numa certa insubmissão ao tempo presente? São questões que animam esta escrita. Nesta análise em detalhes, publicada como ensaio anônimo a pedido do escritor, Freud adentrou a análise de uma obra de arte, e verificou em sua pesquisa que Michelangelo assentou um outro Moisés como figura principal no sepulcro do Papa Júlio II. No preâmbulo deste ensaio, Freud (1914/2021, p. 183) logo advertiu ao leitor que não era conhecedor de arte, mas um leigo, ao passo que convocou e comentou por citações e trechos historiadores e analistas de arte, a exemplo de Grimm, Lübke e Springer, Justi, Knapp, Thode, Morelli e Lloyd para compor o corpo desta investigação. Nos

⁴⁷ Nota 68: Também nessa questão um poeta pode ter a palavra. Para explicar sua ligação, ele imagina: ‘Ah, tu fostes em tempos já vividos minha irmã ou minha mulher’ (Goethe, V.IV da edição de Weimar, p.97 [citado também em ‘O prêmio Goethe’, 1930] (FREUD, 1939/2018, P. 174).

estudos e ensaios de Freud quase sempre se podem encontrar as intervenções de um ou outro autor: escritores, pesquisadores ou cientistas.

Em interpretação sem precedentes Freud demonstrou que Michelangelo deu nova forma ao Moisés histórico, “retrabalhou” o tema da destruição das tábuas da lei, não mais quebradas, e acrescentou algo novo além-do-humano, por exemplo, a violenta massa corporal. Será toda obra de arte em si revolucionária, no sentido não de mudar o mundo, mas de descontinuar o tempo? Este não é mais o Moisés das Escrituras que sucumbiu à ira e jogou fora as tábuas que se quebraram, mas um Moisés que retrabalhou tradições que surgiram por rasura da expressão do artista, interpretou Freud. Na forma estética de Moisés restou algo de um movimento iniciado, mas que permanece sentado, a fúria foi domada, assim não lançará as tábuas contrariando a tradição. Nada se pode concluir sobre a intenção do artista que sofre efeitos de ruídos pulsionais e inconscientes entre a intenção da obra e sua expressão. A obra de arte não é a realização de seu plano construtivo. Esta escrita irá antecipar-se a inferir para que o leitor possa até encontrar provas de que o psicanalista Freud, tal como Michelangelo, retrabalhou o homem Moisés e o modificou de modo radical e irreparável. Em “O paradigma estético de Freud”, Ernani Chaves (2021, p.18), ao comentar *O Moisés, de Michelangelo*, propõe que o modelo de cientista para Freud aparece muito mais moldado pela figura do artista transgressor do que pelo pesquisador no laboratório de fisiologia.

Não faremos aqui uma análise para explicar o que moveu Freud a ficar aturdido em Moisés, certamente o próprio autor refletiu sobre isso. Vamos optar, com a psicanálise, a manter efeitos de não-compreensão, sabemos que existe qualquer coisa de não-vivido, e que nas palavras ocorre qualquer coisa que fica por exprimir em corpos e tempos distintos. Trataremos nesta leitura⁴⁸ de identificar os argumentos e pensamentos de Freud no próprio bloco de texto, palavra por palavra, e por vezes incorreremos em dificuldades, lapsos e repetições do mesmo para examinar questões teóricas que restam nesses escritos. Procuraremos identificar palavras que podem desencadear uma renovação no pensamento. Escrevemos e pesquisamos exatamente porque não-compreendemos, mas isso não torna nada inteligível. Sentimos que tal procedimento foi necessário à especificidade desta pesquisa e da

⁴⁸ “Ora, a tradução implica uma outra atitude pois o texto, enquanto escritura, espera e pede uma leitura”. LAUNAY, Marc B. de. *O que é traduzir?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2023.

pesquisadora por sinalizar a pergunta que gostaríamos de fazer a Freud, sobre que outras metáforas para uma teoria do tempo e da atemporalidade jazem sob o fundo de uma topologia psíquica e de fenômenos residuais do passado. Este método que surge somente agora se deve à observação de que na escrita do texto freudiano ocorre qualquer coisa à espera de mais uma leitura. Enquanto isso, a escrita não pretende esconder a surpresa e o afeto por seu objeto. Façamos então um percurso nos limites do texto freudiano, por efeito de seu quadro teórico; ainda não nos pareceu possível fazer outra coisa.

O homem Moisés se apresentou em dois ensaios, escritos num intervalo de aproximadamente vinte anos. O período em que foram escritos não foi de tranquilidade para Freud. *O homem Moisés e a religião monoteísta* foi seu último ensaio, redigido entre 1937 e 1939, e se inscreve num momento da história e de sua própria existência em que escrevemos o que não dizemos; um período que abrange a anexação da Áustria pela Alemanha e finaliza pouco antes de estourar o absurdo da Segunda Guerra Mundial. Conhecemos os detalhes da fase final do extermínio em Auschwitz, mas isso não pode ser apenas histórico, é preciso afastar-se de explicações para ver efeitos de forças arcaicas em que o opaco do sentido continuamos a não conhecer nos dias de hoje, o testemunho⁴⁹ se faz ao submeter toda a palavra à prova de uma impossibilidade de dizer, de se publicar. A barbárie é algo ininteligível, cuja humanidade e inumanidade mesmas podem ser postas em questão. Os dois primeiros ensaios, “Moisés, um egípcio”, parte I e “Se Moisés era um egípcio...” parte II, foram escritos ainda quando Freud habitava Viena, ao passo que “Moisés, seu povo e o monoteísmo” parte III foi publicado em 1939, na Inglaterra. Em uma carta ao escritor e amigo Stefan Zweig (2017, p. 337-338) Freud finaliza por dizer: “O Moisés jamais verá a luz da opinião pública”, 5 de novembro de 1935, Viena, Berggasse 19. Essa advertência não era de modo algum supérflua. Os ensaios *Moisés, de Michelangelo* e *O homem Moisés e a religião monoteísta* apresentam esse aspecto de somente se publicar na não-publicação, capaz assim de expor a própria inoperosidade e inacabamento e a própria potência. O leitor pode ter nos pensamentos agora que alguma coisa de “forte efeito” aconteceu para Freud entre esses reencontros.

⁴⁹ Os que reivindicam a indizibilidade de Auschwitz se quiserem dizer que foi um acontecimento único, frente a testemunha deve submeter toda sua palavra à prova de uma impossibilidade de dizer, para não repetir o gesto dos nazistas (p.156). Agamben, G. O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha. São Paulo: Boitempo, 2008.

7.1 A pré-história da humanidade é parte do sintoma atual do sujeito

Em *O homem Moisés e a religião monoteísta*, Freud (1939/2018, p. 14) introduziu de forma inaugural que “privar um povo do homem celebrado como o maior de seus filhos não é algo que se faça com prazer ou de forma leviana, ainda mais quando quem o faz pertence a esse povo”. Note-se que sobre o homem Moisés não se pode evitar a questão se este foi um fato histórico, uma ficção ou uma lenda. Se realmente viveu, argumentou Freud, não há certezas; no entanto, acredita-se que Moisés viveu e que o êxodo do Egito de fato ocorreu, premissa que se faz elementar na existência da história do povo de Israel. O nome é o primeiro elemento que despertou a atenção de Freud, Moisés, *Mosche* em hebraico. No segundo capítulo do Êxodo conta-se que a princesa egípcia que salvou o bebê abandonado no rio Nilo deu-lhe esse nome a partir de uma explicação etimológica que significa “pois eu o retirei da água”. Não faz sentido concluir que a princesa egípcia preferiu um nome hebraico, assim como a água não foi do rio Nilo. Verificou-se que há tempos outros autores tiveram como questão a suspeita de que o nome Moisés é do idioma egípcio, como nessa passagem relevante de Breasted citado por Freud (1939/2018, p. 15): “É digno de nota que seu nome, Moisés, era egípcio. É simplesmente a palavra egípcia *mose*, que significa ‘filho’”, além disso, Moisés era familiarizado com toda a sabedoria dos egípcios. Mas isso não se resolve aqui, a admissão do nome egípcio não é suficiente para dizer a origem de Moisés. O teor deste breve ensaio sem dúvidas constitui uma aplicação da psicanálise, escreveu Freud. A lenda de nascimento e abandono de Moisés ocupam uma posição especial nessa investigação. Mas, de que serve a um povo uma lenda que fazia do grande homem o portador de um elemento de estrangeiridade? Retornemos às duas famílias do mito – na interpretação analítica são a mesma, mas na lenda se diferenciam entre a família nobre e a família humilde. A esse respeito Freud (1909/2015, p. 422-424), em *O romance familiar*, dirá que nomeamos como romance familiar o afastamento das crianças em relação aos próprios pais, ocorrência que pode ser revelada pelo processo de uma análise. A imaginação e os sonhos diurnos se dedicam à tarefa de livrar-se dos pais menosprezados e substituí-los por outros de posição social mais elevada. Porém, na substituição dos genitores, ou somente do pai por sujeitos mais formidáveis, descobriu-se que os novos genitores têm traços provenientes de lembranças dos genitores inferiores, de modo que não se elimina propriamente o pai, e sim o eleva.

Uma é a família autêntica na qual o grande homem realmente nasceu e cresceu, e a outra é a fictícia inventada pelo mito para algum propósito. Isto é, sabemos que em regra a família autêntica corresponde à humilde, e a inventada à nobre, tal como no romance familiar. Para Moisés as coisas se passam de outra forma, pois, em todos os casos examinados a primeira família que abandona a criança é a inventada, e a segunda em que é acolhida e cresce é a verdadeira. Então, Freud solicitou ao leitor coragem para reconhecer essa tese como geral e submeter a lenda de Moisés. Podemos identificar que Moisés é um egípcio, provavelmente nobre, que a lenda transformou em judeu. Enquanto um herói se ergue acima de um começo humilde, a vida de herói do homem Moisés teve início ao descer de uma posição elevada e ir até os filhos de Israel. O objetivo deste estudo foi chegar a um novo argumento para a hipótese de que Moisés fosse um egípcio, contudo as análises sobre o nome e o mito do abandono não foram suficientes para sustentá-las publicamente, e carecem de provas objetivas. O que frustra as possibilidades de se construir uma “verdade histórica” é que lendas se fazem em circunstâncias obscuras, assim como as tradições acerca do herói são contraditórias. Freud (1939/2018, p. 26) ainda se perguntou se não seria possível alcançar maior certeza, por que tornou pública tal investigação, mas é preciso observar a potência do pensamento de Freud ao expor certa inoperosidade na argumentação para comprovar a hipótese. “Moisés era um egípcio” é exatamente a hipótese que se repete por diversas vezes ao longo do texto freudiano. Trata-se de considerar como verdadeira a condição de egípcio para Moisés.

Pouco a pouco percebemos que Freud propõe que é preciso levarmos a sério, uma vez que não temos ainda as certezas de que Moisés era um nobre egípcio. Quais as consequências se Moisés fosse egípcio, perguntou-se Freud. (FREUD, 1939/2018, p. 26). Podemos concluir que Moisés era um egípcio, mas a necessidade de um povo o transformou em judeu. É possível apreender, das lembranças do tempo passado ausente, uma verdade incontestável? Com efeito, a verossimilhança se afirma como um pedaço de certeza. Quanto ao fato de que todas as partes do problema pareçam se encaixar, como partes de peças de um quebra-cabeça, é preciso lembrar, escreveu Freud, que a verdade nem sempre é verossímil, o provável ou verossímil não é necessariamente o verdadeiro. Ainda uma outra dificuldade que se apresentou é que Moisés não foi apenas líder político dos judeus estabelecidos no Egito, mas

também foi aquele que os fez seguir uma nova religião. E se Moisés era egípcio, não podemos afastar o pressuposto de que essa outra religião sugerida aos judeus fosse também egípcia. Não obstante, para detalhar um pouco mais essa análise, Freud introduziu os contrastes entre a religião judaica vinculada a Moisés e a egípcia, as quais se diferenciam entre um rígido monoteísmo e um politeísmo sem restrições. Por exemplo, a primeira é monoteísta, conhecendo apenas um deus, onipotente, inacessível; os homens não suportam a sua visão, não se pode fazer imagens, nem pronunciar o seu nome, e mesmo a ideia de imortalidade foi abandonada. Por outro lado, na religião egípcia há inumeráveis deuses materializados em argila, alguns são personificações de forças naturais como o sol, a terra, ou podem ser uma abstração, uma caricatura, e seus nomes podem ser combinados. Exatamente por oposições e diferenças entre as duas religiões que podemos verificar que até aqui a nova religião que Moisés sugeriu aos hebreus não foi a sua própria, isto é egípcia.

É possível que a religião dada por Moisés ao seu povo judeu fosse a sua própria, *uma* religião egípcia, mas não *a* religião egípcia. Para essa nova perspectiva, Freud (1939/2018, p. 31) examinou um acontecimento que considerou notável na história egípcia. O jovem faraó Amenófis (*Akhenaton*), casado com Nefertiti, que ocupou o trono por dezessete anos, tentou impor gradualmente aos egípcios uma nova religião de monoteísmo rigoroso que, ao mesmo tempo, e de forma inevitável, irrompeu em intolerância religiosa. Pela primeira vez, no Egito, a adoração se dirigia a um único deus, Sol ou Aton, elevado ao lugar de divindade suprema que tudo poderia explicar. Por consequência, os outros deuses foram destituídos e se tornaram supérfluos. Neste sentido, raízes de um monoteísmo egípcio podem ser rastreadas, então tudo o que é novo teve precondições no que veio antes, a ideia de um deus universal já ocorrera e afetara significativamente os egípcios. O que se modificou foi a passagem de um deus universal ao monoteísmo que implica um fator de exclusividade. Com o fim de Akhenaton, as velhas religiões foram reintroduzidas. Se Moisés era um egípcio, transmitiu sua religião aos judeus, nesse sentido, por via dos pressupostos de Akhenaton (aquele que louva Aton). As duas são formas de um monoteísmo rigoroso, porém, para os judeus, o culto ao sol era dispensável e o monoteísmo procede de forma mais dura, por exemplo ao proibir a representação por imagem. Surpreendeu Freud o fato de que a religião judaica não admitir a vida após a morte, mas isso se suspende quando se verificou que era necessária tal rejeição também para Akhenaton, para combater a religião popular em que Osíris, o deus dos mortos,

tinha papel maior que qualquer outro deus. Notam-se aqui alguns pontos de concordância entre a religião judaica e a de Aton.

Assim Freud formulou a hipótese de que Moisés deu uma nova religião aos judeus. Não somente, mas também introduziu o costume da circuncisão, fato de importância decisiva. Freud estabeleceu sem dúvidas que a circuncisão era costume do povo egípcio, e convida o leitor a supor que se Moisés fosse um judeu que pretendeu libertar os patrícios da servidão no Egito para uma vida autônoma, como de fato aconteceu; assim, que sentido haveria em impor um costume penoso a manter a lembrança do Egito, e que os tornava eles próprios egípcios, perguntou Freud (1939/2018, p. 42).

Dizer que Moisés não era judeu, mas egípcio, estabeleceu um novo enigma, uma forma de complicar a vida, pois sua conduta, compreensível em um judeu, torna-se inapreensível em um egípcio. Entretanto, se levarmos Moisés até o tempo de Akhenaton o enigma poderá se esclarecer. É nesse sentido que Moisés era um nobre, de alta posição, talvez membro da casa real, como diz a lenda. Não ignorava a própria capacidade, era ambicioso e enérgico; poderia até acalentar a ideia de guiar seu povo e governar o reino. Um homem próximo do faraó e também adepto convicto da nova religião, tem arruinadas as perspectivas após a morte de Akhenaton: o Egito nada mais tinha a lhe oferecer, perdeu sua pátria. Resta a Moisés a tentativa heróica de lutar contra o destino, fundar um novo reino e encontrar um novo povo para a religião desprezada pelos egípcios. E assumir o papel de líder dos judeus. De acordo com essa construção, o êxodo teria ocorrido após a morte de Akhenaton, em direção à terra de Canaã. Em Freud (1939/2018, p. 44) um outro motivo para o êxodo foi exatamente a circuncisão, pois aqueles que não praticam o costume sentem horror, mas aqueles que o adotam sentem orgulho. Moisés queria fazer dos judeus um “povo santo” e como sinal dessa consagração foi-lhes imposto o costume egípcio. Além disso, era um sinal que os impedia de se misturar aos estrangeiros. Reconhecer que a circuncisão foi um costume egípcio era também saber que a religião transmitida foi egípcia, e há boas razões para negar esse fato. Nesse quadro teórico não se deveria supor que a derrota da religião de Aton tenha mesmo ocasionado o fim absoluto da corrente monoteísta no Egito. Não há ruptura absoluta, já que ela é sempre sintoma e traço de alguma situação anterior. Existe abundante literatura a respeito de Moisés, lendas que dizem da ambição do Moisés adulto já manifestada na

infância; a própria Bíblia dirá que é um homem colérico e facilmente irritável, características que não contribuem para a glorificação e podem realmente corresponder à verdade histórica. O fim provisório deste trabalho se deve ao fato de que não se podem tirar mais conclusões, provadas ou não as circunstâncias, porque “um historiador”, escreveu Freud (1939/2018, p. 49), não pode tomar o relato bíblico senão como literatura devotada que moldou uma tradição em favor de suas tendências, em nossa reconstrução não há lugar para esses episódios. É claro que nada sabemos da tradição original, e na ignorância de eventos históricos ficam os restos inacabados. Freud examinou cada coisa bem de perto e mostrou que inesperadamente se apresentou uma saída: a morte de Moisés pelos judeus e sua religião abandonada.

O êxodo do Egito levou um grande número de pessoas a abandonar o país junto com Moisés, quando encontraram outras tribos já estabelecidas e desse encontro surgiu o povo de Israel. O assassinato de Moisés foi o acontecimento recalcado entre todos os fatos da história primitiva. Tal como Akhenaton, Moisés ordenou e impôs sua fé ao povo, e talvez a doutrina ainda fosse mais dura que a de seu mestre. Os tutelados e diminuídos se revoltaram e se desfizeram do fardo da religião imposta. Enquanto os egípcios esperaram que o destino eliminasse o faraó, os semitas tomaram seu destino nas mãos e se livraram do tirano. Em nota de rodapé, Freud (1939/2018, p. 70-79), reparou que na história egípcia não há registros de eliminação violenta ou assassinato de um faraó; certamente isso pode vir do fato de que entre os egípcios a historiografia do passado servia apenas aos propósitos oficiais. Retornaremos ao assassinato de Moisés. Trata-se da história do bezerro de ouro e o despedaçamento das tábuas da Lei motivado por irada indignação de Moisés. É nessa perspectiva que retomamos de modo breve *O Moisés, de Michelangelo* para fazer notar que Michelangelo deu nova forma ao Moisés histórico, “retrabalhou” o tema da destruição das tábuas da lei, não mais quebradas em sua escultura. Na sequência de parágrafos Freud expôs reflexões sobre a cronologia dos eventos, desde a saída do Egito ao assassinato de Moisés, para isso também introduziu no debate outros pesquisadores. O Moisés egípcio ofereceu uma outra concepção de divindade, ou seja, a ideia de um deus único e que abrangia todo mundo, amoroso e poderoso, mas também avesso a cerimônias e à magia. Uma vida a ser vivida na verdade e na justiça. No entender de Freud, a longo prazo não fizeram diferença as recusas à doutrina de Moisés e até mesmo que ele tenha sido eliminado.

Em poucas palavras, foram demonstradas as dualidades dessa história, dois povos que se unem para formar a nação, dois reinos em que esta nação se divide, e dois nomes de divindade no texto da bíblia. Este estudo acrescentou duas novas fundações da religião, a primeira que, reprimida pela segunda, ressurgiu depois por trás dela, e dois fundadores da religião, ambos de nome Moisés. Essas dualidades são consequências da primeira, exatamente do fato de que uma parte do povo sofreu uma vivência considerada traumática, que a outra parte não sofreu. Os traumas são vivências sofridas no próprio corpo, tal como um acontecimento, de algo visto ou ouvido na pré-história dos sujeitos. O estudo que o leitor acompanhou, Freud o nomeou como puramente histórico, derivado de coisas ainda por discutir, no entanto restou a pergunta sobre em que consiste propriamente a natureza de uma tradição. Alguém poderia perguntar como isso tudo pode nos levar ao cerne de nossa pesquisa por ora, interessa por indicar um tempo que é o passado e uma forma que é vivo – passado vivo.

Mas Freud (1939/2018, p. 78) não se deteve aqui; em Nota preliminar, ainda na cidade de Viena, que por efeito de espanto dirá que o progresso fez um pacto com a barbárie. A barbárie é um fato de natureza ou um fato de cultura? Em outras palavras, a cultura nem sempre é o que nos protege da barbárie, por vezes ela é o próprio meio onde prosperam as formas inteligentes de barbárie. Muitos conflitos que insurgem na escrita também ocorrem a partir de infernos que irrompem no mundo em que se vive. Daí o temor em publicar esta última parte do estudo, que faz Freud retomar a ideia de não torná-lo público - com a ressalva que esse temor não o impediu de escrevê-lo. Talvez, fique mesmo guardado, para que um outro autor professe as mesmas conclusões e opiniões. Essa passagem é reveladora da maneira como Freud, apesar de tudo, mantém o espaço das potências intermitentes de lampejos⁵⁰. Alguma coisa atemporal [*zeitlos*] de “forte efeito” acontece entre o arcaico e o contemporâneo, entre os encontros com Moisés e as apreensões íntimas integradas a problemas sociais, políticos e culturais, “dificuldades muito especiais” que experimentei durante os estudos sobre Moisés (p. 81), escreveu Freud.

⁵⁰ Lampejos, os vaga-lumes desapareceram, isto quer dizer a cultura, mas não há que se atribuir rapidamente uma vitória definitiva, porém trata-se de ver o espaço intersticial, intermitente das aberturas possíveis, dos lampejos. Não haverá uma resposta total, mas pedaços, lampejos ainda que fracamente luminosos, vaga-lumes. Didi-Huberman, Georges. Sobrevivência dos vaga-lumes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 41-42

Assmann (2021, p. 147) observou que o instigante ensaio *O homem Moisés e a religião monoteísta* experimenta um retorno extraordinário há mais ou menos doze anos, mais de cinquenta anos de latência após a publicação. A questão de Moisés e do monoteísmo é agora de grande interesse, retorna não somente na leitura de teólogos, mas de historiadores, escritores, filósofos e intelectuais de modo geral, até mesmo em campos mais distantes como a egiptologia. A Nota Preliminar II, escrita em Londres, sucede à partida de Freud de Viena, diante da anexação da Áustria pela Alemanha nazista. Estava no horizonte de Freud a certeza de que era perseguido não apenas na forma de pensar, mas também por sua “raça”. Assim abandonou, com muitos amigos, a pátria e cidade que desde a infância foi sua morada. O terceiro e último ensaio apresentou dois prefácios diversos, que se contradizem e até mesmo se anulam. Entre as duas notas preliminares a circunstância de vida do autor se modificou muito. Escreveu sentir-se inseguro, mas não se trata aqui da justeza dos resultados, mas por não ter a unidade e afinidade que deve existir entre um autor e sua obra. É importante estar atento que o retorno de eventos importantes e esquecidos da pré-história da humanidade fazem parte do modelo dos sintomas dos sujeitos, que agem segundo seu conteúdo de *verdade histórica*. O novo e o antigo se interpenetram. Podemos dizer que essa é uma característica de atemporalidade.

O Egito se tornou um império mundial, isto se refletiu no desenvolvimento das concepções religiosas de grande parte do povo e das camadas mais elevadas, dominantes e intelectualmente ativas. Sob influências dos sacerdotes (deus-sol) e estímulos provenientes da Ásia, surgiu a ideia de um deus universal, Aton. Amenófis IV (Akhenaton), o jovem faraó no poder, não tem outros interesses senão fazer crescer essa ideia de um deus universal, então promoveu a religião de Aton a religião do Estado e o tornou o deus único e universal. As coisas também se complicam quando outros deuses são tomados como mentira ou engano. Aton, com inaudita inflexibilidade, rejeita as tentações de um pensamento mágico, a ilusão de uma vida após a morte – tão caras aos egípcios. Vê na energia solar a fonte de toda vida na Terra. Freud identificou que este é o primeiro e talvez o mais puro caso de religião monoteísta na história humana. Por fim, é estabelecido historicamente que a dinastia de Akhenaton extinguiu-se, a religião de Aton foi abolida, a cidade do faraó foi destruída e saqueada. Será preciso examinar a hipótese que próximo a Akhenaton havia um homem de nome *mose* que

ocupou uma alta posição, e mantinha por convicção a religião de Aton. A morte de Akhenaton e a extinção da religião era tal como o fim, que somente poderia continuar a viver no Egito como um proscrito ou renegado. Entre a decepção e o isolamento se aproximou dos estrangeiros para compensar as perdas. Escolheu-os como seu povo e procurou realizar neles os ideais, então abandonou o Egito junto a eles, santificou-os com a marca da circuncisão, deu-lhe leis, iniciou-os nos ensinamentos da religião de Aton – que os egípcios haviam rejeitado.

Com efeito, Freud nos lembrou que tudo isso ainda é história, tentativas de preencher lacunas e uma repetição do capítulo anterior, mas ainda interessa identificar as vicissitudes de Moisés, que apenas tem fim com a revolta dos judeus. A união das tribos e a fundação religiosa em Cades envolvia que a um lado importava apenas negar o novo e o estrangeiro do deus Jeová e fortalecer a devoção do povo; o outro não queria renunciar, em prol desse deus, as lembranças de libertação do Egito e a figura de Moisés. Os que reivindicavam eram a gente de Moisés, os levitas, que estavam separados dos contemporâneos de Moisés. Entretanto, supõe-se que ao adorador de Jeová não passava pela cabeça negar a existência dos deuses de Canaã, nem dos povos que neles acreditavam. Pois a ideia monoteísta de Akhenaton ficaria na penumbra. Vejamos que o fato da adoração a um deus universal, único e onipotente ter passado dos egípcios para os judeus se expressou na crença de que os judeus eram um povo eleito, de obrigações especiais, à espera de uma compensação, e a marca de destino infeliz. A coexistência de outro deus era inconcebível. A partir desses elementos e da revisão sacerdotal torna-se difícil não argumentar que foi Moisés quem transmitiu a ideia monoteísta aos judeus, mas, perguntou Freud (1939/2018, p. 83-94) o que se ganha se o monoteísmo judaico é derivado do egípcio. Foi necessário sair do Egito para ingressar no monoteísmo. Não pensamos em ganho, escreveu Freud, mas em investigação.

Como a distância no tempo pode ser determinante? Como o tempo passado continua atuando? Na parte intitulada “Período de latência e tradição”, Freud (1939/2018, p. 94), com os elementos reunidos, trata de explicar o efeito retardado e onde encontramos fenômenos similares. Na vida psíquica, ao se tomar conhecimento de algo novo a partir de evidências que por outro lado contrariam vários desejos e ferem convicções, não se hesita a buscar razões para colocar em dúvidas esse algo que é novo. É preciso tempo até que o Eu faça o trabalho

de superar as objeções sustentadas por fortes investimentos afetivos. Ao mesmo tempo, Freud citou um outro exemplo com menos afinidade ao problema. Isto é, ocorreu que alguém deixou um acidente incólume, uma batida de trens, e no decorrer das semanas – “tempo de incubação” – desenvolveu uma série de graves sintomas. É nesse sentido que, mesmo por casos diferentes, o problema da neurose traumática e do monoteísmo judaico é de latência. Mas, o que fixa os passados no sujeito? Freud considerou que após o abandono de Moisés, há um longo período na história da religião judaica no qual não se percebem traços da ideia monoteísta, do desprezo às cerimônias e da grande ênfase na ética. É fundamental a constatação de que a solução deste problema deve ser buscada numa situação psicológica. Quando duas partes do futuro povo judeu se uniram para adotar uma nova religião, as lembranças do êxodo eram fortes e vivas do lado daqueles que haviam estado no Egito, e de Moisés, a ponto de ser preciso acolher a história anterior. Para a outra parte, precisava-se celebrar o novo deus e contestar que fosse este estrangeiro. As duas partes negaram uma religião anterior, as pessoas provenientes do Egito trouxeram a escrita e a historiografia sem a obrigação de veracidade, e assim os relatos foram moldados conforme a necessidade. Tendo em vista esse aspecto, ocorre uma oposição entre o registro escrito e a transmissão oral de um mesmo material, “a tradição”, pois o que foi omitido ou alterado na redação pode ser conservado na tradição. Por isso, foi menos submetida às deformações, mas ressalta-se o fato da confiabilidade prejudicada pelas alterações ao se passar de uma geração a outra por comunicação oral. O leitor poderia esperar que a tradição fosse suprimida pelo registro escrito, mas a própria tradição pode se fixar por escrito. Podemos encontrar provas no fato notável que Freud examinou que algumas tradições, ao invés de se enfraquecerem com o tempo, podem tornar-se mais poderosas ao longo dos séculos e transpor elaborações posteriores a relatos oficiais. São fortes o bastante para causar efeitos de forma decisiva no pensamento e nos atos do povo.

Cara a cara com o problema, pois é neste fato acima descrito que ele se encontra, demonstrou Freud (1939/2018, p. 99). A religião do passado não desapareceu sem traços, uma espécie de lembrança foi conservada, tal como uma tradição deformada. A tradição desse passado que continuou atuando como um segundo plano, aos poucos ganhou cada vez mais poder até vivificar a religião de Moisés introduzida séculos antes e já abandonada. Estaríamos no campo da psicologia das massas com o fenômeno religioso, porém sobre uma ideia que

não é familiar. Nada semelhante pode ser encontrado, o fato de que uma tradição esquecida voltou a ter efeitos na vida psíquica de um povo, e a tradição são lembranças vagas e incompletas que subsistem do passado. Cabe identificar nesses momentos do texto freudiano os aspectos de uma teoria dos tempos. Freud chamou a nossa atenção para o tempo longínquo, passado, o antigo que exerce enorme e talvez enigmática atração sobre nós, sobre a fantasia dos sujeitos, que insatisfeitos com o presente retornam ao passado e esperam ver realizado em um tempo que passou o sonho de inabalável felicidade. Espaços permanecem vagos, inocuados entre um tempo e outro. Enquanto isso, quanto mais vaga é uma tradição, mais utilizável ela é para o poeta. O poeta e o artista, diante da incompletude das lembranças, estão livres para preencher lacunas e retratar um tempo conforme os anseios da fantasia. Nota-se que a forma dos resultados pode ser diferentes, ou seja, para a literatura pode ser um poema, mas para outro uma religião (FREUD, 1939/2018, p. 102).

7.2 A psicanálise só tem sentido se investigar o tempo primitivo

Como a atemporalidade pode marcar o corpo? Freud oferece exemplos em uma relação de semelhanças e metáforas com o processo da história da religião judaica, mostrou aspectos encontrados na psicopatologia, certamente postulados, como o fenômeno da latência, a ocorrência de manifestações incompreensíveis em precondição de vivência precoce que depois é esquecida, e também o fato da compulsão – que se impõe ao psíquico subjugando o pensamento lógico. Freud definiu os traumas como impressões experimentadas cedo e depois esquecidas, mas nem sempre é possível pinçar um trauma inequívoco na pré-história de um sujeito, o que ocorre é uma reação extraordinária. Em outras palavras, podemos pensar com Freud que na psicanálise não encontramos o trauma como evidência inequívoca, mas como um pedaço que não completa a consistência daquilo que faltou; na experiência de análise falamos exatamente sobre o que não existe. Essas constatações coincidem que a gênese da neurose sempre remonta às impressões da primeira infância, na Nota 60 Freud (1939/2018, p. 103-104) então demonstrou que “não tem sentido, afirmar que se pratica a psicanálise quando não se investiga e se leva em conta justamente esse tempo primitivo, como fazem alguns”. Freud coloca no centro dessas questões que são os sintomas consequências de determinadas vivências e impressões, justamente por isso o reconhecemos como traumas etiológicos. Freud (1939/2018, p. 103-109) também pontuou que traumas surgem cedo, são vivências sofridas,

impressões ou percepções sensoriais de algo visto ou ouvido que aconteceram ao próprio corpo, e estão ligados a fatos de esquecimento e conteúdo sexual agressivo.

A relação entre esses pontos é estabelecida por uma teoria – que é o resultado de um trabalho analítico, o único que pode proporcionar um saber sobre vivências esquecidas ou de outra forma mais viva, trazer de volta à lembrança o vestígio (*survival* [remanescente]) da pré-história, tal como certos elementos da anatomia de nosso corpo. Essa metáfora de elementos da anatomia para dizer do passado que se apresentou está implicada ao período de latência, ou seja, o florescimento precoce da sexualidade termina aproximadamente aos cinco anos e é seguido pelo período de latência até a puberdade. Verificou-se que o período de amnésia infantil coincide com esse primeiro período da sexualidade. Aqui está o pressuposto de que retornam vestígios imutáveis da pré-história, tal como no período de latência. Nesses vestígios que retornam do passado, podem-se inferir aspectos de atemporalidade que podem conduzir o pensamento a uma teoria dos tempos em Freud. É claro que a imutabilidade não significa morte ou inatividade, mas, ao contrário, trata-se de um material vivo, capaz de forte efeito, para mais podemos inferir constância a partir das pulsões que atuam sempre como força constante (*konstante Kraft*⁵¹). A fixação do sujeito em um pedaço antigo de seu passado se pode identificar na inibição e nas incapacidades diante da vida. Sobre a latência, escreveu Freud, um trauma da infância pode se seguir imediatamente à irrupção neurótica, mas também pode transcorrer de forma latente e não ser percebida, pois predomina a defesa, mas por via de regra ficam as alterações no Eu, que são comparáveis a **cicatrizes**. Mais recentemente, Milner (2006, p.24) escreveu que o Real se dá a ver sob espécies enganosas da permanência e costuma se inscrever como cicatriz do que permanece. Retornemos a detalhes dos efeitos de trauma que foram descritos por Freud:

II. a) Os efeitos do trauma são de dois tipos, positivos e negativos. Os primeiros são tentativas de fazer novamente agir o trauma, ou seja, de lembrar a vivência esquecida ou, melhor ainda, de torná-la real, de vivenciar de novo uma repetição dela, ainda que tenha sido apenas uma relação afetiva anterior, de fazê-la reviver numa relação análoga com outra pessoa. Resumimos essas tentativas sob o nome de *fixações* no trauma e de *compulsão à repetição*. Elas podem ser acolhidas no assim chamado Eu normal e, sendo tendências constante dele dar-lhe traços de caráter **imutáveis** [grifo nosso], apesar de – ou melhor, justamente por - seu verdadeiro fundamento, sua origem histórica, ter sido esquecido (FREUD, 1939/2018, p. 107).

⁵¹ Força constante: “A pulsão, por sua vez, jamais atua como uma força momentânea de impacto, mas sempre como uma força constante” (FREUD, 1915/2013, P. 19).

Agora devemos supor que na vida humana ocorreu algo semelhante ao que sucede aos sujeitos, ou seja, que também houve acontecimentos de teor sexual-agressivo que deixaram cicatrizes permanentes, foram rechaçados, esquecidos, e que após latência expressaram efeitos similares ao de sintomas. O que Freud propôs validar foi postulado de que ocorre uma pré-história desconhecida ou esquecida para os sujeitos. Não é novidade lembrar que tais afirmações já haviam aparecido quase quatorze anos antes em *Totem e tabu* (1925), onde, escreveu Freud, a parte essencial dessa construção se trata da hipótese de que os fatos que descrevemos atingiram todos os homens primitivos, isto é, todos os nossos ancestrais. O homem primitivo vivia em pequenas hordas sob o domínio de um macho forte, não é possível determinar a época e provavelmente a criatura humana não avançara muito no desenvolvimento da linguagem. Essa história não ocorreu uma única vez e se estendeu por milhares de anos e se repetiu incontavelmente. O macho forte era senhor e pai de toda a horda e tinha poder ilimitado, que exercia com violência, além disso, as fêmeas eram propriedades sua, as mulheres, filhas da própria horda e aquelas roubadas de outras hordas. Os filhos, quando despertavam o ciúme do pai, eram abatidos, castrados ou banidos, assim tinha que viver em pequenas comunidades e obter fêmeas mediante o rapto, por vezes alcançar posição semelhante à do pai na horda. Os filhos mais novos, sob proteção materna, podem substituir o pai após sua morte. Essa organização social se modificou quando irmãos expulsos que viviam nas comunidades se reuniram para subjugar o pai e devorá-lo cru, conforme o costume daqueles tempos. O canibalismo é algo que não precisa nos chocar, pois ainda prosseguiu em tempos posteriores, é uma tentativa de assegurar a identificação pela incorporação de um pedaço.

O essencial para Freud foi que atribuímos a esses homens primevos os mesmos efeitos emocionais que podemos verificar na atualidade. Ressonâncias de que não apenas odiavam e temiam o pai, mas também o adoravam como modelo e queriam tomar o seu lugar. Após o assassinato do pai há um longo período em que os irmãos disputaram a herança paterna mas o entendimento do perigo e da inutilidade dessas lutas levaram os irmãos à união entre eles – uma espécie de contrato social. A primeira forma de organização social surgiu com a renúncia pulsional, o reconhecimento de obrigações mútuas e o estabelecimento de obrigações invioláveis, ou seja, os primórdios da moral e do direito. De modo que cada um renunciou ao

ideal de conquistar a posição do pai e a posse da mãe ou irmãs. Iniciou-se o tabu do incesto e o mandamento da exogamia. Para o substituto do pai foi encontrado um animal forte, adorado, talvez temido, capaz de manter na relação com o animal totêmico a ambivalência do laço afetivo com o pai. O totem substituto do pai era por um lado o ancestral de sangue e espírito protetor, e por outro tinha o mesmo destino do pai primordial, era abatido e devorado em refeição totêmica por todos no dia de festas. Em relação ao totemismo, observou-se que no lugar de animais surgiram deuses humanos, e a ordem patriarcal foi estabelecida no lugar do direito materno. Freud advertiu que existem lacunas nessa síntese histórica.

A novidade despercebida e não compreendida são as restaurações do tempo passado e retornos do que foi esquecido após longos intervalos. Destacou-se que cada pedaço que retorna do esquecimento se impõe com poder especial, de efeito incomparavelmente forte sobre as massas humanas e reivindica a verdade de forma irresistível. Note-se que qualquer objeção lógica se torna impotente. Na ideia delirante há uma parcela de verdade esquecida que em seu retorno é passível de deformações e mal-entendidos, desse núcleo de verdade ocorre a convicção obsessiva produzida através do delírio. Essa verdade podemos denominar de *histórica*, isso se passa também nos fenômenos de fé das religiões – cujo caráter é de sintomas psicóticos, e enquanto fenômenos de massa não estão isolados.

7.3 Topologia psíquica: traços mnêmicos do passado no inconsciente

A tradição atuante ocorre aos sujeitos pelas existências de traços mnêmicos do passado no inconsciente. O traço mnêmico daquilo que foi experimentado bastante cedo fica conservado, cada qual sabe disso em sua vida, e na experiência de análise pode-se demonstrar como algo que foi esquecido pode novamente aparecer após algum tempo. Porque o esquecido não foi apagado, apenas recalado, seus traços mnêmicos estão presentes com todo o seu vigor e isolados contra investimentos. Freud (1939/2018, p. 133) observa que são inconscientes, por isso não podem entrar em relação com os outros processos intelectuais: estão inacessíveis a consciência. Podemos dizer que pedaços do material recalado tenham escapado ao processo e permanecem acessíveis à lembrança e à consciência; mas também podem encontrar-se isolados – tal como corpos estranhos sem ligação com o resto. Contudo, outra possibilidade é que o recalque se faça por completo. Freud sistematizou a forma de

operar o recalque, os restos sempre se movimentam e note-se que o recalque se apresentou nesse aspecto de movimento, arrebatamento,

O recalque mantém seu ímpeto, seu esforço de penetrar na consciência. Ele alcança sua meta sob três condições: 1) quando a força do contra investimento é diminuída por processos patológicos que atingem o outro, o assim chamado Eu, por outra distribuição das energias de investimento nesse Eu, como acontece regularmente no estado de sono; 2) quando os elementos instintuais ligados ao recalado tem um esforço especial, do qual o melhor exemplo são os processos que ocorrem na puberdade; 3) quando na experiência de vida recente, a qualquer instante, surgem impressões e vivências tão semelhantes ao recalado que conseguem despertá-lo. Então, a experiência recente é reforçada pela energia latente do recalado e este passa a agir atrás da experiência recente, com a ajuda desta. Em nenhum desses três casos o até então reprimido entra na consciência de forma suave e sem alterações, mas sempre tem de admitir deformações, que atentam a influência da resistência não inteiramente superada que parte do contrainvestimento ou a influência modificadora da vivência recente, ou ambas (FREUD, 1939/2018, p. 135).

O leitor de psicanálise sabe que a demonstração de Freud é rigorosa e detalhada, por isso não foi suficiente o critério de que o recalado é inconsciente, assim como os critérios para processos conscientes e inconscientes, que pertencem ao Eu e recalado, mas a elaboração de uma “topologia psíquica”. Sabe-se que todo recalado é inconsciente, mas não é correto que tudo o que pertence ao Eu é consciente. Notamos que a consciência é fugaz ligada a um processo psíquico de forma passageira, nesse sentido que Freud (1939/2018, p. 135-137) propôs substituir “consciente” por “capaz de consciência”, e chamamos essa qualidade de “pré-consciente”. Não por acaso o Eu é essencialmente pré-consciente (virtualmente consciente) com partes inconscientes. As qualidades não são suficientes, trata-se que a distinção *topológica* e *genética* ao mesmo tempo foi introduzida como outra que não é qualitativa. A psique é um aparelho composto de várias instâncias, províncias, distritos, o Eu e o Isso. No Isso sabemos que vigoram leis diferentes das que predominam no Eu, que por lá transcorrem os processos inconscientes, que é anterior, e note-se que o Eu se desenvolveu a partir dele por efeitos do mundo externo, porém contém partes que permaneceram inconscientes. Freud construiu exatamente a partir dessas diferenças uma nova concepção. O recalado pertence ao Isso, está sujeito aos mesmos mecanismos, diferencia-se quanto à gênese. Essa diferenciação ocorre cedo, enquanto isso o Eu se desenvolveu a partir do Isso, de modo que uma parte do Isso foi acolhida no Eu em estado pré-consciente, enquanto outra parte não é afetada e permanece no Isso como “propriamente inconsciente”. Porém, na formação do Eu, alguns processos psíquicos são excluídos pela ação de processos de defesa,

perdem a característica pré-consciente e são novamente reduzidos a componentes do Isso, são recalçados no Isso. As trocas entre as províncias psíquicas ocorrem de forma que um processo inconsciente no Isso que é elevado ao pré-consciente do Eu pode fazer o caminho inverso até o Isso. Note-se que no Eu é também delimitada uma região que é o Supereu. O que não se sabe diz respeito à *dinâmica* dos processos psíquicos, ou seja, o que diferencia uma ideia consciente de uma pré-consciente, e esta de uma inconsciente, pode ser uma modificação, talvez uma distribuição de energia psíquica.

Demonstrou-se os investimentos, superinvestimentos, mas não dispomos de nenhum conhecimento para uma hipótese de trabalho; sabe-se que fenômenos de consciência se ligam à percepção, e os fenômenos da percepção são conscientes. Processos de pensamentos ou semelhantes no Isso são inconscientes em si mesmos e podem adquirir consciência ao se vincularem a resíduos mnêmicos de percepções visuais e auditivas pela via da fala, da linguagem. As impressões dos primeiros traumas vivenciados pelo próprio sujeito são transportadas para o Isso, e tem seus resíduos mnêmicos inconscientes e que agem no Isso.

7.4 Acontecimento filogenético: o passado vivido e o não vivido

Enquanto isso, surgiu uma nova complicação para Freud (1939/2018, p. 135-137) e nós outros, trata-se da perspectiva de que na vida psíquica dos sujeitos podem estar ativos não apenas conteúdos vivenciados por eles próprios, porém inatos – elementos de origem filogenética, atemporal [*zeitlos*], a *herança arcaica*. Não se poderia deixar de remeter o leitor ao “plasma germinal” citado no capítulo 4.3, é dotado de células derivadas das anteriores: se replica, se perpetua ao longo de gerações, e constitui o elemento imortal da substância viva. Mas em que consiste, o que contém, quais são as evidências? O trabalho psicanalítico revelou outras coisas, no estudo das reações ao trauma da primeira infância, surpreende que os elementos não estão restritos estritamente ao que o sujeito vivenciou, mas que se apresentam mais como um “acontecimento filogenético” (p. 139). Nota-se como fator “constitucional” (p. 138). Determinadas ocorrências na infância que parecem injustificadas tornam-se compreensíveis filogeneticamente pela ligação com vivências das gerações antigas. O que Freud demonstrou durante esta investigação é que a herança arcaica compreende não somente predisposições, mas também conteúdos, traços mnêmicos de vivências das gerações antigas.

Com efeito, a abrangência e o significado da herança arcaica aumenta de forma significativa. O que foi o passado não se pode apagar? Freud advertiu sobre o material que se conserva ao lado. São sobrevivências em aspectos de imutabilidade e *Zeitlosigkeit*, a interpenetrabilidade dos tempos nas instâncias psíquicas, as não-vivências filogenéticas que podem nunca chegar à consciência, e ainda assim são capazes de fortes efeitos. Sabemos um pouco sobre isso, sobre o retorno invariável do mesmo, introduzimos ainda a irreparabilidade daquilo que passou.

Caso contrário poderíamos construir uma máquina do tempo e viajar para interpelar as coisas que vivemos e que não vivemos no passado, mas, no psíquico, as coisas não se passam assim, pois o inconsciente já é feito por processos atemporais. Lacan (1953/2008 p. 319) em *Função e campo da fala e da linguagem* definiu a morte como sendo o limite da função que constrói o passado histórico do sujeito. Que morte? Aquela que está presente a cada instante em que a história tem de acabado, e representa o passado sob sua forma real. Ou seja, o passado que se manifesta revertido na repetição que vem substituir o recurso impróprio ao “eterno retorno”. A forma acabada do passado é aquilo que não pode ser apagado, modificado, remanejado é assim um fato capaz de irreversibilidade. O que o torna refratário, ou seja, insubmisso a remanejamentos *a posteriori*. Repetem-se vivências filogenéticas primevas, escreveu Freud (1940/2019, p. 177). Vamos examinar como o psicanalista buscou esclarecer um pouco mais a questão da topologia psíquica e das vivências filogenéticas. O Supereu desempenha o papel de mundo exterior para o Eu, isto porque representa a influência dos tempos de infância, do cuidado, da educação e dependência parental. Mas, o que queremos identificar é que não age somente sobre os caracteres pessoais, mas também sobre tudo o que teve efeito determinante, tendências e exigências da situação social em que viveram, as disposições e tradições do povo de que se descende. O mundo exterior em que os sujeitos estarão expostos após se desligarem de seus pais representa o tempo presente, do Isso participam as tendências herdadas, o passado orgânico, e o Supereu representará sobretudo o passado cultural. Uma parte das aquisições culturais por certo deixou um precipitado no Isso, muito do que traz o Supereu despertará ecos no Isso. O que a criança vivenciou como novidade tem o efeito reforçado porque “repete vivências filogenéticas primevas”. Nessa questão do tempo novamente o poeta não idêntico a si mesmo pode ter a palavra: “O que

herdastes de teus ancestrais ⁵²conquista-o para fazê-lo teu”, referência feita por Freud (1940/2019, p. 177) à passagem de Goethe em *Fausto*. O supereu tem esse papel também de intermediário entre o Isso e o mundo exterior, pois unifica em si as influências do presente e do passado; lá vivenciamos a forma como o presente é transposto em passado.

No entanto, o leitor poderia solicitar para detalharmos em análise que diferenças que se passam no Isso por representar os efeitos do passado – porém hereditários, e o Supereu por representar os efeitos do passado – porém recebidos do outro, a cultura. Não se pode esquecer dos ecos e de que fronteiras são móveis, pouco nítidas e porosas. Para Jan Assmann, egiptólogo e teórico da cultura (2021, p. 163) em *O preço do monoteísmo*, trata-se em Freud de um voto claro a favor da biologia, e contra a cultura. Nesse sentido, as leituras divergem, pois na topologia psíquica demonstrada por Freud o passado em forma de cultura foi claramente considerado, estudado e sistematizado ao lado do acontecimento filogenético.

7.5 A tradição, o passado de um povo é herdado e não transmitido por comunicação

“Quem sobreviveu necessariamente tem a ver com os mortos ou, ao menos, com um morto dentro de si. Mas nesse sentido, não seria todo o humano um sobrevivente, não seria isso o que define o ser humano em relação a outros vivos, o fato de ele ter constitutivamente a ver com o passado e com os mortos?”
(AGAMBEN, 2021, P. 72)

Desse instante em diante analisaremos como Freud complicou um pouco mais as coisas, não sem a advertência de que a atemporalidade é o aspecto mais assombroso do Isso. As sobrevivências atemporais [*Zeitlosigkeit*] de uma tradição do passado em um povo referem-se a pedaços precipitados de uma tradição herdada, não a uma transmissão por comunicação, mas isso apresentou dificuldades ao campo da biologia, que rejeitou a transmissão hereditária de caracteres adquiridos. O que dizer sobre a comunicação, e como difere de cultura? Quando supomos a sobrevivência de “traços” [note-se, não um bloco ou um absoluto] mnêmicos na herança arcaica, acabamos com o abismo entre psicologia individual e psicologia das massas, e podemos tratar os povos como tratamos os sujeitos. Note-se antecipadamente que prossegue nessa investigação de Freud introduzir a noção de inconsciente na psicologia das massas. São os “fenômenos residuais” do trabalho analítico

⁵² Verificou-se na N.E. que Goethe utilizou *Väter* substantivo masculino pai no plural no sentido de **ancestrais**, e não a palavra *Eltern* [pais] no sentido de par parental. Por isso “ancestrais”.

examinados no capítulo sete desta dissertação que derivam da filogênese, prova forte o bastante para este postulado de existência de traços mnêmicos de herança arcaica. Outro aspecto crucial deste argumento é que a psicanálise diminuiu o abismo entre o ser humano e os animais, especulado em épocas passadas. De fato, o instinto dos animais desde o princípio lhes permite se comportar, a cada nova situação de vida, como se fosse velha e familiar, pois trazem consigo as experiências da espécie para a nova existência própria, isto quer dizer que conservam dentro de si experiências que seus antepassados viveram. O que se demonstrou é que no animal humano isso não é em absoluto diferente, de maneira similar os instintos animais correspondem à herança arcaica humana, mesmo que de conteúdos diferentes. Em poucas palavras seres humanos sempre souberam que um dia tiveram um pai primevo e que o mataram. Mas, em que condições a lembrança entra na herança arcaica? Por um acontecimento importante o suficiente ou pela repetição deste acontecimento, o parricídio é um exemplo. E em que circunstâncias pode estar ativa, avançar do inconsciente no Isso à consciência, problematizou Freud, trata-se do **despertar** mediante uma repetição real recente do acontecimento, do traço mnêmico esquecido. Nota-se ainda que uma tradição baseada apenas na “comunicação” não poderia criar o caráter compulsivo que é próprio dos fenômenos religiosos.

De fato, sabemos que seria ouvida, julgada e possivelmente rejeitada e como qualquer outra ocorrência não estaria subordinada e não teria o privilegio de se libertar da coação do pensamento lógico. Por outro lado, precisa experimentar o recalque, o estado de permanência no inconsciente e no retorno produzirá efeitos tão poderosos capazes de arrebatam massas, por exemplo temos a religião. Mas é preciso acrescentar o elemento de não-sentido sinalizado pela estranheza do resto de passado não vivenciado, lembrando ainda que relações de causa e efeito não são diretas, a psicanálise trabalha com o que foi deixado de lado, e fantasmas subestimados e não observados – do refúgio⁵³ (*refuse*) – para intuir o que não está sob os olhos (FREUD, 1914/2021, p. 197). Em uma das primeiras conferências Freud (1896/2023, p. 192) perguntou qual o método que devemos empregar para chegar ao conhecimento das causas, interpelação que pode ocorrer a qualquer psicanalista ou àqueles que sofrem numa trama atemporal [*zeitlos*]. No entanto, o que se descobriu foram respostas

⁵³ Refúgio é aquilo que sobra, que é posto ao lado, que não tem valor, a sucata, o lixo.

falseadas devido à falta de compreensão dos fatores etiológicos exatamente pela falácia do “*post hoc, ergo propter hoc*”, ou seja, “depois disso, logo por causa disso”, que é o erro de tomar como causa o que é apenas anterior. Porque uma cadeia de associações consiste em mais de dois elos e cenas traumáticas não formam uma série simples, mas conexões ramificadas. Tenha-se em conta que a psicanálise tem o interesse despertado pelas possibilidades de não-vivido, pelo resto sobrevivente irrepresentável e pelo irreparável. Neste sentido, poderíamos inferir que o aspecto de estranheira pode ser o que torna um sujeito desigual a si mesmo, não só, ressalta-se que Freud demonstrou que são “traços” e isso aproxima o que sobrevive [acontecimento filogênese] de restos, vestígios e fantasmas capazes em sua potência de forte efeito.

Podemos inferir que o pedaço de algo que sobrevive traz consigo uma cisão comprovada pelo próprio fato de ter sobrevivido. Constitutivamente tem algo a ver com o passado e com os mortos [objetos perdidos], tal como no trecho de epígrafe citado a partir de Agamben. Para exemplo, o forte efeito que causou Gradiva ou Moisés de Michelangelo, mas precisamente por serem restos que se encontram afastados de um absoluto e isso os aproxima de certa estranheira capaz de radicalmente dividir os sujeitos, inclusive em uma perspectiva de tempo – atemporal [*zeitlos*]. A experiência de análise, nesse sentido, se faz também por uma operação na dimensão atemporal da topologia psíquica. O ponto de interseção é o sujeito falante entre tempos intermitentes. Por tal motivo, arriscamos a inferir a hipótese de que a filogênese, em seu aspecto de não-vivido proveniente do passado, é cicatriz capaz de cindir os sujeitos.

7.6 Sobredeterminação e a distância no tempo como fator determinante

Isso nos fez caminhar na direção de lembrar a importante diferença entre a topologia psíquica e a organização do mundo, esta última apreendida por meio do pensamento. Para a necessidade de se estabelecer causas basta que cada acontecimento tenha uma só causa verificável, mas isso dificilmente ocorre. Pois cada acontecimento é “sobredeterminado” e se mostra como efeito de várias causas convergentes. Freud (1940/2019, p. 21), em seu *Compêndio de Psicanálise*, explicou que o ponto comum entre o Isso e o Supereu é representar os efeitos do tempo passado, para o Isso se trata de efeitos hereditários, e para o

Supereu de efeitos recebidos dos outros, daí decorre que o Eu é determinado pelo diretamente vivenciado, o acidental e o atual. Como sabemos, se o Isso faz uma exigência pulsional de natureza erótica ou agressiva, o Eu, que tem à disposição os aparelhos intelectual e muscular, atenderá essa demanda através de uma ação. Satisfazer a pulsão será percebido como prazer, mas renunciá-la é fonte de desprazer. Por sinal, a renúncia pulsional devido a algum impedimento externo ou em obediência ao princípio de realidade nunca será prazerosa, por consequência, uma duradoura tensão, se não fosse possível diminuir a intensidade da pulsão por deslocamentos de energia. A renúncia pulsional também pode ocorrer por razões internas, parte das potências inibidoras do mundo externo é interiorizada, forma-se no Eu a instância que, observando, criticando e proibindo, se contrapõe ao resto – falamos do Supereu. O Eu, antes de satisfazer as pulsões requeridas pelo Isso, precisará considerar os perigos do mundo externo, e também objeções do Supereu. Ocorre aqui uma diferença, a renúncia pulsional por razões externas é causa de desprazer, porém aquela por razões internas – determinações do Supereu – tem efeitos econômicos diversos. Ou seja, além do inevitável desprazer, proporciona ao Eu um ganho de prazer, uma satisfação substituta. O mecanismo desse ganho de prazer se faz quando o Eu concede ao Supereu o sacrifício da renúncia pulsional, e espera como recompensa ser mais amado por ele. Lembremos enfim, aqui, que no tempo em que a autoridade ainda não estava interiorizada como Supereu as relações entre a ameaça de perda do amor e a exigência pulsional eram as mesmas: segurança e satisfação quando, por amor aos pais, fazia-se uma renúncia pulsional. A religião de Moisés não produziu efeitos imediatos, de forma indireta, mas isso não significa que não teve efeitos diretos. Nosso ponto é que o povo judeu, após certo tempo, rejeitou novamente a religião de Moisés, mas isso não a fez desaparecer sem deixar vestígios, um tipo de lembrança se conservou, obscurecido e deformado, trata-se de uma tradição do passado que prosseguiu atuando. Freud demonstrou a ocorrência de processos semelhantes, em outras metáforas, na vida psicanalítica entre o patológico e a vida normal - isso não importa, pois as fronteiras entre os dois não são tão nítidas e os mecanismos são os mesmos. Cabe então observar se ocorrem no próprio Eu ou se contrapõem como algo alheio, como os sintomas. Como destroços abandonados pela maré, o que foi abandonado, repudiado e até mesmo sobrecompensado termina por se impor novamente de forma determinante e inequívoca. Para exemplo Freud demonstrou nesses fragmentos de histórias clínicas,

Tomemos uma jovem que se colocou em decidida oposição à mãe, que cultivou todas as características de que sente falta nela e evitou tudo o que lembra ela. Podemos acrescentar que antes, como toda menina, identificara-se com a mãe, e agora se rebela fortemente contra ela. Mas quando essa jovem se casa, tornando-se ela própria esposa e mãe, não devemos nos admirar de ver que ela começa a parecer cada vez mais com a mãe hostilizada, até que finalmente a superada identificação com a mãe se restabelece de forma inequívoca. [...] Um jovem, que teve o destino de crescer junto a um pai desprezível, tornou-se primeiramente, apesar desse pai, um homem capaz, confiável e honrado. No apogeu da vida, seu caráter mudou e ele passou a agir como se tivesse tomado esse mesmo pai por modelo (FREUD, 1939/2018, p. 173).

E se a ficção científica for também feita de acontecimentos filogenéticos? Para Ray Bradbury⁵⁴ o processo criativo surge, não do pensamento, mas da experiência registrada e esquecida de cada sujeito, o que exige do escritor partir de efeitos inconscientes que serão o argumento para uma escrita retirada de suas vivências. Para exemplo, quando criança, ao percorrer um corredor escuro pela necessidade agoniada de ir ao banheiro no andar de cima enquanto no alto da escada estava a coisa, ou a história de baile contada pela avó. O bebê era eu, isso me fez lembrar de um pesadelo ocorrido no passado, escreveu Bradbury (2020, p.34-41). Era sobre nascer, lembro de estar deitado em um berço, com três dias de idade, chorando ao saber que fui mesmo cuspidado para o mundo; a pressão, o frio, os gritos na vida, me lembrei do peito da minha mãe. “Lembro-me do médico, no quarto dia da minha vida, curvando-se sobre mim com um bisturi para fazer uma circuncisão. Eu lembrei, eu lembrei.” Por efeito, troquei o título de “O bebê” para “O pequeno assassino”. Essa é a maneira de dizer que para Bradbury a escrita em ficção científica guarda sobrevivências, ruínas, restos, rastros e vestígios da infância latente do escritor: “Vivi a história, ou parte dela, desde a primeira hora da minha vida em diante, e somente me lembrei dela e a datilografei aos meus vinte e poucos anos.” (p. 34). Alguém pode interpelar porque Ray Bradbury – um colecionador de dinossauros entrou nesse parágrafo, de modo breve podemos responder que serve ao exercício clínico, mas também a partir de Freud (1939/2018, p. 174) que para as questões sobre o tempo se trata de dar ao poeta a palavra.

Freud introduziu que o sentido das figuras com as quais E.T.A. Hoffmann trabalhou em suas criações estavam nas impressões que ocorreram na viagem de várias semanas de

⁵⁴ Ray Bradbury nunca desistiu de sua primeira decisão, aos onze anos de idade, quanto à carreira, que era viajar pelo mundo com suas ilusões, a segunda foi ao ganhar de natal uma máquina de escrever. Assim criou mundos do futuro no papel muito parecidos com os mundos que experimentou outrora. Autor de *Fahrenheit 451*.

carruagem quando ainda era criança de peito. O que crianças vivenciaram jamais podem recordar, exceto em sonhos. Apenas no processo de análise se constrói o ocorrido, mas em algum momento posterior isso vai irromper na vida com impulsos obsessivos, irá impor-lhe simpatias e antipatias, dirigir seus atos, decidir sobre a escolha amorosa, coisas que muitas vezes não tem uma explicação racional. “A distância no tempo, aqui vista como o fator propriamente determinante” (p. 174), e nessa questão do tempo, o poeta [*Dichter*] pode ter a palavra, assim Freud (1939/2018, p. 174) nos apresenta esse gesto em direção ao poeta. O poeta ao qual Freud se referiu é Goethe em trecho na Nota de rodapé 68, mas também em “O prêmio Goethe” de 1930. Em “Discurso na casa de Goethe” para Freud (1930/2021, p. 310-311) Goethe não teria repudiado a psicanálise, conheceu as incomparáveis forças das primeiras ligações afetivas das crianças, e as fortes atrações amorosas experimentadas na maturidade que explicou a si mesmo enquanto clamava pela amada: “Ah, tu fostes em tempos já vividos minha irmã ou minha mulher”. Outro aspecto presente nesse discurso é que Freud, ao falar de como construiu o trabalho de sua vida, dirá que observou as mais sutis perturbações para intuir como é construído o aparelho psíquico e quais forças agem em conjunto ou contraposição. Essa marca da contradição para o aparelho psíquico é o que nos remete a inferir novamente que se algo sobrevive, aqui estamos mesmo articulando com a filogenética, com a atemporalidade [*Zeitlosigkeit*] de materiais inconsciente e com o tempo passado, sendo esta uma característica indispensável ao psíquico. A distância entre os tempos é a própria diferença, entre tempos que se interpenetram de modo atemporal, sobreviver contém uma ambiguidade impossível de não se expressar.

7.7 A cicatriz e um pedaço de verdade no retorno do passado não-vivido

Esboça-se aqui que os mecanismos que levam à formação da neurose contribuem para fenômenos que Freud esperou encontrar como metáfora para a vida psíquica de um povo [tradição]. Será que podemos arriscar a inferir que o ensaio o *Homem Moisés e a religião monoteísta* trata em parte de uma metáfora, para explicar a complexidade da topologia psíquica e do acontecimento atemporal filogenético? Já observamos que acontecimentos decisivos ocorreram no primeiro período da infância, e a primeira consequência que pode ser extraída dessa vivência é que a pulsão exige satisfação. O Eu recusa essa satisfação, ou porque é paralisado pela magnitude da exigência pulsional ou porque percebe nessa exigência algum perigo, e assim se defende pelo processo de repressão. Assim, o impulso pulsional é inibido de alguma forma e as circunstâncias de percepções e ideias também são esquecidas. Mas o processo não se finda aqui, a pulsão ou manteve sua força ou é novamente despertada por uma nova circunstância. Então, renova-se a reivindicação e como a via normal para a satisfação se encontra fechada pelo que vamos nomear de “cicatriz” da repressão, em algum lugar num ponto fraco se abre outra via para “satisfação substituta”, ou seja, o sintoma, sem anuência ou compreensão do Eu. Nota-se que todos os fenômenos da formação de sintomas podem ser descritos como “retorno do recalcado”, mas a especificidade é a ampla deformação que sofreu aquilo que retorna, caso confrontado com o original. Freud observou que, no final, afastou-se da semelhança com a tradição, mas não é exatamente algo para se lamentar, se desse modo nos aproximamos dos problemas da renúncia pulsional.

Estamos no ponto de não tradução entre a vida psíquica e a “tradição” de um povo, entre inconsciente e psicologia das massas. Freud (1939/2018, p. 176) demonstrou a que ponto a religião de Moisés produziu efeitos no povo judeu apenas ao se tornar uma “tradição”. Compreendemos que o homem primitivo necessita de um deus como criador do mundo, chefe de um clã, protetor pessoal. Esse deus tem seu lugar por trás dos pais falecidos, dos quais a tradição ainda pode dizer algo. Nota-se que o homem contemporâneo opera da mesma forma, infantil e carente de proteção, mesmo como adulto, sem prescindir do amparo de um deus. Mas o que não é fácil é compreender o avanço do henoteísmo ao monoteísmo, sabemos que aquele que crê participa da grandeza de seu deus e quanto maior, maior é a proteção, mas o poder de um deus não tem exatamente uma pressuposição de que seja único. Para muitos

povos a existência de outros deuses não era importante. A ideia de que um único deus ocasionou efeito sobre os homens porque é essa parte da verdade *eterna* que veio à luz e fascinou a todos, encontra contradições porque nosso intelecto engana-se fácil e sem aviso, nessa solução se encontrou a verdade *histórica* e não a *material*. Em tempos primitivos houve uma única imensa pessoa e que depois em **distância temporal** retornou elevada a condição de divindade na memória dos homens. Resulta necessário supor, continuou Freud, que a religião de Moisés foi inicialmente rejeitada e semi-esquecida, e depois irrompeu como “tradição”; mas o processo se repetiu pela segunda vez. No momento em que Moisés levou ao povo a ideia de um deus único, não se tratava de algo novo, mas sim da reanimação de uma vivência importante, grave e que deixou marcas então desaparecidas da consciência dos homens, então comparável a uma tradição.

A psicanálise ensinou que as primeiras impressões vivenciadas em um tempo no qual a criança mal sabia falar manifestam efeitos sem que sejam lembradas conscientemente, e com isso Freud também forma uma hipótese que acontece para as primeiras vivências da humanidade. O caráter obsessivo é válido para destacar que é necessário que se acredite no material insurgente, que se tenha fé. A ideia que porta o retorno do passado temos de denominá-la como **verdade**, e na medida em que é deformada, pode ser caracterizada como **delírio**, mas também o delírio psiquiátrico contém um pedacinho de verdade, bem sabemos disso.

O passado precisa ser adquirido? Freud estava certo, os crocodilos ainda vivem entre nós. Não usamos aqui o termo recalque em seu sentido próprio, pois trata-se de algo do passado, desaparecido, superado na vida dos povos, de que buscamos semelhanças ao que é recalcado na vida dos sujeitos. Vale a pena insistir que o retorno do recalcado se faz de forma lenta, não de maneira espontânea, e sob influências de mudanças nas condições de vida que constituem a cultura. No entanto, não foi fácil para Freud transpor conceitos da psicologia do indivíduo para a psicologia das massas, e de nada adiantaria introduzir um conceito de inconsciente coletivo, pois o teor do inconsciente é sempre coletivo – patrimônio universal dos humanos. Os processos que ocorrem e que estudamos na vida dos povos são similares aos processos de psicopatologia, porém, não podemos dizer que sejam exatamente os mesmos. Aqui impõe-se uma observação para o mecanismo filogenético, é preciso considerar que

precipitados de tempos passados tornam-se herança, necessitando apenas serem despertados, e não adquiridos a cada nova geração. (FREUD, 1939/2018, p. 182). Mas Freud empenha-se em introduzir como exemplo o simbolismo “inato” existente desde os tempos de desenvolvimento da linguagem, em todas as crianças de povos e línguas diferentes. Pois, aqui nesta análise freudiana verificou-se que crianças não reagem de forma que corresponde a suas vivências, mas instintivamente [*instinktmässing*] tal como os animais, e isso somente se explica por aquisição filogenética. Seria interessante perguntar a Freud as condições desse despertar e os mecanismos inconscientes do passado filogenético. Por fim, restou a pergunta sobre a importância da atemporalidade para a constituição do sujeito.

Considerações finais

Partimos da questão de como Freud se utilizou de metáforas para construir uma teoria dos tempos, para isso foi necessário identificar, descrever, localizar e às vezes interpretar essas metáforas em seus aspectos de tempo e atemporalidade. Em alguns casos se fez incluir o que não era metáfora. Notem que as metáforas freudianas operam no próprio limite do gesto em que falham, por exemplo, Roma é inapropriada, o Bloco Mágico só funcionaria se fosse realmente mágico, e o trabalho do arqueólogo não é como o objeto da psicanálise. No decorrer da pesquisa, o exemplo que se mostrou mais claro se verificou na dobradiça entre os textos da *Carta 52* [1896], *Psicopatologia da vida cotidiana* [1904], *O Mal-Estar na Cultura* [1930], *Conferência 31: A dissecação da personalidade psíquica* [1933], *A análise finita e a infinita* [1937] e *O homem Moisés e a religião monoteísta* [1939]. O fio condutor se inicia pela hipótese metapsicológica de que o mecanismo psíquico advém de sobreposições de camadas. As sobreposições de camadas examinadas na *Carta 52* se reorganizam de tempos em tempos, podem se atualizar e passar por modificações em outros momentos da vida. Não podemos deixar de dizer da região dos *fueros* e as sobrevivências em sua inerente possibilidade de atemporalidade. No *Mal-Estar na Cultura* observamos que a metáfora arqueológica das sobreposições de camadas do passado dispostas em uma região “ao lado” ganhou complexidades. Pois, além das sobreposições que se reorganizam, é preciso indagar daquilo que não sofreu transformações ao longo dos tempos, este é um dos problemas principais: como dispor ao mesmo tempo [lado a lado] o passado e os elementos do passado transformados? Para Freud, restos vivos inalterados do passado são uma regra, não uma exceção, assim, apresentou a Cidade de Roma, o corpo humano, os *Equissetos* e o crocodilo

como metáforas da impossibilidade de se representar o passado “ao lado” do que dele surgiu por transformações. Mas isso não faz as coisas deixarem de existir.

Notem neste recorte um elemento que é o passado imutável e outro que é aquilo que sofreu transformações a partir do material deste passado. Como pensar a pergunta inicial sobre o paradoxo de algo que é atemporal [zeitlos], mas que “de tempos em tempos” é reorganizado, reescrito? Em *Psicopatologia da vida cotidiana* foi possível isolar a notável interpretação de Freud na qual apresentou que o aspecto mais importante e assombroso da fixação psíquica é que impressões são conservadas da mesma forma como foram recebidas, e mesmo que se reorganizem em tempos posteriores [*a posteriori*], podem ser recuperadas, mesmo que seus elementos tenham sido trocados e vínculos originários tenham sido perdidos. Essa é uma relação que não se pode ilustrar por nenhuma comparação de outra esfera – nesse ponto podemos inferir mais uma vez, por exemplo, o gesto em que Freud demarcou limites nas próprias metáforas das quais se serviu. A presença do material que fixa residência “ao lado” também se verificou em *A análise finita e a infinita*, problema este que parece topológico, pois a qualquer tempo partes de uma organização anterior continuam existindo **ao lado** da mais recente. Uma transformação nunca ocorre de forma completa, isto quer dizer que na configuração definitiva podem continuar existindo **restos** das antigas fixações. Não há nenhuma das acepções humanas supostamente superadas que não tenha deixado vestígios, que não continue entre nós hoje, tal como os crocodilos, e nas camadas dos povos. Notem neste texto a definição de “restos” para partes que continuam existindo ao lado. Para inserir a *Conferência 31: A dissecação da personalidade psíquica*, lembremos ainda da peculiaridade de que muitas impressões nunca foram além do Isso, e se mantém, mesmo após décadas, como se tivessem acabado de surgir; nesse sentido são imortais e passíveis de imutabilidade. O que levou Freud a afirmar em *O homem Moisés e a religião monoteísta* que diversas ocorrências têm relação com vivências das gerações anteriores, a herança arcaica não é feita somente de predisposições, mas de conteúdos [traços mnêmicos] das experiências de gerações passadas. O que se observou foi uma retomada da ideia de “plasma germinal” apresentada em *Além do princípio de prazer*, o que não morre propriamente, o elemento imortal da substância viva, que se replica e se perpetua ao longo das gerações. Os sujeitos podem ser constituídos por precipitados de traços e pedaços de um passado do qual se viveu e também pelo passado não-

vivido, e isso tem efeitos determinantes nas escolhas de trabalho, nas repetições, transferências, no amor, no que faz atormentar e sentir dor.

Há ainda este fato importante de que o passado não se restringe ao que o sujeito diretamente vivenciou. Esse é um detalhe da descoberta de Freud: o trauma não-experimentado. Tendências, exigências culturais e tradicionais em que viveram os antepassados podem provocar efeitos na vida de agora. Não se trata, aqui, do conhecimento do passado como um fim em si, de qualquer forma de nostalgia ou de incorrer em uma leitura ambientalista, mas exatamente de dificuldades que a atemporalidade do inconsciente podem colocar ao tratamento analítico e dos efeitos na vida cotidiana de cada um. A importância e a abrangência com que Freud demarcou esse assunto se verificam na afirmativa de que não tem sentido afirmar que se pratica a psicanálise quando não se investiga o tempo passado. Com efeito, os elementos de atemporalidade podem ser reconhecidos como passado e privados de investimentos somente na experiência de uma análise, e, é essa a base de efeitos terapêuticos. Freud já tinha essa preocupação ao dizer que tiramos pouco proveito do indubitável fato da imutabilidade do recaiado através do tempo. Esse ponto é fundamental para a leitura de como a atemporalidade está diretamente implicada nos efeitos de uma experiência de análise e de como os sujeitos sofrem. Quanto à posição do analista, podemos apenas afirmar que: “... nesse caso, ele precisa comportar-se de modo tão ‘atemporal’ quanto o próprio inconsciente, caso queira aprender a alcançar algo”. (1918/2021, FREUD, P. 635). A partir dessas análises a hipótese de precipitados de vestígios herdados é fundamental para pensar a questão da atemporalidade, e até mesmo inferir que a atemporalidade é um fator do “acontecimento filogenético” no sentido mesmo de acontecimento que ocorre em um tempo atemporal. Como a atemporalidade pode marcar um corpo? Não por acaso, verificamos que traumas são vivências sofridas no corpo, poderíamos dizer de um acontecimento atemporal de algo na pré-história dos sujeitos. Porém, o acontecimento filogenético não se restringe ao que foi vivenciado. Então, do que é feito um corpo?

Lembremos ainda desta importante demonstração freudiana de que um elemento referente ao mecanismo filogenético não precisa ser adquirido a cada tempo, a cada geração, a cada corpo; basta que seja despertado. Como é possível interromper um efeito de acontecimento filogenético? Até que ponto é o acontecimento filogenético que interrompe o

sujeito? Sentimos que não esgotamos esse assunto, que gostaríamos de colocar algumas perguntas para a questão filogenética. Como o acontecimento filogenético tomado como fator constitucional [de estrutura] tem efeitos no conceito de sujeito? Por fim desta primeira investigação, podemos ainda inferir um detalhe importante que a atemporalidade tomada como imutabilidade é capaz de efeitos, pois é preciso ter em alta consideração o aspecto “vivo” mesmo que em um elemento inalterado. Talvez, este seja o sentido antitético da atemporalidade, em detalhe: do resto, do vestígio, do fantasma do passado de todos nós e de onde estamos inseridos, mas também de onde nem imaginávamos que estávamos. Possível apenas por construção. Mas isso não é sobre o passado, e arriscamos inferir que é também sobre o Real que em Lacan (1976/2007, p. 119) é sempre um pedaço, um carço; e a pulsão de morte é o Real na medida em que só pode ser pensado como impossível. Do ponto de vista da pulsão, em Iannini (2024, p. 172) a especificidade do inconsciente freudiano se mostra em toda sua radicalidade apenas quando articulada à clínica e ao conceito de pulsão, pois Freud priorizou o conceito de pulsão. Por fim, crocodilos, dragões, *equissetos* e as aranhas de Nietzsche, ainda vivem entre nós:

“Essa lenta aranha que se arrasta à luz da lua, e essa luz da lua propriamente dita, e você e eu sussurrando no portão, sussurrando a respeito de coisas eternas, será que já não coincidimos no passado? E será que não coincidimos uma vez mais no longo caminho, nesse longo e trêmulo caminho, será que não o percorremos eternamente? Assim falava eu, em voz cada vez mais baixa, porque meus pensamentos e os pensamentos que estavam detrás deles me davam medo”. (NIETZSCHE APUD BORGES, 1936/2010, P. 67)

Referências bibliográficas

- Agamben, Giorgio. (2008). O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha (Homo Sacer III). Tradução Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo.
- Agamben, G. (2015) O que é o contemporâneo. In: _____. Nudez. Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- Agamben, Giorgio. (2021) *Quando a casa queima*. Belo Horizonte: Editora Âyiné.
- Agamben, Giorgio. (2021b) *Studiolo*. Belo Horizonte: Editora Âyiné.
- Assmann, Jan. (2021) O preço do monoteísmo. Tradução Markus Hediger, Marijane Lisboa. Rio de Janeiro: Contraponto.
- Aristóteles. (2017). Poética. Edição bilingue. Tradução: Paulo Pinheiro. São Paulo: Editora 34.
- Assoun, Paul-Laurent. (1978). Freud: a filosofia e os filósofos. Tradução: Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves.
- Assoun, Paul-Laurent. (1996). Metapsicologia Freudiana: uma introdução. Tradução: Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Assoun, Paul-Laurent. (2002). Le Vocabulaire de Freud. Paris: Ellipses Édition Marketing S.A.
- Blumenberg, Hans. (2013). Teoria da não conceitualidade. Tradução: Luiz Costa Lima. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Badiou, Alain. (2013). Elogio ao amor. São Paulo: Martins Fontes.
- Barthes, R. (2003). Fragmentos de um discurso amoroso. [Tradução Márcia Valéria Martinez de Aguiar]. São Paulo: Martins Fontes.
- Boni, Livio. (2014). Freud et la question archéologique. Paris: Éditions Campagne Première – Société de Psychanalyse Freudienne.
- Borges, Jorge Luis. (1936/2010). História da eternidade. São Paulo: Companhia das Letras.
- Bradbury, Ray. (2020) Zen na arte da escrita. Rio de Janeiro: Biblioteca Azul.
- Chaves, Ernani. (2021). O paradigma estético de Freud. In: _____. *Arte, Literatura e os Artistas*. Tradução: Ernani Chaves. Belo Horizonte: Autêntica. (Obras incompletas de Sigmund Freud).
- Didi-Huberman, Georges. (2011). Sobrevivência dos vaga-lumes. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Evaristo, Conceição. (2020). Ponciá Vicêncio. Rio de Janeiro: Pallas Editora.

Ferrari, Ilka; Calmon, Analícea; Teixeira, Antônio. (2017) *Semiologia da temporalidade e da espacialidade*. In: _____. *Psicopatologia Lacaniana I semiologia*. Belo Horizonte: Autêntica.

Freud, Sigmund. (1895/1995). Projeto de uma psicologia. Imago Ed.

Freud, Sigmund. (1896/2023). A etiologia da histeria. In: _____. Primeiros escritos psicanalíticos [1893-1899]. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras.

Freud, Sigmund. (1896/2021) Carta 112 [52], de 6 de dezembro de 1896. In: _____. Neurose, Psicose, Perversão. Tradução: Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica Editora. (Obras Incompletas de Sigmund Freud)

Freud, Sigmund. (1900/2019). A Interpretação dos Sonhos. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras.

Freud, Sigmund. (1901/2023). Psicopatologia da vida cotidiana. Belo Horizonte, MG: Autêntica. (Obras incompletas de Sigmund Freud).

Freud, Sigmund. (1901/2023). Determinismo, crenças no acaso e na superstição – considerações. In: _____. *Psicopatologia da vida cotidiana*. Belo Horizonte, MG: Autêntica. (Obras incompletas de Sigmund Freud).

Freud, Sigmund. (1907/2015). O delírio e os sonhos na Gradiva de W. Jensen. In: _____. O delírio e os sonhos na Gradiva, Análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos [1906-1909]. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras.

Freud, Sigmund. (1908/2021). O Poeta e o Fantasiar. In: _____. *Arte, Literatura e os Artistas*. Tradução: Ernani Chaves. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2021. (Obras incompletas de Sigmund Freud).

Freud, Sigmund. (1909/2015). O romance familiar dos neuróticos. In: _____. O delírio e os sonhos na Gradiva, Análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos [1906-1909]. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras.

Freud, Sigmund. (1910/2021) Sobre o sentido antitético das palavras primitivas. In: _____. Neurose, Psicose, Perversão. Tradução: Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica Editora. (Obras Incompletas de Sigmund Freud)

Freud, Sigmund. (1910/2013). Cinco lições de psicanálise. In: _____. Observações sobre um caso de neurose obsessiva [“O homem dos ratos”], uma recordação de infância de Leonardo da Vinci e outros textos [1909-1910]. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras.

Freud, Sigmund. (1912/2017) Sobre a dinâmica da transferência. In: _____. *Fundamentos da clínica psicanalítica* Tradução: Claudia Dornbusch. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2017. p. 365-382. (Obras incompletas de Sigmund Freud).

Freud, Sigmund. (1913/2017) Sobre o início do tratamento. *In: _____*. *Fundamentos da clínica psicanalítica* Tradução: Claudia Dornbusch. Belo Horizonte: Autêntica Editora. (Obras incompletas de Sigmund Freud).

Freud, Sigmund. (1914/2021). O Moisés, de Michelangelo. *In: _____*. *Arte, Literatura e os Artistas*. Tradução: Ernani Chaves. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2021. (Obras incompletas de Sigmund Freud).

Freud, Sigmund. (1915/2010). O inconsciente. *In: _____*. *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras.

Freud, Sigmund. (1915/2013). As pulsões e seus destinos. Tradução: Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2013. (Obras incompletas de Sigmund Freud).

Freud, Sigmund. (1915/2020). Considerações contemporâneas sobre a guerra e a morte. *In: _____*. *Cultura, Sociedade, Religião – O mal-estar na cultura e outros escritos*. Tradução: Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica Editora. (Obras Incompletas de Sigmund Freud)

Freud, Sigmund. (1916/2021). A transitoriedade. *In: _____*. *Arte, Literatura e os Artistas*. Tradução: Ernani Chaves. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2021. (Obras incompletas de Sigmund Freud).

Freud, Sigmund. (1918/2022) Da história de uma neurose infantil (caso Homem dos Lobos). *In: _____*. *Histórias Clínicas: cinco casos paradigmáticos da clínica psicanalítica*. Tradução: Tito Lívio Cruz Romão. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2022. (Obras incompletas de Sigmund Freud).

Freud, Sigmund. (1919/2017). Caminhos da terapia psicanalítica. *In: _____*. *Fundamentos da clínica psicanalítica* Tradução: Claudia Dornbusch. Belo Horizonte: Autêntica Editora,. (Obras incompletas de Sigmund Freud).

Freud, Sigmund. (1920/2020). Além do princípio de prazer. Tradução: Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica Editora. (Obras Incompletas de Sigmund Freud)

Freud, Sigmund. (1921/2020) Psicologia das massas e análise do Eu. *In: _____*. *Cultura, sociedade e religião: O mal-estar na cultura e outros textos*. Tradução: Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. (Obras incompletas de Sigmund Freud).

Freud, Sigmund. (1923/2011). O Eu e o Id. *In: _____* O Eu e o Id, Autobiografia e outros textos [1923-1925]. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras.

Freud, Sigmund. (1923/2011). Consciência e Inconsciente. *In: _____* O Eu e o Id, Autobiografia e outros textos [1923-1925]. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras.

Freud, Sigmund. (1924/2021). A perda da realidade na neurose e na psicose. *In: _____*. Neurose, Psicose, Perversão. Tradução: Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica Editora. (Obras Incompletas de Sigmund Freud)

Freud, Sigmund. (1925/2021). A negação. *In: _____*. Neurose, psicose, perversão. Tradução: Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica Editora. (Obras Incompletas de Sigmund Freud)

Freud, Sigmund. (1925/2011). Nota sobre o “Bloco Mágico”. *In: _____* O Eu e o Id, Autobiografia e outros textos [1923-1925]. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras.

Freud, Sigmund. (1927/2021). O humor. *In: _____*. *Arte, Literatura e os Artistas*. Tradução: Ernani Chaves. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2021. (Obras incompletas de Sigmund Freud).

Freud, Sigmund. (1930/2021). Dostoiévski e o parricídio. *In: _____*. *Arte, Literatura e os Artistas*. Tradução: Ernani Chaves. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2021. (Obras incompletas de Sigmund Freud).

Freud, Sigmund. (1930/2021). Prêmio Goethe. *In: _____*. *Arte, Literatura e os Artistas*. Tradução: Ernani Chaves. Belo Horizonte, MG: Autêntica. (Obras incompletas de Sigmund Freud).

Freud, Sigmund. (1930/2020). Cultura, Sociedade, Religião – O mal-estar na cultura e outros escritos. Tradução: Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica Editora. (Obras Incompletas de Sigmund Freud)

Freud, Sigmund. (1933/2010). Novas conferências introdutórias a psicanálise: conferência 31. *In: _____*. O mal-estar na civilização, Novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras.

Freud, Sigmund. (1937/2017). A análise finita e a infinita. *In: _____*. *Fundamentos da clínica psicanalítica* Tradução: Claudia Dornbusch. Belo Horizonte: Autêntica Editora., (Obras incompletas de Sigmund Freud).

Freud, Sigmund. (1937/2017). Construções na análise. *In: _____*. *Fundamentos da clínica psicanalítica* Tradução: Claudia Dornbusch. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2017. p. 365-382. (Obras incompletas de Sigmund Freud).

Freud, Sigmund. (1940/2019). Compêndio de psicanálise e outros escritos inacabados. Tradução: Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte: Autêntica. (Obras incompletas de Sigmund Freud).

Gay, Peter. (2012). Freud: uma vida para o nosso tempo. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras.

Gondar, Jô. (1995). Os tempos de Freud. Rio de Janeiro: Editora Revinter.

Iannini, Gilson.(2013). Epistemologia da pulsão: fantasia, ciência, mito. In: FREUD, S.. As pulsões e seus destinos. Tradução: Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte: Autêntica. (Obras incompletas de Sigmund Freud).

Iannini, Gilson; Tavares, Pedro Heliodoro. (2019). Freud e o infamiliar. In: _____. *O infamiliar [Das Unheimliche]*. Tradução: Ernani Chaves, Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte: Autêntica. (Obras Incompletas de Sigmund Freud).

Iannini, Gilson; Tavares, Pedro Heliodoro (2020). Para ler o mal-estar In: _____. Cultura, Sociedade, Religião – O mal-estar na cultura e outros escritos. Tradução: Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica. (Obras Incompletas de Sigmund Freud)

Iannini, Gilson. (2024). Freud no século XXI: volume 1, o que é psicanálise. Belo Horizonte: Autêntica.

Lacan, Jacques. (1953-1954). O seminário, livro 1: Os escritos técnicos de Freud 3. ed. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução: Betty Milan. Rio de Janeiro: Zahar, 1986. (Campo Freudiano no Brasil).

Lacan, J. (1953/1998). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: _____. J. Lacan. Escritos (pp. 238-324). Rio de Janeiro: Zahar.

Lacan, J. (1963/2005) O Seminário: Livro 10 – A angústia. Rio de Janeiro: Zahar (Seminário originalmente proferido em 1962-1963).

Lacan, J. (1966/2003). Respostas a estudantes de filosofia. In: _____. J. Lacan, Outros escritos. Rio de Janeiro: Zahar.

Lacan, J. (1973/2003). Introdução à Edição alemã de um primeiro volume dos Escritos. In: _____. Lacan, J. Outros Escritos. Rio de Janeiro: Zahar.

Lacan, Jacques. (1976/2007). O Seminário: Livro 23 - O sinthoma. Rio de Janeiro: Zahar Editora.

Lavelle, Patrícia. (2022). Walter Benjamin metacrítico: uma poética do pensamento. Rio de Janeiro: Editora PUC Rio.

Miller, J.-A. Marginália de “Construções em análise”. *Opção Lacaniana*, Revista Brasileira Internacional de Psicanálise, São Paulo, n. 17, p. 92-107, nov. 1996.

Miller, Jacques-Alain. (2014). O real no século XXI. In: _____. Um real para o século XXI. Belo Horizonte: Scriptum.

Milner, J.C. (2006) Os nomes indistintos. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2006.

MUSEI VATICANI. (s.d.). Gradiva. Chiaramonti Museum.

<https://www.museivaticani.va/content/museivaticani/en/collezioni/musei/museo-chiaramonti/gradiva.html>

Olivier, Laurent. (2022). La répétition dans les processus archéologiques. *Cliniques*, 14, 172-186. <https://doi.org/10.3917/clini.014.0172>.

Perelman, Chaim. (1999). Retóricas. São Paulo: Martins Fontes

Rancière, Jacques. O inconsciente estético. Tradução: Mônica Costa Netto. São Paulo: Ed. 34, 2009.

Rancière, Jacques. (2021) João Guimarães Rosa: a ficção à beira do nada. Belo Horizonte: Relicário (p. 52).

Ricoeur, Paul. (2000). A metáfora viva. São Paulo: Edições Loyola.

Simanke, Richard Theisen. (2020). Fontes científicas: “um reino de possibilidades ilimitadas”. In: _____. Além do princípio de prazer. Tradução: Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica Editora. (Obras Incompletas de Sigmund Freud)

Spence, Donald. (1992). A metáfora freudiana : para uma mudança paradigmática em psicanálise. Rio de Janeiro : Imago.

Stefano, Evangelista. Henry James’s Spectral Archaeology. *Transatlantica* [Online], 2 | 2015, Online since 01 June 2016, connection on 29 April 2021. URL: <http://journals.openedition.org/transatlantica/7791> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/transatlantica.7791>

Teixeira, Antônio. (2021). Posfácio. Neurose, Psicose, Perversão: a implicação do sujeito na nosologia freudiana. In: _____. FREUD S. Neurose, Psicose, Perversão. Tradução: Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica Editora. (Obras Incompletas de Sigmund Freud)

Wajcman, Gérard. (2016). A arte, a psicanálise, o século. In: _____. Lacan. O escrito, a imagem. Tradução: Yolanda Vilela. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

Zweig, Stefan. (2017). A cura pelo espírito. Em perfis de Franz Mesmer, Mary Baker Eddy e Sigmund Freud. Tradução: Alberto Dines. Rio de Janeiro: Zahar.

Zweig, Stefan. (2020). Freud por Stefan Zweig. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Zupančič, Alenka. (2022) Por que psicanálise? Três intervenções. São Paulo: LavraPalavra.